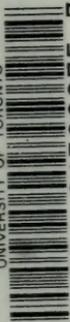


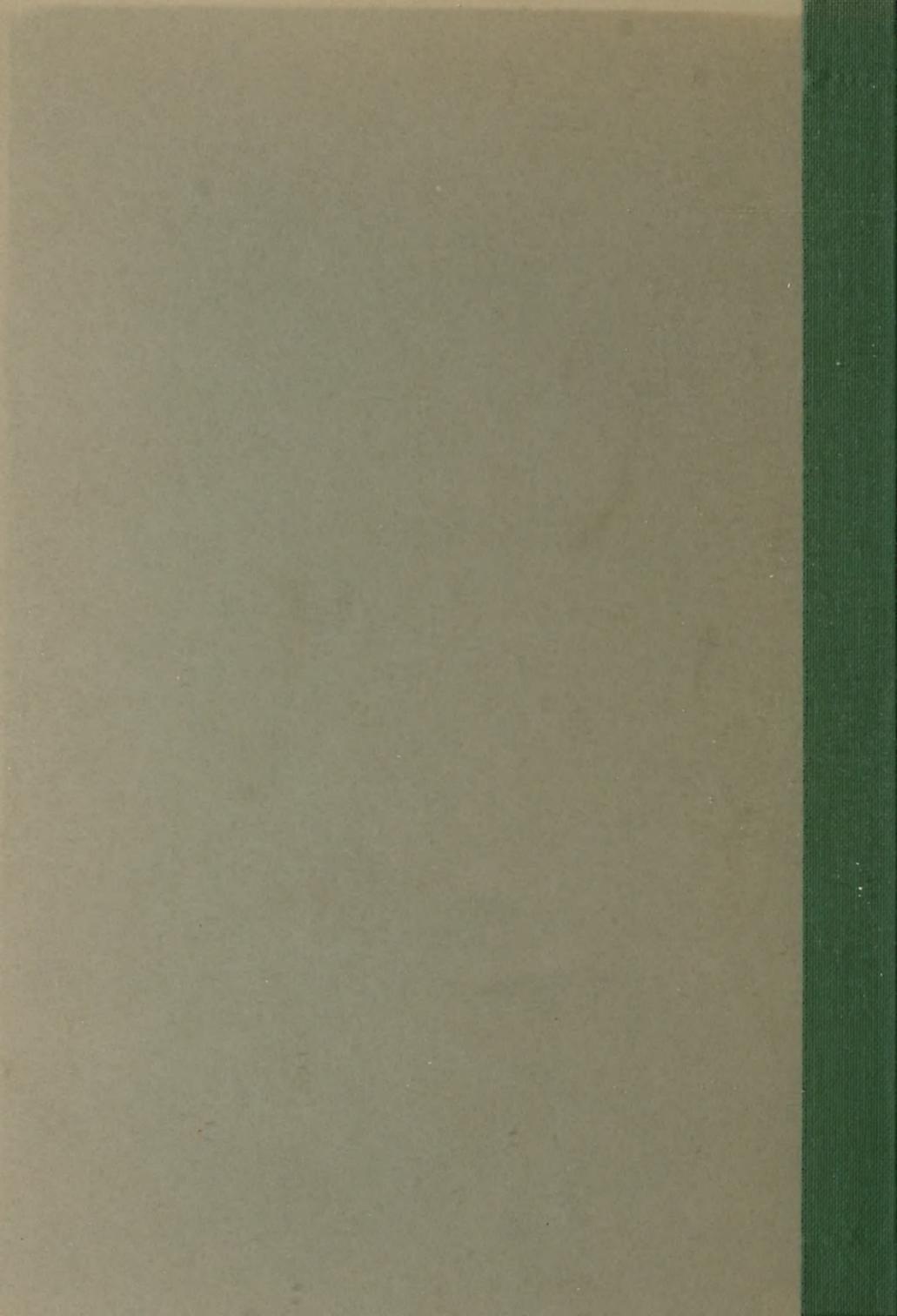
UNIVERSITY OF TORONTO



3 1761 01566975 7

Goes, Damião de  
Chronica d'el-rei  
D. Manuel

DP  
604  
G6  
1909  
V.3



IBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXI)

---

---

CHRONICA  
D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

---

VOL. III

---

*ESCRITORIO*

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—  
1909

THE HISTORY OF THE  
AFRICAN PEOPLE  
BY  
J. H. ROBERTS  
IN TWO VOLUMES  
VOLUME I  
THE AFRICAN PEOPLE  
FROM THE EARLIEST  
TIMES TO THE PRESENT  
BY  
J. H. ROBERTS  
WITH ILLUSTRATIONS  
BY  
J. H. ROBERTS  
LONDON  
LONGMANS, GREEN & CO.  
1911

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXI)

# CHRONICA

2823

## D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

---

VOL. III

---

*ESCRITORIO*

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—  
1909

BIBLIOTECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Impressão e Venda — Largo d'Alameda

(VOLUME LXII)

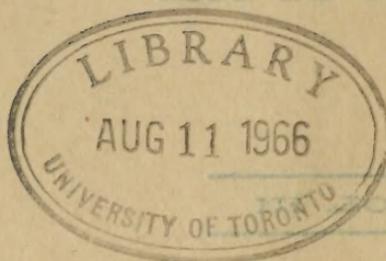
# CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

1105714

FOR

DAMIANO DE GORS



DP  
604

G6  
1909

v.3

ESCRITÓRIO

1473-RUA DOS RETROSINHOS=147

LISBOA

1909

BIBLIOTHECA  
DE  
**Classicos Portuguezes**

Proprietario e fundador  
*MELLO D'AZEVEDO*

BIBLIOTECA  
de  
Classicos Portuguezes  
Proprietario e fundador  
WALDO DAVILA EDO



## CAPITULO LXXIX

*Do sitio da Cidade de Couião e dos costumes dos  
Christãos que nella vivem, e de como Afonso Dal-  
buquerque foi la com tres naos, e do que fez.*

**H**A cidade de Couiam foi antigamente a mais  
rica, e prospera de toda a terra do Mala-  
bar, mas posto que ainda seja huma das  
principaes desfes muito nella a de Calecut, de pois  
que os mouros alli assentaram tratto, e o mesmo a de  
Cochim, depois que os Portugueses nella fizeram re-  
sidencia. Ha de huma a outra doze legoas, as casas,  
e pagodes sam como as das outras cidades do Mala-  
bar, tem muito bom porto, abastada de mantimentos,  
ha nella muitos mercadores christãos, mouros, e gen-  
tios. O Rei he rico, e poderoso, por caso dos muitos

portos do mar que tem onde ordinariamente entram muitas naos carregadas de mercadorias, de que lhe pagam direiios: traz sempre muita gente a soldo, tem muitas vezes guerra com os de Narsinga, o mais do tempo reside nas cidades do sertam, e na de Coulam tem sempre por regedores, e governadores pessoas principaes de seu regno, por ser de muito trato, e muito frequentada de estrangeiros. Neste regno de Coulam avia naquelle tempo mais de doze mil casas de christãos da crença dos que naquella provincia se converteram pela pregação do Apostolo S. Thome. Alem das Egrejas que tem pelo sertam, ha na cidade huma mui antiga, a qual dizem os christãos que fundou o mesmo Apostolo milagrosamente, e que jaz sepultado na cidade de Malapur, do senhorio del Rei de Narsinga na mesma costa, a egreja onde jaz he como as nossas, não tem outras imagens que cruces nos altares, e huma de pao grande no meo de aboboda, como tem todalas outras que ha naquellas provincias. Estava neste tempo em que lá foi Afonso Dalbuquerque toda cuberta de mato, por aquella Cidade ser muito pobre, e despovoada: tinha cuidado della hum Mouro que se mantinha desmolas que lhe faziam, assi christãos, como mouros, e gentios que alli vam em romaria, porque todos tem nella devaçam polos milagres que o Apostolo ahi faz. Dizem estes christãos que quando enterrarão o corpo deste bemaventurado Apostolo que nunca lhe poderam meter o braço direito debaixo da terra porque com este meteo os dedos no lado de nosso Senhor Iesu Christo, e que assi esteve muitos annos, ate que no tempo em que os Christãos conquistaram a India, foram alli ter alguns delles em romaria, os ques lhe quiseram cortar o braço pera o levarem consigo a suas terras por reliquia, e que em lho querendo cortar

sencolheo pera debaixo da terra, sem o ninguem mais nunca ver. Tem estes Christãos de Couião lenda da vida, e milagres deste Apostolo, e livros de costumes Ecclesiasticos, per que se regem, e governam acerca da religiam, do que tudo me pareceo asaz screver aquillo que abasta pera se saber onde jaz o seu corpo, e que há na quellas partes estes, e outros christãos, de que tratarei adiante. Mas tornando ao que toca aos negocios da guerra, que Afonso Dalbuquerque, e Francisco d'Albuquerque fazião a el Rei de Calecut foi em tanto crescimento, que os mercatores que acostumavam trazer pimenta a Cochim pelos rios abaixo, o nam ousavam fazer, porque os de Calecut matavam, e roubavam muitos delles, pelo que foi necessario ir Afonso Dalbuquerque carregar tres naos a Coulam, ao que o moveo ter-lhes a Rainha viuva, mãi del Rei scripto que fossem aquelle seu porto, e lhes mandaria dar toda a pimenta que lhes fosse necessaria, com quem foram Pero Dataide, e Antonio do Campo, onde em chegando Afonso Dalbuquerque o vieram os regedores da Cidade visitar a sua nao, offerecendo-lhe da parte da Rainha, e del Rei tudo o que lhe fosse necessario. Assi que feita ha carga, e assentadas pazes, e amizade com os regedores, elles em nome del Rei de Coulam, e Afonso Dalbuquerque em nome del Rei dom Emanuel, se partio pera Cochim, deixando alli Antonio de Sá de Santarem por feitor, e Rui Daraujo, e Lopo Rebello, por scrivães, e frei Rodrigo por capellão, e Rui Dabreu, e Gonçalo Gil com outros Portugueses, que seriam por todos ate vinte.

## CAPITULO LXXX

*De como se fezeram pazes entre os nossos, e el Rei de Calecut que se logo quebraram, e da partida de Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque pera o regno, e do que passaram na viagem.*

**E**L REI de Calecut arrependido da guerra que tinha com el Rei de Cochim, e com os nossos deseioso de paz, por saber que della lhe avia de seguir proveito, deu disso conta ao Principe Naubeadarim seu sobrinho, que sempre fora contrairo a esta guerra, per cujo conselho, e parecer se tratou com Francisco Dalbuquerque, com tanto segredo, que os mouros da terra o nam souberam se nam depois de ser assentada, e os contratos assinados, a força dos quaes era que el Rei de Calecut fosse amigo del Rei de Cochim, e mandasse logo recolher as armadas que trazia pelos rios, e que pela fazenda que fora tomada a Pedralvrez Cabral, quando mataram Aires Correa, daria logo mil, e quinhentos bahares de pimenta pera carga darmada, que faz cada bahar tres quintaes tres arrobas, e dezoito arratens de nosso peso, e de qualquer outra mercadoria quatro quintaes, e que nenhum mouro dos de Calecut podésse navegar pera o mar Darabia: nas quaes capitulações Francisco Dalbuquerque insistio muito por aver os dous Milaneses que se lançaram em Calecut, mas el Rei lhos não quis entregar, dando pera isso razões suficientes. Isto assi concluido, e assentado, Naubeadarim se foi a Cranganor per mandado del Rei seu tio, onde começou a fazer a entrega da pimenta, e tendo já dados oitocentos bahares a Duarte Pache-

quo Pereira, que lá a isso mandara Francisco Dalbuquerque, trabalhando pera ajuntar toda a somma, aconteceo que Diogo Fernandez Correa teitor de Cochim, sabendo que hia hum tone carregado de pimenta pera Cranganor, que era del Rei de Calecut, sem disso dar conta a Francisco Dalbuquerque, o mandou tomar por força, e trazer a Cochim, e porque os do tone se defendião, com dizer, que eram amigos del Rei de Calecut, com quem ja tinhamos paz, e que aquella pimenta era pera os Portugueses, e nada disto aproveitar, vierão ás mãos, no qual debate matarão os nossos seis dos Malabares, que hiam no tone, e ferirão outros, o que não foi sem os Malabares ferirem tambem muitos dos nossos, do que logo Naubeadarim se aqueixou a Francisco Dalbuquerque, pedindo-lhe que deste caso se fizesse emenda, para satisfação del Rei de Calecut, o que não fazendo, soubesse de certo, que segundo el Rei era de sua condição avia de quebrar as pazes, e vingarse dáfronta, que lhe era feita, ao que Francisco Dalbuquerque não satisfez, nem com obras, nem com palavras, pelo que logo el Rei de Calecut mandou soltar os paráos darmada pelos rios, e a guerra se renovou, per culpa dos nossos, a qual começada el Rei de Cochim dixe a Francisco Dalbuquerque, que a determinação del Rei de Calecut era em elle partindo da India, buscar todolos modos de o destruir, pelo que lhe pedia, que lhe deixasse companhia de Portugueses pera sua guarda, e defensam do seu regno, o que lhe prometteo fazer, mas a companhia não foi tal, qual pera hum tamanho negocio convinha, porque se partio com não deixar mais em seu favor, que huma nao, e duas caravellas, e hum batel grande de huma nao, com obra de cem homens Portugueses, afora cinquoenta, que ficavão na fortaleza, a capitania das

quaes quatro velas deu a Duarte Pacheco Pereira, que por serviço de Deos, e del Rei dom Emanuel a aceitou, sem arrecear o grande perigo em que ficava: os capitães das caravellas eram Pero Raphael, e Diogo Pirez. Isto feito, e chegado Afonso Dalbuquerque de Coulão com as tres naos que lá fora carregar, se partirão de Cochim pera Cananor, onde recebeu cartas de Rodrigo Reinel, que ficara em poder de Naubeadarim em Cranganor onde estava recebendo a pimenta quando se aguerra rompeo, porque o avisava do gram poder que el Rei de Calecut ajuntava contra el Rei de Cochim, e o mesmo aviso teve per cartas de Cojebequij, o Mouro nosso amigo, que morava em Calecut, mas nem isto aproveitou pera deixarem mais gente a Duarte Pacheco. Dalli se foram a Calecut, onde depois de surtos mandarão pedir a el Rei Rodrigo Reinel, e outros Portuguezes que stavam em seu poder, do que se excusou, pelo que por se passar o tempo da navegação nam quisera mais sperar. Tomada dalli sua derrota caminho do regno, partio primeiro Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque depois, ao derradeiro de Janeiro de mil, e quinhentos, e quatro, na qual viagem se perderão elle, e Nicolao Coelho sem se saber onde nem como. Pero Dataide se perdeu nos baixos de S. Lazaro, mas a gente se salvou com parte da qual se foi em hum zambuquo a Moçambique, onde morreo, e a outra se foi a Melinde. Antonio do Campo que Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque despacharão da India alguns dias antes que partissem (com as novas da perdição dos Sodres, e guerra dos Reis de Cochim e Calecut) chegou a Lisboa aos xvj. dias de Julho de M. D. iiii, e Afonso Dalbuquerque xxiiij. Dagosto do mesmo anno, o qual entre outras cousas que apresentou a el Rei forão dous cavallos

da Persia grandes, muito fermosos, e ligeiros, que el Rei estimou muito, por serem os primeiros que daquellas partes vieram a este regno.

## CAPITULO LXXXI

*Da viagem que Antonio de Saldanha fez á India, e do que passou ate la chegar.*

**D**EPOIS da partida de Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque, mandou el Rei tres naos a India, que antes que elles partissem se fazião prestes, de que deu a capitania a Antonio de Saldanha, os outros capitães que levava debaixo da sua bandeira erão Rui Lourenço Ravasquo, e Diogo Fernandes Peteira de Setuval. Esta capitania ordenou el Rei pera andar darmada desno cabo de Guardafum, ate as portas do estreito do mar Arabia, das quaes tres naos depois que partirão do porto de Bethelém, atraves do cabo verde, com temporal, se perdeu da companhia a de Diogo Fernandes Peteira, e sem se mais verem, foi ter a costa de Melinde, onde fez presas, e dalli se foi invernar a ilha de Çacotora, a qual ate aquelle tempo nenhuma das nossas naos fora ter donde depois de passado o inverno navegou perá India, estando lá Lopo Soares Dalvarenga prestes pera se partir pera o regno, como se ao diante dirá. Antonio de Saldanha seguindo sua viagem, per má navegaçam, e negligencia do Piloto, foi ter a ilha de Sam Thome, donde depois que partio se apartou delle com temporal Rui Lourenço Ravasquo, que elle depois achou em Melinde fazendo guerra a el Rei de Mombaça, em favor do de Melinde, como logo veremos. Navegando Antonio de Saldanha em busca

do cabo da boa Sperança, o Piloto o levou á quem, a huma enseada, dando-lhe a entender que o tinha passado, ao qual lugar pela auguoadá que nelle fez ficou nome dauguoadá do Saldanha. Partido dalli dobrou o cabo seguindo sua viagem, em que o deixaremos por fallar hum pouco no que aconteceo a Rui Lourenço Ravasquo depois que se delle apartou, o qual foi ter a Moçambique, e dahi a Quiloa, onde sperou xx. dias por Antonio de Saldanha, mas vendo que não vinha, se foi a ilha de Zamzibar, que he á quem de Mombaça vinte legoas, entre a qual, e a terra firme ha tam pouca distancia, que não pode passar nao nenhuma que se nam veja dambalas partes, pelo que se deixou alli andar dous meses em que tomou mais de xx. zambuquos que hiam carregados de mantimentos pera Zamzibar e os mais destes zambuquos resgatou a dinheiro, mas com que auçam isto podia fazer, defendeo o mao direito da guerra, e tirania della, porque o senhor de Zamzibar estava de paz com nosoutros, e nunca delle receberamos damno. Feitos estes males com os quaes assi este capitam, como muitos outros Portugueses, deram mais azo de sermos malquistos em toda a costa da Ethiopia, Arabia, Persia, India ate os Chins, que bem queridos, nem amados, Rui Lourenço costeou a Ilha, e foi surgir diante da Cidade de Zamzibar, a quem o senhor della mandou logo perguntar se era elle o capitam Portugues que lhe fazia guerra, sendo elle amigo del Rei de Portugal, e lhe tomava os navios que vinham de paz peraquella sua cidade, carregados de mantimentos, com tudo que lhe pedia que do passado se não fizesse caso, mas que a artelharia que tomara dos zambuquos lhe mandasse. A este recado respondeo Rui Lourenço mais aspero do que convinha, nam tendo conta com tam justa, e honesta petição, do

que se seguiu mandar sobrelle alguns paraos armados e equipados de gente, dos quaes Gomez Carrasco, scrivão da nao, e Lourenço Feo tomaram com o batel da nao quatro que trouxerão a bordo. e os outros desbaratados se tornaram perá terra, com lhe os nossos matarem alguns as bombardas entre os quaes foi hum filho do mesmo senhor da Ilha pelo que temendo que lhe fizessem mais damno, lhe mandou pedir paz, o qual recado Rui Lourenço tomou na sua nao, cuja substancia foi, que não respeitando a perda que tinha recebida, nem a morte de seu filho, e dos que com elle morreram, queria ter paz com el Rei de Portugal, a qual lhe Rui Lourenço concedeo, com ficar tributario cadãno em cem Miti-quaes douro, pagando logo os daquelle anno. Feitas estas pazes, Rui Lourenço se foi pera Melinde, em busca Dantonio de Saldanha, onde achou o Rei nosso amigo de guerra com o de Mombaça por caso damizade que tinha com os Portugueses, pelo que por assi parecer bem a el Rei de Melindé se foi lançar diante da cidade de Mombaça, onde tomou duas naos e tres zambuquos, em que vinhão doze mouros principaes da cidade de Brava, situada abaixo de Melinde cem logoa, e por questes eram as pessoas principais daquella cidade de Brava, e tras elles seguia huma nao sua delles carregada de mercadorias, com medo que lha tomasse Rui Lourenço, allem de resgatarem suas pessoas, se obrigaram a fazer a mesma cidade tributaria a el Rei dom Emanuel em quinhentos mitiquaes douro cadanno, pedindo logo a Rui Lourenço huma bandeira das armas do regno, pera dalli por diante poderem navegar seguros das nossas armadas, a qual lhe elle deu. Estando nestes concertos chegou a mesma nao ao porto, a qual lhe Rui Lourenço entregou livremente, sem del-

lá querer tomar cousa nenhuma, pelo que se partiram delle mui contentes. Andando assi occupado Rui Lourenço, chegou Antonio de Saldanha a Mombaça com tres naos que tomara depois que partira de Quiloa, com a vinda do qual temendo el Rei de Mombaça mores damnos pelo mar, dos que ja tinha recebidos, fez pazes com el Rei de Melinde, as quaes assentadas, e juradas Antonio de Saldanha, e Rui Lourenço se partiram perá India, onde chegaram com algumas presas que fezerão desna cidade de Mette que he allem do cabo de Guardafum, ate as ilhas de Canacania, e de Anchediva, dos quaes se dira em seu lugar.

## CAPITULO LXXXII

*Da morte de Dom Afonso Condestabre de Portugal, e da Rainha de Castella donna Isabel, e do nascimento da Infante donna Beatriz.*

**A**TRAS fica dito como o Condestabre dom Afonso casou com donna Ioanna de Noronha, filha de dom Pedro de Meneses, primeiro Marques de villa Real, o qual Condestabre estando em Beja, moço, e na frol da sua idade veo adoecer de doença de que morreo no mesmo lugar, no mes Doctubro destanno de M. D. iiij. de cuja morte el Rei mostrou grande sentimento, por lhe ser muito afeiçoado. Deixou huma só filha per nome donna Beatriz, que allem de ser muito discreta, foi huma das fermosas, e bem dispostas molheres, que em seu tempo ouve nestes regnos, com as quaes partes, e nobreza de sangue, e bom dote que tinha trouxe sempre opi-

nião de casar com o Infante dom Fernando, filho terceiro del Rei dom Emanuel, posto que fosse muito mais moço quella, mas por lhe isto não succeder a vontade casou depois com dom Pedro de Meneses, seu primo com irmão, Conde Dalcoutim, filho herdeiro de Dom Fernando segundo Marques de villa Real, como se ao diante dirá. No mesmo anno de M. D. iiii. faleceo em Medina del Campo a Rainha donna Isabel, cuja morte sencobrio na corte por caso da Rainha donna Maria sua filha andar prenhe, e quasi nos derradeiros dias em que sesperava o parto, no qual Deos a alumiou a huma quarta feira derradeiro dia de Dezembro destanno, estando ella, e el Rei em Lisboa nos paços Dalçaçova, onde pario huma filha a que poseram nome donna Beatriz, que depois casou com dom Carlos Duque de Saboya, do qual casamento se tratará em seu lugar. Neste anno ouve nestes regnos grandes, e espantosos terremotos, com que cairam muitos edificios, de maneira que os homens tomavam por partido abitar nos campos, fora de suas casas, e longe das montanhas, com medo que assi humas como as outras caissem sobrelles.

## CAPITULO LXXXIII

*De como Dom Ioam de Meneses foi por mar a Larache, e do que ahi fez.*

LARACHE he huma villa forte sobre hum rio a cinco legoas Darzilla, em que se recolhem muitas fustas, das que andam a saltear, onde neste tempo estavam quatro caravellas que os mouros tinham tomadas de Portugal, do que dom Ioam de Meneses estava tam magoado que determinou de ir sobresta villa, o qual desejo se lhe acrescentou, vendo hum dia passar por diante Darzilla huma gale Real Dalmandarim alcaide de Tetuão, e cinco galeotas, que iam pera Larache, as quaes na mesma noite mandou espiar per terra, e soube como os mouros vararam as galeotas entre as caravellas, e que ha Real tinham mais perto daguoa apar de hum baluarte, que está na entrada do rio, que guardavam soldados com muita, e boa artelharia, o que sabido armou tres caravellas, que estavam no arrecife, e com outras tres de que era capitão Garcia de Mello, anadel mór dos besteiros da faldrilha, que andava neste tempo no estreito, partio Darzilla aos xxiiij, de Julho do anno de M. D. IIII. vèspora do dia da festa de Santiago Apostolo, mandando per terra cinco de cavallo a ver se has galés estavão ainda varadas como dantes, e na mesma noite mandou o batel a terra a tomar falla dos espias, que lhe affirmaram ho que os outros espias tinham dito, o que sabido fez meter as velas, e ao outro dia amanhaceram elle, e Garcia de Mello sobela barra de Larache, junto com o baluarte, mas os mouros que o guardavam conhe-

cendo que as caravellas eram de Christãos começaram de as servir com artelharia, o que vendo dom Ioam, fez guarnecer com colchões, e saquas de lãa, que pera isso trazia, os costados de huma caravella, e como lhe servio a maré mandou ao capitão que se fosse poer defronte do baluarte, pera has outras passarem mais seguras por detras della, as quaes todas forão bem servidas de bombardadas, e frechadas do baluarte, e da gale Real Dalmandarim, com tudo elles passaram, e forão surgir adiante, e em surgindo, por o rio ser alcantilado, saltaram muitos em terra, ao que os mouros acodiram, mas aproveitoulhes pouco, porque ás lançadas, e espingardadas se foram recolhendo contra a gale Real, pondose diante della estes, e outros que se alli mais ajuntáram, com tençam de ha defender do fogo se lho os Christãos quisessem poer, no qual lugar se travou huma brava peleja, em que forão feridos, e mortos muitos delles, ate que a mal de seu grado desempararão a galé, a que se logo pos o fogo de que ardeo toda, e lhe tomaram as cinco galeotas que estavam varadas em terra, e dous bargantins, e huma das quatro caravellas, que elles tinham tomadas, e ás tres por estarem em parte que se não podião tirar, poseram tambem o fogo. O que assi feito, dom Ioão, porque recrecia muita gente dos mouros, servindolhe a mare, mandou recolher os seus, e o mesmo fez Garcia de Mello, e assi se sairão do rio a seu salvo, sem lhe matarem mais que hum só homem, com a qual victoria pos muito espanto aos mouros, porque a dom Ioão ate então nunca lhe tal acontecera naquelle porto, nem sei se aconteceo depois, e assi se veo Arzilla, onde entrou no arrecife com onze velas, partindo da villa com tres, e Garcia de Mello ficou no mar com as suas tres caravellas guardando o estreito, como o dantes

fazia. Com esta nova foi el Rei dom Emanuel mui alegre tendo as cousas de dom Ioam em tanto, que avia mui poucas pessoas no regno de que môr confiança tivesse, que delle, em todos los negocios, que tocavão aos feitos da guerra, na qual foi sempre mui sagaz, deligente, e bem escançado ate ha hora de sua morte, como se no discurso desta Chronica verá.

#### CAPITULO LXXXIV

*De como dom Ioam de Meneses foi sobre humas aldeas de Mouros, e do que passou nesta entrada.*

**N**A serra do Farrobo, a cinco legoas Darzila, estão as aldeas de Aljubilia, e Archana, pelo pé da qual serra passa hum rio que de inverno nam tem vao, do que confiados os mouros, estavam nesta sazam fora de cuidar que os Christãos ousassem de cometer a ribeira, lançando seu gado de longo della, andando elles mesmos no campo folgando, e caçando sem nenhum receo. Dom Ioão como era cavalleiro, nam podia sofrer as novas que lhe cada dia os escutas disto davam, pelo que propos de os ir buscar, pera o que mandou logo fazer em sua casa no môr segredo que pode duas barcas quadradas, de grandura que podesse cada huma dellas ir em sua azemala, as quaes acabadas, sperou huma noite de çarração, e tempestade em que mandou tanger as trombetas a cavalgada, do que os fronteiros, e moradores, ficaram espantados por a noite não ser de calidade pera ninguem ousar sair de casa, mas confiados no saber, e esforço de dom Ioam, sem ne-

nhum lhe perguntar o que queria fazer, se poseram todos a cavallo, dos quaes levou consigo duzentos, e vinte, e sendo ja afastado da villa lhes dixe ao que hia, e a causa pera que levava as duas barcas, rogando-lhes, que se na companhia ouvesse quem arreceasse de ser com elle no feito, que dalli se podia tornar, o que nenhum fez, mas antes lhe responderam todos, que se necessario fosse passarem outra mor ribeira, e seguir mais adiante, que elles o farião, o que dito caminharam ate chegarem á ribeira, que acharam muito temerosa, por caso da agoa que crecera com a chuva, mas posto que muita fosse, e a chuva não cessasse, em chegando mandou a hum seu criado por nome Fernão de Freitas, que passasse a nado com huma corda nos dentes, ate huma coroa que estava allem da vea da agoa, pera por alli allar huma das barcas, que hia atada a esta corda, e ficava amarrada a outra, com as quaes allando, e puxando passou toda a gente com as sellas dos cavallo, e elles á toa. Como dom Ioam se vio da outra banda começou dencaminhar per huma varzea, que per espaço de mea legoa estava alagada da chea, e a lugares tão alta que dava a agoa pellas cilhas aos cavallo, e foi tamanho o medo que a ribeira pos a todos que muitos se tornaram se nam ouverão vergonha de o fazer. Passada a agoa se forão em ordenança poer em cillada sobelas as aldeas, e como se os Mouros nam temiam, em amanhecendo sairão a caçar, e folgar pelo campo, e a suas oras acostumadas lançarão o gado a pacer; mas em todo este tempo nam quis dom Ioam de Meneses sair a estes, sperando que decessem mais das aldeas, a qual hora acertaram de vir dous caçadores dar sobella cilada, pelo que lhe foi forçado descobrirse, e correr aos que ja andavam pello campo, de que os nossos ma-

taram muitos, e captivaram sessenta almas, e trouxeram muito gado grosso, que fizeram passar a agoa a nado, e elles, nas barcas, sem lhes das aldeas sair quem lho estorvasse, e assi chegarão Arzilla ja tarde, onde os tinham por perdidos, por caso da muita agoa que aquella noite chovera, cuidando que se perderião no rio, ou que se o passassem que não poderião tornar á quem, e que ás mãos os tomarião os Mouros daquellas aldeas, por serem muito povoadas, e aver per toda aquella comarca mui boa gente de guerra.

### CAPITULO LXXXV

*De como depois da partida de Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque se renovou a guerra entre os Reis de Calecut, e de Cochim, e do que Duarte Pacheco Pereira nisso fez.*

**D**UARTE Pacheco com a sua nao e caravella de Pero Raphael, porque a outra de Diogo Pirez ficou em Cochim pera a concertarem, acompanhou Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque em quanto estiveram em Cananor, e no porto de Calecut. Depois da partida dos quaes se tornou pera Cochim por caso da guerra que o Comorij Rei de Calecut queria outra vez começar, onde em chegando el Rei o veo receber, e lhe dixe a certeza que tinha da guerra: e como desesperado de se poder defender lhe pedio afincadamente que o desenganasse, se era verdade que o avia dajudar nestes trabalhos, ou se eram somente mostras o que andava fazendo, pera o entreter em palavras, ate se ir pera Cananor, ou Coulam, porque com tam pouca gente,

e navios como lhe deixarão Afonso Dalbuquerque, e Francisco Dalbuquerque, duvidava que ousasse de pelejar com o poder del Rei de Calecut. Duarte Pacheco, que sobre ser muito bom cavalleiro era demasiadamente colerico, e agastado, movido destas palavras, segundo se nelle vio, esteve quasi pera remeter a el Rei: com tudo cheo de colera lhe dixe, que conflava tanto em Deos que avia de prender el Rei de Calecut, e preso o mandar a Portugal, que descansasse, e fizesse sua gente prestes, que quanto á Portuguesa nam tinha que duvidar. Acabada esta practica el Rei se recolheo pera seus paços, e Duarte Pacheco perá fortaleza, e porque lhe dixerão que os mouros de Cochim com medo del Rei de Calecut se queriam ir todos da cidade, mandou chamar alguns delles a casa de hum dos principaes per nome Clinamacar, onde lhes fez huma falla, exortandoos a se não irem dandolhes razões porque o não deviam fazer, na fim das quaes lhes dixe que jurava per sua lei, que os que se fossem, e depois achasse, que os avia denforçar a todos, e que o mesmo faria logo aos que soubesse de certo que querião desemparar a cidade. Com esta falla, huns per medo, e outros per vontade lhe prometeram de se nam irem pera nenhuma outra parte, e que por serviço del Rei de Portugal, e do de Cochim poriam as vidas, e fazendas. Isto acabado Duarte Pacheco, que em outra nenhuma cousa tinha o sentido, senam em como avia denojar el Rei de Calecut, entrou algumas vezes pelas terras de Repelim, e outras de seus alliados, e vassallos, nas quaes entradas fez muito damno, e queimou muitas povoações, tornando sempre victorioso a Cochim, posto que em huma entrada destas que fez em Repelim lhe ferissem oito dos seus, com as quaes victorias alegrava toda a cidade, e sobre todos el

Rei, que ja começava ter nelle mais confiança do que lhe pouco antes dera a entender. O Camorij Rei de Calecut sabendo o estrago que Duarte Pacheco fazia em suas terras, apressouse o mais que pode, com hum grossa armada per mar, e per terra ate chegar a Repelim, com tenção de entrar na ilha de Cochim, pelo passo de Cambalam, do que certificado Duarte Pacheco per cartas de Rodrigo Reinell, que depois morreo em Calecut, e de Cojebequij, ordenou a gente que avia de ir com elle pera defender o passo, e deixar na sua nao, e fortaleza pelo modo seguinte. Na nao deixou xxv. homens com o mestre Diogo Pereira, que ficou por capitão, com muita artelharía, e munições de guerra em guarda da cidade. Na fortaleza deixou por capitam Diogo Fernandez Correa feitor, com trinta, e nove homens, em que entrava Lourenço Moreno, e Alvaro Vaz scrivães da feitoria. Consi-go levou a caravella de que era capitam Pero Raphael, com vinte seis homens, e dous bateis, e por capitão de hum, Diogo Pirez com xxiiij. homens, aquem mandou que andasse nelle, ate ser concertada a sua caravella, no outro batel hiam xxij. homens em que entrava o mesmo Duarte Pacheco dos quaes era hum Simão Dandrade, que posto que ainda fosse mancebo ja naquelle tempo dava mostras de quam bom cavalleiro depois sahio. Hião nesta pequena armada lxxiiij. homens Portuguezes com os capitães, todos confessados, comungados, e ajuramentados de morrerem huns pelos outros antes que se deixarem captivar, nem cometerem cousa que prejudicasse a suas honras. El Rei de Cochim estava na cidade quando se Duarte Pacheco desamarrou de diante da fortaleza, e em chegando onde elle estava o veo receber á praia com muita alegria, mas quando vio questava posta a speranza de se perder, ou ficar em seu regno, em

huma tam pequena companhia, em comparaçam do exercito del Rei de Calecut, que com sua gente cobria a terra, e com os paraos intopia os rios do Malabar, com as lagrimas nos olhos lhe pedio, que pois já delle, nem de seu regno se não podia fazer conta, nem em todos elles avia poder, nem resistencia contra seu imigo, lhe rogava que com os seus buscasse modo de se salvar, que pois ja estava certa sua perdiçam, e de todo seu estado, que proveito se lhe podia seguir de perecerem em suas terras, sem lhe poder valler homens, a que tanto bem com razão queria, vendoos tam animados a morrerem, polo livrarem dos trabalhos, e perigos em que o sua triste ventura tinha posto. Duarte Pacheco posto que muito esforçado fosse não ficou sem fazer mudança, nam pelo receo dos perigos que lhe estavam aparelhados, se nam pela compaixão que ouve del Rei, e dos que junto delle estavam, a que todos via com muito menos esforço do que davam a entender as palavras del Rei, com tudo lhe dixe que nam desconfiasse porque a força daquella armada estava no poder de Deos verdadeiro, que os Portugueses criam, e adoravam o qual speravam que confundiria el Rei de Calecut, e faria falsas totalas speranças que lhe seus feiticeiros davam, do successo desta guerra que tinha começada, e que isto era quanto a Deos que podia tudo, mas que quanto aos homens, que aquelles seus erão tão esforçados, e o passo onde hia sperar el Rei de Calecut tam estreito que nelle esperava de o desbaratar, sem nenhuma outra ajuda. Com estas e outras palavras o consolou o melhor que pode, fallando sobelo modo que cada hum delles devia ter nesta guerra, perá qual el Rei nam tinha mais que cinco mil naires, por caso de muitos dos seus se lançarem com o Camorij. Destes deu quinhentos a Duarte Pa-

checo, que levou com sigo na caravella, e bateis, e em navios da terra, de que erão capitães Candagora, e Frangora seus veadores da fazenda, e o Caimal de Palurt, e o Panical Darraul, aos quaes mandou que em tudo obedecessem a Duarte Pacheco, que com esta companhia partio de Cochim de noite huma sexta feira ante do Domingo de Ramos, dezaseis dias do mes de Março de M. D. iiii. e duas horas antes do dia chegou ao passo de Cambalam.

## CAPITULO LXXXVI

*Do que Duarte Pacheco fez depois de chegar ao passo de Cambalam, e de como o Camorij, Rei de Calecut o cometeo a primeira vez, e foi desbaratado.*

**E**M Duarte Pacheco chegando ao passo de Cambalam, esteve ate o romper da alva no meo do rio, e em amanhecendo se chegou perá terra, onde achou no porto bem oitocentos Naires dos del Rei de Calecut, que as frechadas, e as espingardadas lhe quiseram tolher que nam desembarcassem, mas em chegando ao porto despararam a artilharia, com que se os imigos fizeram atras, dando-lhes lugar pera desembarcarem: mas depois que os viram em terra, voltaram sobrelles, em que a peleja durou per espaço de mea hora, ate que se poseram em fugida com deixarem alguns mortos no campo. Isto feito, e posto fogo a huma povoaçam que ahi estava junto se recolheram os nossos pera o passo levando consigo algumas vaquas pera mantimento, o que lhes os Naires de Cochim estranharam muito,

por terem os Malabares por religião nam matarem vaqua, nem lhe comerem a carne. Recolhido Duarte Pacheco ao passo, no mesmo dia a tarde lhe chegaram quinhentos Naires del Rei de Cochim, em companhia dos quaes vinha Lourenço Moreno com quatro espingardeiros Portugueses. Quando Duarte Pacheco chegou a este passo de Cambalão não era ainda vindo el Rei de Calecut, o qual ao outro dia appareceu defronte donde os nossos estavam, com a companhia seguinte. Bertacorol, Rei de Tanor com quatro mil Naires, Catanambari Rei de Bipur, e de Cucuram, junto da serra de Narsinga, com doze mil naires, Cocagatacol Rei de Cotagom, antre Cananor, e Calecut, junto da serra, com dezoito mil Naires, Currivacuil Rei de Curiga, entre Panane, e Cranganor, com tres mil Naires. Estes trazião sua gente, e bandeiras separadas cada hum por sim, e debaixo da bandeira del Rei de Calecut vinha Nambeja seu sobrinho, Paramhira senhor de Cranganor, que agora he regno, Papucol senhor de Cahliam entre Calecut, e Tanor, Parinhara mutacoil senhor da terra que está entre Cranganor, e Repelim, Benara senhor de Nambeadarim acima de Panane perá serra, Nambir senhor de Benalacheri, Papapucol senhor de Bipur, antre Cani, e Calecut, Papucol senhor de Papurangari, o Catual de Maugatenara, e outros muitos caimães. A qual companhia que vinha pera terra, debaixo da bandeira del Rei de Calecut passava de vinte mil homens, entre Naires, e Mouros, de que no exercito avia bom quinhão. A do mar era de cento, e sessenta navios de remo, em que entravam setenta, e seis paraos, com arrombadas de artelharia não fazer nojo. Este ardil lhe deram os dous lombardos Milaneses, que andavam em seu serviço. Cada parao destes levava duas bombardas, vinta cinco frecheiros,

e cinco espingardeiros, vinte destes paraos hiam encadeados pera afferrarem a caravella, allem destes setenta, e seis paraos hiam cincoenta, e quatro catures, e trinta tones de coxia larga com cada hum sua bombardarda, e desaseis homens de peleja. Nesta armada do mar avia mais de doze mil homens de guerra, de que era capitam o Principe Naubedarim, sobrinho, e herdeiro del Rei de Calecut, e por sota capitam Elancol Nambedarim senhor de Repelim, de modo que a gente que nestes dous exercitos do mar, e terra andava em serviço del Rei de Calecut, passaria de setenta mil homens de peleja. Allem desta tamanha multidam de gente, e navios mandou el Rei de Calecut, per conselho, e ordenança dos dous Lombardos Milaneses, fazer de noite hum baluarte de terra, e madeira defronte do passo onde os nossos estavam, de que no tempo dos combates recebião muito damno, por aver de huns aos outros muito pouco espaço. Duarte Pacheco como soube da chegada del Rei de Calecut, e da frota que vinha sobrelle, mandou dar cabos da caravella a hum dos bateis, e daquelle ao outro guarnecidos com cadeas de ferro grossas, com que tomavam todo o passo, na qual ordem, com muitas bombardadas, receberam esta armada del Rei de Calecut, de que em chegando arrombaram alguns paraos, e mataram muita gente, sem dos nossos perigar nenhum. A multidam dos imigos era tanta que se embaraçavão huns com os outros, com tudo a jangada dos vinte paraos, que vinham encadeados, se adiantou de toda a frota chegando perá nossa caravella, e bateis, tirando muitas bombardadas, com que davam assas de trabalho aos nossos. Mas avendo ja bom pedaço, que de huma, e da outra parte servia a artelharia, de maneira que com o fumo, e fogo da polvora se nam viam huns aos outros, mandou

Duarte Pacheco tirar com um camello que ainda nam descarregara, o que se fez em tam boa hora, que do segundo tiro desmanchou de todo a jangada, arrombando quatro paraos que logo se foram ao fundo. Estes desbaratados, se começou a chegar outra quadrilha de paraos, dos quaes os nossos arrombaram treze, e meterão treze no fundo. Nestes dous desbaratos mataram muitos dos imigos, e os fizeram afastar, o que vendo o senhor de Repelim, elle em pessoa acodio com huma grossa frota de paraos, catures, e tones, e o mesmo fez el Rei de Calecut pela banda da terra. Este foi hum bravo, e perigoso combate, porque damballas partes eram os nossos comeditos, de modo que quasi se tiveram por desbaratados: mas assi como a pressa era grande, assi lhes dava Deos mór esforço. Isto era ja depois de vespera, ate o qual tempo se achou terem os nossos morto trezentos, e cincoenta homens conhecidos, afora outros vulgares que passavam de mil, dos nossos por milagre de Deos não morreo nenhum, e poucos foram feridos, hum dos nossos bateis foi arrombado dos tiros dartelharia dos imigos, mas não tanto que o nam concertassem antes que anoitecesse. Candagora, e Frangora, capitães del Rei de Cochim, que a todos estes combates se acharam na caravella (porque os outros Naires que hiam nos paraos, e catures fugiram com medo o dia, que el Rei de Calecut chegou ao passo) vendo a victoria que Deos dera aos nossos, e quam esforçadamente o fizeram, ficaram espantados, pedindo perdam a Duarte Pacheco da desconfiança que tiveram d'elle poder desbaratar tanta multidad de gente. Com a nova de tamanha victoria foi el Rei de Cochim mui ledo, pelo que mandou ao Principe de Cochim que fosse logo visitar Duarte Pacheco, disculpandose de o não fazer elle em pes-

soa, por ficar em guarda da cidade. Os nossos avida a victoria, posto que ficassem muito quebrantados do trabalho nem por isso deixaram de cantar, e folliar toda aquella noite, e tocar as trombetas, e com isto dar com martellos nartelharia, e fazer roido com cadeas de ferro, que avia nos navios pera assi espantarem os imigos cuidando que fazião elles alguma machina pera os combaterem ao outro dia, no qual vendo Duarte Pacheco, que nem per mar, nem per terra o vinham cometer, se foi depois de vespera em hum dos bateis dar em huma povoaçam do Caimal de Cambalam, a qual posto que achasse resistencia mandou poer fogo. Ao outro dia chegou a caravella que ficara em Cochim, a qual Duarte Pacheco, que per terra tinha aviso que era partida, foi buscar ao caminho, onde el Rei de Cochim o veo ver, e depois de terem praticado em seus negocios, se despedio delle, e trouxe a caravella ao passo de Cambalam, que logo entregou a Diogo Pirez cuja a capitania era, e a do batel a Christovão Iusarte, e posto que el Rei de Calecut per conselho dos seus feiticeiros, em toda esta somana nam cometeo o passo, Duarte Pacheco nam deixou entre tanto de fazer seu officio, entrando pella terra de Cambalam, fazendo muitos saltos, em que queimou alguns lugares da Ilha, de bom despojo, tornando sempre vitorioso.

## CAPITULO LXXXVII

*Do segundo, e terceiro combate, que o Camorij Rei de Calecut deu aos nossos, em que tambem foi desbaratado.*

**E**L REI de Calecut injuriado de tamanha afronta como a que recebera dos Portugueses, propositos de logo ao dia seguinte os tornar a cometer, mas per conselho dos seus feiticeiros o nam fez, dendo-lhe dia certo em que lhe prometiam a victoria. Este dia era o de Pascoa tam solemne á nossa religiam, que se podia esperar nelle a victoria com mor certeza que em nenhum outro, no qual em amanhecendo appareceo huma muito môr armada que a primeira, esta era de cem paraos e cem catures, e oitenta tones, em que avia mais de quinze mil homens de peleja, de que os cinco mil eram frecheiros, e duzentos espingardeiros, e os outros despada, rodella, e lança, afora bombardeiros que serviam a trezentos, e oitenta tiros dartelharia falcões, e berços, os mais de metal que fundirão os dous lombardos Milaneses. E pera que el Rei mais facilmente podesse desbaratar os nossos, mandou a hum dos seus capitães que com setenta paraos fosse cometer a nao que ficara de guarda da cidade de Cochim, pera que Duarte Pacheco deixasse o passo, por lhe socorrer, e elle se deixou ficar com toda a outra armada no rio de Repelim. Estes paraos foram buscar a nao per hum estreito que se vai meter no rio de Cochim, per onde el Rei de Calecut tambem podera passar com toda a sua armada, e o fezera, se lhe nao parecera fraqueza mudar o proposito que tinha de passar por

aquelle de Cambalam, os quaes paraos passaram de noite sem serem sentidos, pelo que em chegando a nao a cometerão mui bravamente, do que a nova per via del Rei de Cochim com muita diligencia chegou a Duarte Pacheco as nove horas do dia, que com este recado ficou muito suspenso, por ver que era ardil de guerra que el Rei de Calecut cometera pera lhe enfracuecer o passo, e o entrar. Com tudo per conselho, e parecer de todos foi socorrer a nao com a caravella de Diogo Pirez, e batel de Christovão Justarte, a qual achou em tamanho aperto que se mais tardara difficilmente se podera defender, mas tanto que os imigos o viram largaram a nao fugindo perá banda de Repelim. Duarte Pacheco os nam quis seguir, nem menos entrar na nao, porque ja ouvia tom de bombardas o que lhe pareceo que seria no vao de Cambalam, pelo que logo voltou, e servindolhe a viraçam chegou a tempo bem necessario, porque os imigos tinhão passado a caravella ao lume dagoa a força de bombardadas e desfeitas as arrombadas, e assi as do batel, e per mar, e per terra combatião os nossos com tanto impeto, que se elle nam chegara ao tempo, que chegou, o passo fora entrado, mas em chegando deu nas costas dos imigos, e os que estavam o passo na dianteira de modo que os fizeram fugir todos, huns pelo rio arriba, e outros varar em terra. Neste combate perderão os imigos dezanove paraos, entre queimados, e alagados, e morrerão duzentos, e noventa, e dos nossos per milagre de Deos nenhum, porque em muitos deram os pilouros nas cabeças, braços, peitos, pernas, e per todo o corpo sem lhes fazerem nojo, passando delles adiante tam furiosos que desmanchavão, e quebravão as padesasdas em pedaços, no que se claramente vio que Deos era o que pelejava por elles. El Rei de Calecut ven-

do quanto ao contrario do que sperava lhe succederão os dous combates, como de sua condiçam era vario, quisera desistir desta guerra, e a mesma vontade achou em muitos dos seus: com tudo aconselhado pelos mouros determinou cometer a terceira vez o passo trazendo toda sua frota ordenada em esquadrões. Duarte Pacheco mandou aos das caravellas, e bateis que não tirassem, nem se mostrassem senam quando o elle dicesse, o que vendo os imigos que estavam em terra cuidarão que o fazjam com medo pelo que dando huma grande apupada se chegarão pera o passo, e o mesmo vinhão fazendo os navios de Calecut, tão confiados todos, que sem nenhuma ordem chegarão aos nossos a tiro de lança, então mandou Duarte Pacheco dar huma grande grita, e disparar a artelharia contra os da terra, e do mar, de que subitamente matarão tantos, e arrombarão tantos navios dos de Calecut, que todos, assi huns, como outros deixarão o combate a quem mais depressa fugiria, o que vendo o Caimal de Repelim que era capitão destes navios que cometerão primeiro, os fez outra vez em corpo, começando de novo a esbombardear os nossos, mas el Rei de Calecut anojado por se isso fazer de longe, e que não ousavão de chegar ao passo, mandou ao Principe Naubedarim, que era capitão geral da armada do mar, que se fosse peraquella banda, e que o senhor de Repelim pois o fazia tam mal se tirasse dali, do que ficou mui afrontado, e agraviado, mas Naubedarim fez tanto como o outro, porque ainda que viesse com toda a frol da armada, foi tambem recebido dos nossos com pelouros de bombardas que nunca nenhum dos da sua companhia, per muito que os elle animasse, e ameaçasse, ousou de chegar ao passo, mas antes vendose tam maltratados, se poseram em fugida.

Foi tamanho o medo deste desbarato que o mesmo Rei de Calecut desesperado, e com medo de lhe tomarem a artilharia que estava no baluarte que mandara fazer defronte do passo, a mandou tirar dalli, e levou consigo retirandose do campo como homem desbaratado. Perderam os imigos desta vez vinte, e dous paraos, e outros navios, e como se soube por certo, morreram delles mais de seis centos. Duarte Pacheco nam contente deste desbarato, foi ainda seguindo os imigos hum bom pedaço ás bombardadas, e sobre isso saltou em terra, onde queimou dous lugares sem achar nenhuma resistencia, o que feito se tornou ao passo já as quatro horas depois do meo dia, que tanto durou este negocio, começando pela manhã, e logo aquella noite, no quarto da prima per aviso dos espias que trazia, foi dar em hum lugar muito grande dos imigos, o qual queimou, e matou muitos dos que nelle moravam, com tudo ao recolher que era ja no romper da alva achou alguma resistencia de Naires, de que matando, e ferindo alguns delles fez fugir os outros. Dalli se veo ao passo, onde achou muito refresco que lhe mandara el Rei de Cochim, que veo bem a proposito a todos, e per os que trouxeram o refresco, lhe mandou dizer, que esforçasse porque elle sperava em Deos de não tão somente vencer el Rei de Calecut, mas ainda o captivar, e lho entregar preso.

## CAPITULO LXXXVIII

*De como el Rei de Calecut passou o Rio de Repelim, e assentou seu arraial nas terras de Porcã, onde cometendo os passos de Palurt, e o do vao foi outra vez desbaratado.*

COM estes desbaratos alguns dos da companhia del Rei de Calecut, tendo aquella guerra por infortunada, lhe foram do campo, dos quaes foi hum o Mangate Muta Caimal, e hum seu irmão, e hum seu primo que ao outro dia depois do terceiro combate se forão secretamente do arraial pera a ilha de Vaipim, com tenção de fazerem dalli seus concertos com el Rei de Cochim, cujos vassallos eram, o que el Rei de Calecut sentio muito, por todos tres serem muito esforçados cavalleiros, pelo que logo começou outra vez de tetubar no proseguir desta guerra, mas aconselhado pelos dous Lombardos Milanenses, e por alguns dos Reis, e senhores que com elle andavam determinou proceder no que tinha começado, o que lhe o principe Naubeadarim contrariou, como já outras vezes fezera, fazendolhe sobre isso huma publica falla ás razões, e argumentos do qual el Rei se inclinara de boa vontade, se de todo o nam contradixera o senhor de Repelim, que era muito accepto a el Rei. Finalmente foi assentado que se continuasse na guerra, e visto que pello passo de Cambalam se nam podia fazer entrada ainda que fosse com afronta del Rei se fezesse por outro chamado Palinhar, que estava hum bom pedaço daquelle, muito cheio de vasa, e matos despinheiros, de tam ruim fundo, que os nossos nam poderiam lá che-

gar com as caravellas, e que dalli passaria a Cochim pelo passo do vao como fezera da outra vez, quando desbaratara el Rei, e porque Duarte Pacheco não fosse avisado desta determinação, logo ao outra dia do terceiro combate passaram da outra banda do passo a terra de Porcá, o que fez cuidar aos espias dos nossos quando virão alevantar o campo, que el Rei se tornava pera Calecut, mas tanto que o viram ir peraquelle passo de Palinhar, deram logo aviso a Duarte Pacheco, e tras este vieram outros que lhe dixeram como obra de quinhentos Naires del Rei de Calecut andavam na ilha Darravil cortando, e queimando muitas arvores, que entrelles he sinal de victoria, contra os quaes logo fez rosto com alguns Portuguezes, e duzentos Naires del Rei de Cochim, que levava consigo de mestura, com os quaes elle em hum esquadrão, e Pero Raphael no outro os commeteo, e desbaratou, matando a mór parte delles, dos quaes trouxe cincoenta captivos, que em se tornando achou embrenhados em hum bosque da ilha, os quaes quisera mandar enforcar todos, mas a rogo dos Naires del Rei de Cochim posto que inimigos fossem o nam fez, e mandou presos a el Rei de Cochim que lhe tambem por elles mandara rogar. Isto feito vendo Duarte Pacheco que sua estada nam servia ja naquelle passo de Cambalão levou as caravellas ao passo do Palurt, que está huma boa mea legoa do vao, onde não podião chegar, por ter pouco fundo, e elle com os seus bateis se foi dalli ao passo do vao, donde podia facilmente socorrer as caravellas, mas quando ja chegou ao passo de Palurt achou alguns Naires na ponta da ilha Darraul, que de huma e da outra banda está situada entre as terras de Repelim, e Porcá, onde el Rei de Calecut asentava o arraial a huma legoa de Palurt, os quaes

Naires em vendo os nossos, acodirão a praia donde os fezerão recolher pera dentro as bombardas. Estando alli sobrancora foi avisado que ao outro dia que era o primeiro de Maio avia el Rei de Calecut de mandar cometer o vao, pelo que em amanhecendo se foi lá com os bateis, dando aos capitães das caravellas o sinal que lhes avia de fazer, quando tivesse necessidade de socorro, e em chegando ao passo do vao mandou dar grandes gritas, pera que os imigos soubessem que era chegado, no qual achou o Principe de Cochim com seiscentos Naires. El Rei de Calecut depois que foi da outra banda nas terras de Porcã, per conselho dos seus mandou ao dia seguinte, em que lhe seus feiticeiros dixeram que averia victoria, combater ambollos passos de Palurt, e do vao juntamente, e contra o de Palurt, onde estavam as caravellas, mandou o senhor de Repelim com toda a frota, e ao do vao mandou o Principe Naubeadarim com quinze mil homens. Duarte Pacheco, que esperava o mesmo, mandou logo arrasar a ponta da ilha Darraul, e cortar todo o arvoredado, que nella avia, por os imigos nam poerem alli secretamente algumas bombardas, e mandou dar cabos de huma caravella a outra, fazendo toda aquella noite grande festa, por assi darem a entender aos imigos que lhes nam aviam medo. Ante manhã chegaram Simão Dandrade, e Christovão Iusarte nos bateis, porque o vao ficava seguro com a mare que enchia. Duarte Pacheco mandou aos seus que comessem, porque aquelle dia, sobre todos, era o em que aviam de mostrar o esforço com que sempre venceram os imigos, e entrestas palavras, e outras os animava ao bravo e perigoso negocio em que se logo aviam de ver. Isto era no romper dalva, a qual hora os imigos com algumas bombardas que tinham assentadas

em terra na ponta da ilha, começaram de tirar contra os nossos, e logo dahi a pouco appareceu a frota, que era de duzentas, e cincoenta velas, e por vir ainda longe, Duarte Pacheco fez dar voga aos bateis, e em chegando a terra foi cometer a estancia donde os imigos tiravam, e os fez fugir, e porque não pode trazer as bombardas, as mandou encravar. Desbaratada esta companhia se recolheo as caravellas, sendo ja a armada dos imigos bem perto da nossa, e por os seus tiros varejarem a meude, mandou que estivessem todos baixos sem fazer mudança ate o elle mandar, o que vendo os imigos, parecendolhes que o faziam de medo, se começaram chegar peras caravellas quarenta paraos encadeados, entam mandou dar huma grande gritada, e tocar as trombetas, e disparar a artilharia, com que desencadeou logo os mais dos paraos, aos quaes logo o senhor de Repelim mandou outros em ajuda, onde forão tantas as bombardadas de huma, e de outra parte, que nem o Ceo, nem a terra, nem a agoa se vião com fumo, e chamas de fogo: com tudo os imigos se chegavam cada vez mais pera os nossos navios, e tam perto delles que se serviam das frechas, e lanças de arremesso. Nisto esteve a peleja hum bom pedaço sem se a victoria inclinar a nenhuma das partes ate que Deos por sua misericordia a declarou pellos nossos, começandose os paraos dalagar pela muita gente que lhe ja tinham morta: o que vendo o senhor de Repelim, por contentar el Rei de Calecut, que de terra via a peleja, quisera passar o vao, mas os nossos lho defenderão per duas vezes, matando muitos dos que com elle forão. Estando Duarte Pacheco neste trabalho chegou a elle Candagora a dizerlhe que Naubeadarim principe de Calecut vinha pera passsr o vao com huma grossa companhia de

gente, e que el Rei lhe vinha nas costas, o que sabido, Duarte Pacheco se deixou estar jugando as bombardadas com os imigos, ate a hora que a mare podia dar lugar a Naubeadarim pera passar o vao, pera onde se logo foi, e lho defendeo de maneira que posto que nisso muito insistisse, assi com a muita gente que levava, como com berços encarretados, que pera isso fez trazer a colos de homens, elle não pode passar, e tomou por partido fazerse atras, no qual instante chegou recado del Rei de Calecut ao mesmo Naubeadarim, que não sabia qual o fezera pior, se o senhor de Repelim, em não aferrar os nossos navios, ou elle em não passar o vao, como lhe prometeram, do que ficou tão envergonhado que de novo com doze mil homens tornou a cometer o passo, no que ouve huma brava peleja, da qual foi constringido fugir. Nestes combates, e no de Palurt perdeu el Rei de Calecut muita gente, e muitos navios do que ficou tam anojado, que se fora em sua mão mandara cortar a cabeça a alguns dos seus capitães, com tudo não deixou de os reprehender de muito covardos, e principalmente ao senhor de Repelim, e Naubeadarim Principe de Calecut.

## CAPITULO LXXXIX

*De como el Rei de Calecut em pessoa combateo o passo do vao, onde foi desbaratado, e dalgumas cousas que antes, e depois disso aconteceram.*

**D**OUS, ou tres dias depois de Deos dar esta victoria aos nossos, começou huma tam brava enfermidade no arraial del Rei de Calecut, que a guerra sobresteve, por lhe morrer muita gente sem alcançar a calidade da doença, nem remedio della, do que el Rei constrangido se foi do arraial, ate que aquella doença cessou. Com tudo Duarte Pacheco em todo este tempo nam esteve ocioso, mas antes se aprechebo de tudo o que lhe era necessario, e porque dantes lançara abrolhos de ferro no vao, os quaes por serem curtos se somiram tanto dentro da vasa, que não empecerão aos imigos, mandou de baixa mar fincar nelle estacas dareca tostadas, com pontas muito agudas. El Rei de Calecut soube neste tempo de seus feiticeiros que seus deuses estavam muito irados contrelle, que se aplacarião se logo mandasse fazer hum Turcol, no lugar que lhe elles dixeassem, que sam casas doção em que vivem homens religiosos, como entre nós frades, o que prometeo de fazer, pelo que lhe assinarão dia certo, afirmandolhe que nelle averia victoria, pera o que se começou dapreceber. Deste negocio teve Duarte Pacheco aviso per seus espias, com quem neste tempo estavam trezentos Naires del Rei de Cochim, e duzentos de Mangate que se forão hum dia antes da peleja, o que, tornando das caravellas, que fora visitar, soube de dous Naires de Cochim que fizeram per mandado do mesmo Mangate, do que

por lhe parecer treição avisou o Principe de Cochim, mandando-lhe dizer por hum Bramana, que se viesse logo parelle, por quanto ao outro dia sperava el Rei de Calecut, o qual Bramana lhe deu o recado a tempo que nam aproveitou de nada. El Rei de Calecut no dia em que lhe seus feiticeiros dixeram que pelejasse, abalou com todo seu exercito, repartido na maneira seguinte. Diante precedião dous mil Naires pera guarda de trinta bombardas, que el Rei mandava assentar a tiro donde os nossos estavam, atras estes seguia a vanguarda, de que era capitam Naubeadarim, com doze mil homens, em que entravam dous mil frecheiros, e trinta espingardeiros, apos elle o senhor de Repelim com outra tanta gente, nas costas dos quaes vinha o Çamori, Rei de Calecut, com quinze mil homens, entrè frecheiros, espingardeiros, lanceiros, e despada, e rodella, e quatrocentos que trazião machados pera cortarem a estacada. Contra todo este poder tinha Duarte Pacheco nos dous bateis quarenta homens Portugueses, e em cada hum seis berços, dous falcões, e hum tiro grosso por proa. Os que vinhão com artelharia del Rei de Calecut em chegando, começarão de a descarregar contra os nossos, mas Duarte Pacheco depois de os assegurar hum pouco, se chegou parelles com os bateis, e as bombardadas os fez recolher pera dentro de hum palmar. Estando assi pelejando chegou Naubeadarim com a vanguarda, que com grande impeto cometeo o vao, mas os nossos lho defenderam as bombardadas, e com rocas de fogo que lhe lançavam ameude, matando muitos delles, e porque a maré vazava, Duarte Pacheco por nam ficar sobello lamarão do passo, se retirou hum pouco atras, e mandou a Christovão Jursarte, por o seu batel ser mais pequeno, que sperasse no passo o mais que podesse, porque com a reponta

da maré, que nam podia tardar, se ajuntaria com elle. Assi que ambos, cada hum do lugar em que a agoa deixava nadar os bateis, defendia o passo de maneira que os imigos nam ousavam de o cometer, e era tamanho o arroido, e o tirar das bombardas, espingardas, e frechadas, que por muito alto que do batel de Christovão Lusarte dixerem a Duarte Pacheco que os Naires de Cochim que guardavam a estacada a desampararam, o nam poude ouvir, e ja neste tempo o senhor de Repelim estava no passo, ajudando a gente de Naubeadarim, apollos quaes chegou el Rei de Calecut com toda a força do exercito, ao qual por o conhecerem pela bandeira, e sumbreiro que trazia diante, mandou Duarte Pacheco tirar com hum falcão de que o pilouro deu tão perto delle que o fez baquear do andor em que vinha, e o pilouro matou dous Naires junto delle, pelo que se retirou hum bom pedaço para tras, mandando dizer a Naubeadarim, e ao senhor de Repelim, que apertassem com a gente pera passarem o vao antes que a maré crecesse. Com este recado, á força de porradas, e cutiladas que davão nos seus os fazião entrar por elle, os quaes carregando huns sobellos outros começarão de sentir as pontas das estaquas darequa com tanta dor, que os primeiros bradando, e lamentandosse aos que seguiam, se começarão dembaraçar de maneira, que caindo huns sobellos outros trabalhavam a quem mais asinha tornaria para tras, empregando nelles os dos bateis a artelharia a sua vontade. Durando esta profia, os dos machados pela agoa de todo ser baixa chegaram a estacada, começando a cortar nella sem acharem resistencia, pelos Naires de Cochim que a guardavam serem idos, o que Duarte Pacheco vendo ficou mui triste, e suspenso, porque acodindo aquella parte, os imigos entrariam pelo passo, peraquella on-

de elle estava, e não lhe acodindo, passariam pola outra, o que se fizessem no mesmo dia chegariam a Cochim e ficarião senhores de toda a terra, com tudo determinou dacudir ao mais necessario, que era a estacada, e chegandosse quanto pode pera o batel de Christovão Iusarte, e o de Christovão Iusarte parrelle saltou dentro, e a Christovão Iusarte mandou, que ficasse no seu, e naquelle por ser mais pequeno, se chegou a estacada quanto pode, donde começou de jugar com a artelharia, de maneira que os imigos se começarão de retirar mal a seu grado, ao que logo acodio Naubeadarim com a mor parte da sua gente, e alguns tiros dartelharia, pelo que renovou a peleja tão bravamente, que os imigos chegarão ate poerem as mãos nos remos do batel, dos quaes vendosse Duarte Pacheco cercado de todallas partes, chamou com muita devação em alta voz Deos, em socorro, e ajuda, porque em totalas outras pelejas nunca cuidou ser vencido senão nesta, o qual senhor lhe acodio logo com o seu grande poder, porque a maré começava ja de sobir, o que sentindo os do batel derão huma grande grita começando de fazer voga pera voltar o batel, mas era tanta a somma dos imigos, que os tinhão cercados ao redor, que não poderão, e assi como a maré hia crescendo, assi crecia o animo aos nossos, como a homens a que viera o verdadeiro socorro, que lhes era necessario, pelo que, muito mais a meude, que dantes começarão de descarregar a artelharia, espingardas, lanças, paos tostados, e outros tiros darremesso contra os imigos, fazendo elles o mesmo, ate que a maré subio tanto que a força dagoa os fez deixar o passo. O que feito Duarte Pacheco se tornou para onde deixara Christovão Iusarte, que da sua parte fez naquelle dia, como esforçado cavalleiro, nem creio que o tal nome se possa

negar a nenhum dos que se alli acharam. Chegando Duarte Pacheco onde estava Christovão Iusarte saltou cada hum no seu batel, e sem quererem perder tempo, servindolhes a maré tornarão a correr o vao, tirando muitas bombardadas contra a ilha de Porcâ, onde el Rei de Calecut estava alojado, com que mataram alguns que andavão á borda dagoa, e os fese-rão recolher pera dentro dos palmares. El Rei de Calecut ficou muito triste, e envergonhado, por dian-te, e á face delle, um tamanho exercito nam desbara-tar, e tomar ás mãos dous bateis, com tão pouca gente, do que reprehendendo muito os seus se foi, como desesperado de longo da ilha perá parte onde estava Pero Rafael com as caravellas, que vendo pas-sar el Rei per junto da praia mandou desparar hum tiro grosso, com que junto delle matou tres Naires, dos quaes hum era o que lhe dava o betele, a quem o tiro deu tão perto delle que o sangue lhe saltou no rosto, pelo que el Rei se deceo do andor, e cami-nhando a pé se alongou da caravella. Nesta peleja perdeu el Rei muita mais gente, que em todallas ou-tras, sem dos nossos morrer nenhum, cousa que evidentemente se pode crer ser milagrosa. A qual pele-ja durou desde pela manhã ate horas de vespera, no qual ponto o Principe de Cochim chegou ao passo sem saber nada do combate, porque o recado que lhe mandara Duarte Pacheco pelo Bramana, que avia de ser naquelle dia cometido del Rei de Calecut, lhe não foi dado, ao qual Duarte Pacheco danojado pela tardança, e fugida dos seus Naires da estaquada, não quisera fallar, com tudo o Principe apertou tanto com elle, que lhe ouviu suas desculpas, e as recebeo, o que Duarte Pacheco vendo lhe dixe, que a fugida dos seus Naires, e não lhe ser dado o recado que lhe mandara, tudo forão artes, e treição do Mangate, que

visse dalli por diante o que fazia, e se não fiasse delle. Dalli se foi Duarte Pacheco peras caravellas, onde o el Rei de Cochim veo ver com muita festa, e alegria, como o ja fezera outras vezes, lançandolhe os braços no pescoço, dizendolhe, que a elle, despois de Deos, devia seu regno, e estado. Duarte Pacheco lhe respondeo a isso, como discreto, que era, aqui-xandotelhe da treição que os seus Naires fizeram em fugir da estaquada, attribuindoho ao Mangate, e a seus parentes, dizendolhe, que pois era imigo secreto, que o lançasse fora de suas terras, pera que o fosse de todo descuberto, e fosse servir el Rei de Calecut, como o dantes fezera. Acabadas todas estas praticas el Rei se tornou pera Cochim, mandando a todolos seus caimães, panicães, e naires, que em tudo, como a sua propria pessoa, obedecessem dalli por diante a Duarte Pacheco.

## CAPITULO XC

*Das treições que per conselho do senhor de Repelim, el Rei de Calecut ordenava pera matar e destruir os nossos o que lhe não socedendo a vontade, quis fazer paz, e doutras particularidades.*

**E**L REI de Calecut com o grande nojo, e tristeza que tinha, nam fazendo ja conta de sim, nem dos que com elle andavam, deshonorava assi os feiticeiros, como os Reis, e capitães, arguindoos todos de covardos, entre os quaes ao que mais tirava era o senhor de Repelim, porque conhecia ja nelle ser rebolam, e covardo, o qual pera se tornar a restituir na graça del Rei, lhe aconselhou que man-

dasse lançar peçonha na agoa de que os nossos bebiam, e tivesse modo que o mesmo se fizesse nos mantimentos. Este ardil foi descuberto a Duarte Pacheco, per Charcanda Naire, que fora criado do Principe de Cochim Narmuhim, pelo que logo mandou que nem do rio, nem de fonte nem poço nenhum, bebessem os que com elle andavam, salvo de poços que cada dia mandava abrir, que por a terra ser baixa, e apaulada se achavão com pouca difficuldade, e os mantimentos mandou que assi os que lhe mandassem, como os que comprassem aquelles que os trouxessem tomassem a salva delles. Mas vendo o senhor de Repelim que isto nam succedia a sua vontade deu outro ardil a el Rei de Calecut, que mandasse secretamente poer fogo a cidade de Cochim, e que no primeiro combate cometesse juntamente a nao, e caravellas, e bateis, nam tam somente com gente, e artelharia, mas com Elephantes, cobras de capello, e pos de peçonha, do que tudo el Rei de Cochim foi avisado, e se veo sobrisso ver com Duarte Pacheco muito triste, e medroso, ao que lhe respondeo, que descansasse porque elle tinha ordenado huma cousa que havia de prender el Rei de Calecut, e tomarlhe os Elephantes matarlhe muita gente do que ja tinha feito, que se fosse pera Cochim, e lhe mandasse quantas cadeas, e amarras de naos la ouvesse, pera a obra que avia de fazer. Trazido este almazem Duarte Pacheco começou de fingir que queria fazer hum grande edificio, e por os da terra, que naturalmente sam palrreiros, nam verem o que era, defendeo que nenhum chegasse ao passo do vao, no qual mandou logo abrir grandes covas, e fazer fossados, que de baixa mar ficavam cheos dagoa em altura que se nam podiam passar se nam a nado. El Rei de Calecut foi avisado do segredo desta obra, do que se

começou arreçar, e assi todollos seus, porque per experiencia conheciam ja o animo, esforço, e industria que avia em Duarte Pacheco, que neste tempo fez algumas entradas pelos rios, e na terra firme, em que queimou muitos lugares, e tomou quatro paraos del Rei de Calecut com treze bombardas, de que fez serviço a el Rei de Cochim. Andando assi occupado lhe dixerão que os mouros tinham dito a el Rei de Calecut que elle nam podia estar muito no passo do vao, pelo que pera el Rei saber quam de vagar estava, mandou em huma ponta sobelo rio fazer humas casas, e ao redor dellas abrir huma grande cava chea d'agoa, com que ficava como ilha. No cabo desta ponta mandou fazer hum bastilhão, no qual pos hum pao alto, a que os Malabares chamam Calvete, em que justiça gente baixa, e popular, o que lhe perguntando alguns Naires de Cochim pera que era lhes dixe que pera nelle mandar espetar el Rei de Calecut, de que ficarão não tam somente espantados, mas ainda tam assombrados que se foram sem lhe responder. O que sabendo el Rei de Calecut foi nelle tamanho o medo, que per via de dous mouros de Cochim, hum per nome Cherina, e o outro Mamalemarear tratou secretamente de fazer paz com Duarte Pacheco, sem diso dar conta a pessoa nenhuma senam ao Principe Naubedarim, que sempre contrariou esta guerra, mas porque os mouros beram a entender a Duarte Pacheco fazião isto de sim mesmos, pelo desejo que tinham de paz, lhe respondeu que se fossem embora, que quando el Rei de Calecut lha mandasse cometer que elle lhe responderia, e com isto os despedio, do que el Rei ficou muito mais atimorizado, pelo que per conselho do mesmo Principe Naubedarim, e do senhor de Repelim determinou de com muito mór força, e poder do que ate alli fezera

cometer o passo, pera o que se começou deperceber. No qual tempo deu a mesma infirmitade, que já outra vez padeceram no seu arraial, mas nam foi tam perigosa como dantes, por lhe os fisicos terem achado o remedio; com tudo foi proveitosa aos nossos, porque pelos avisos que Duarte Pacheco teve do modo em que el Rei determinava de o vir cometer, sapercebeo de maneira que a tudo lhe resistio, e o venceo, como se no seguinte capitulo verá.

## CAPITULO XCI

*De como Duarte Pacheco desbaratou outra vez el Rei de Calecut.*

**E**L REI de Calecut depois de passada a doença que a segunda vez andara no seu arraial, determinou, com a gente que tinha, e outra muita que depois ajuntou, e munições de guerra, que pera isso mandara fazer, vir buscar Duarte Pacheco ao passo do vao na ordem seguinte. Por terra acompanhado de trinta mil homens, com sua artelharía ordenada como sempre acostumava fazer, e deante delle o senhor de Repelim, com huma grande somma de gastadores, pera fazerem vallos, e fossas na ponta Darraul, onde se os seus podessem abrigar dos tiros da nossa artelharía, e jugar com a sua a salvo. Per mar vinham diante da frota muitas balsas de lenha com alcatram, estopa e outros materiaes arden-do em chamas de fogo, apolas quaes vinham cento, e dez paraos, delles encadeados, e de tras cem catures, e oitenta tones de coxia larga, todos em boa ordem, com muita gente, e artelharía, e por remate

desta tamanha frota seguiam oito castellos de madeira, que el Rei de Calecut mandara fazer per conselho de hum mouro de Repelim chamado Cojeale, homem experto na guerra, os quaes traziam assentados cada hum sobre dous paraos, lançadas duas vigas que atravessavam de popa a popa, e de proa a proa de cada hum dos paraos, sobelo qual alicerce edificou os castellos de hum sobrado em cada hum delles, em altura de dezoito palmos, com traves, e outra madeira, e cravação de ferro, tam forte, que parecia impossivel poderse derribar com nenhum tiro, por grosso que fosse. Duarte Pacheco que de tudo isto por seus espias tinha aviso muito antes deste dia em que o el Rei de Calecut veo cometer, que era da Assenção de nosso Senhor, pera que lhe não afferrassem as caravellas, com os castellos, mandou fazer huma bastida de matos, a modo de jangada doito braças em comprido, e outras tantas de largo, todos chapados com barras de ferro. Esta bastida mandou lançar obra de hum tiro de pedra diante das proas das caravellas, amarrada a seis grossas ancoras, com cadeas de ferro, tam compridas, que chegavam ao fundo dagoa, tres a montante, e tres a jnsante. E porque os castellos dos imigos com os bordos dos paraos eram de vinte e dous palmos daltura cada hum, de que ouvera a medida per industria de homens que trazia no campo del Rei de Calecut, mandou fazer huns esteos de meos mastos muito bem pregados nas amuradas das caravellas, nas cimalthas dos quaes se cerravam huns chapiteos a modo de sobrado, em que podiam estar em cada hum seis homens, na qual ordem os capitães das caravellas esperaram os imigos, e Duarte Pacheco nos bateis, com alguns paraos, e gente que tinha del Rei de Cochim. A gente que vinha per terra com el Rei de Calecut,

principalmente os da companhia do senhor de Repe-  
lim, fazião tamanho estrondo de gritas, e instrumen-  
tos de guerra, que derão azo a Duarte Pacheco de a  
seu salvo sair em terra na ponta Darraul, na qual  
ouve grande referta dambalas bandas, mas creceo  
tanta gente dos imigos fobellos nossos, que lhes foi  
necessario recolherem se aos bateis. El Rei de Cale-  
cut foi tam indignado, sabendo que os nossos estavam  
na ponta pelejando com os seus, que mandou aos prin-  
cipaes capitães do exercito, que passassem adiante, e  
lhe trouxessem vivo Duarte Pacheco, pera delle man-  
dar fazer justiça, sobre o que morreram muitos dos  
imigos, sem poderem executar o que lhes el Rei man-  
dava. Isto tudo se fez no romper dalva, e logo dahi  
a pouco com a jusante da mare, a frota de Calecut  
começou de decer pelo rio abaixo na ordem que ar-  
riba dixe: o que vendo Duarte Pacheco, que ao tal  
tempo estava nas caravellas, se recolheu em hum ca-  
tur aos bateis, encaminhando para o passo do vao.  
Chegada a frota que era cousa medonha de ver, as  
balsas de fogo guiadas pela corrente, e barcos que  
as empuxavam com varas, foram cair sobelos mastos  
que estavam encadeados, e ancorados diante das ca-  
ravellas, as quaes pela distancia não fez o fogo ne-  
nhum damno, mas antes em quanto ardeo tiveram os  
nossos algum repouso, porque os imigos com medo  
delle não ousavam de se chegar, mas como cessou  
todoslos paraos, e outros navios, se começaram de  
chegar pera nossa jangada, tirando com a artelharia  
as caravellas, ao que os nossos lhe respondiam, ar-  
rombando alguns dos seus navios, em que lhes mata-  
ram muita gente. Neste tempo os castellos chegaram  
a balsa, nos quaes, no maior d'elles, vinhão quarenta  
homens e em dous somenos trinta, e cinco, e nos cinco  
mais pequenos trinta em cada hum, os mais delles

espingardeiros, e em todos as bombardas que podiam levar. Chegando o maior destes castellos a balsa começou de jugar com artelharia, ao qual Duarte Pacheco (que ja tornara as caravellas ou catur) mandou tirar com hum camello, mas o tiro posto que lhacertasse não fez entrada, tras este mandou tirar outro que fez o mesmo, do que ficou tam triste, que alevantou os olhos com as mãos pera o Ceo dizendo. Senhor não me acoimeis hoje meus peccados, deixai por vossa misericordia, o castigo delles pera outro dia, isto em voz tam alta que lho ouvirão muitos Os outros castellos se poseram apar destes, dos quaes todos lançavam tantas setas, e tiros de espingardas, e bombardas, que era tudo huma nuvem de fumo, e fogo. Nesta maior pressa estando as caravellas cercadas para todas as partes, assi dos castellos, como dos paraos, e outros navios, fervendo a furia da peleja, mandou Duarte Pacheco tirar outra vez com o camello ao castello principal, do qual tiro, como ja dos outros lhe ficarão abalados os fechos, acabaram de quebrar de todo levando o tiro hum lanço do castello ao mar, com alguns homens, aos que os nossos, postos em geolhos deram huma grande grita, louvando Deos pela merce que lhes fezera, e carregando logo com a mais artelharia foi o castello desfeito de todo. Com tudo os outros castellos nem por isso deixavão de fazer seu officio, combatendo mui asperamente as caravellas posto que recebessem muito damno, o que durou ate ora de vespora, em que ja começava a reponta da marè com a qual os castellos movidos da força da vea dagoa, se começaraõ de apartar da jangada, o que vendo os imigos, que tinham cercadas as caravellas com os paraos, e outros navios, se alargaram tendo por excusado o demais do combate daquelle dia. Os bateis que estão no passo do vao, de

hum dos quaes era capitam Christovão jusarte, e de outro Simão dandrade, com os paraos, e catures do Cochim, em que andava Lourenço moreno, e o Principe de Cochim com mil Naires, com que guardava a estacada, tiveram o passo a el Rei de Calecut com tanto esforço, que nunca o a sua gente, por muito que nisso trabalhasse, pode passar, no que estiveram ate que a marè lhes fez tomar a conclusam desta peleja, que foi mais brava, e mais cruel, do que foram totalas outras, na qual el Rei de Calecut perdeu muita gente. Dos nossos (pela graça de Deos) posto que muitos fossem feridos, nam morreo nenhum.

## CAPITULO XCII

*De algumas cousas que succederam depois deste combate, e de como el Rei de Calecut, danojado, e envergonhado, se foi meter em hum turcol, e se fez paz com alguns Reis, e Senhores dos Malabares.*

**A**o dia seguinte deste desbarato, veo el Rei de Cochim visitar Duarte Pacheco, acompanhado de muitos Caimães, panicães, e naires, e assi dos mais mouros honrados que moravam em Cochim, alegrandosse todos com elle pela victoria, que lhe Deos dera, dizendolhe el Rei de Cochim que tinha feito tudo o que lhe prometera, ao que respondeo que nam fezera tudo, pois que nam espetara el Rei de Calecut no calvete, mas que a culpa fora del Rei ficar sempre na traseira dos seus, e nunca parecer na dianteira, onde elle sempre pelejara. Feita esta visitação el Rei se tornou pera Cochim donde cada dia mandava visitar Duarte Pacheco com refrescos, e cousas necessarias perá guerra, porque nunca se quis partir daquelle lugar, no qual depois deste

grande combate o veo el Rei de Calecut cometer duas vezes, com na derradeira trazer os mesmos castellos, o que fez mais por comprazer aos Reis, e senhores que com elle andavam, que por vontade que tivesse de o fazer, mas a sua gente andava ja tam desacorçoada, e os nossos com todolos da parte del Rei de Cochim, tão afoutos, que com menos trabalho do que o fezerão as outras vezes, os desbarataram destas duas, do que o Çamori Rei de Calecut ficou tam cortado, que sem mais ter conta com ninguem, nem dar mais sê a seus feiticeiros, e falsos profetas, alevantou dia de S. João pola manhã o arraial, e se foi metter em um Turcol pera nelle servir seus deoses, e fazer vida de religioso, deixando o regno a seu sobrinho Naubearim. Mas ante que isto fezesse buscou modos e meos pera mandar matar Duarte Pacheco, o que lhe foi descoberto, e por isso prendeo alguns Naires dos que eraõ nesta conjuração, de que hum que andava por espia, era de Cochim da geraçam dos Leros, os quais mandou açoutar perante sim, pera delles saber a verdade, que lhe logo confessarão pelo que os mandava enforçar, mas a rogo dalguns Naires del Rei de Cochim, que se com elle alli acharão deixou de o fazer e lhos mandou presos pera delles mandar fazer justiça. Depois do Çamori Rei de Calecut estar no turcol, lhe mãdou sua mãe induzida pelos mouros tantos recados, e amoestações, exortandoo outra vez a guerra que lhe foi forçado sairse delle contra sua vontade, mas isto lhe aproveitou pouco, porque antes que saisse do turcol, os mais dos Reis, e senhores, que o ajudaram na guerra (antre os quaes foi o senhor de Repe- lim) mandaram pedir paz a Duarte Pacheco, a qual lhes concedeo per vontade e parecer del Rei de Cochim, ficando el Rei de Calecut de fora, avendo ja quasi cinco mezes, que durava a guerra em que o

Çamori Rei de Calecut, como se achou per conta de seus scrivães, perdeu dezoito mil homens, os treze mil denfirmidades, e os cinco mil nas pelejas, e muitos tiros dartelharia, e fustalha. Duarte Pacheco nam quis deixar o passo do vao, ate as pazes nam serem afirmadas, porque o pouco tempo em que se concluíram, e o pouco que confiava da verdade destes senhores do Malabar, lhe fazia parecer que eram tudo enganos. Estando ainda alli veo ter com elle, per dentro dos rios, Rui daraujo scrivão da feitoria de Coulão com cartas do feitor Antonio de Sa, per que o avisava, como os mouros da terra, confiados na victoria que speravam que el rei de Calecut ouvesse delle, os cercaraõ, e mataram hum homem, e que assi o fizeram a todos se a isso nam acodiram os governadores da cidade, que lhe pedia pois estava em paz, que chegasse a Coulão pera castigar os mouros que foram culpados, porque se o não fezesse lhe seria forçado (visto as afrontas que cada dia recebem delles) deixar a cidade, e se tornarem pera Cochim, pelo que Duarte Pacheco, depois das pazes juradas se partio do passo pera Cochim aos tres dias de Julho, onde deu conta a el Rei do que passava em Coulam, que o então recebeu na cidade com grandes festas acompanhandoho ate a fortaleza, onde esteve provendo nas eousas que compriam a seu cargo, ate os xxvj. dias do mesmo mes de Julho de M. D. iiij. em que se foi na sua nao pera Coulam, deixando Pero Rafael em guarda da Cidade, com a capitania das caravellas, e bateis. Chegando a Coulam se infirmou de como passara o negocio, mas vendo que a execução seria mui difficil-tosa, por nisso serem culpados os principaes mouros da Cidade, tratou do que era mais serviço del Rei, pedindo aos governadores, que lhe cumprissem o contrato que fezerão com Afonso Dalbuquerque per que

se obrigavaõ a não deixarem sair nenhuma spéciaria daquelle porto, ate o feitor del Rei seu senhor namter feita provisam de todallas que ouvesse mister, o que lhe não contrariando, tomou de cinco naos de mouros questavam a carga, toda a pimenta que ja tinha recolhida, e assi o fez doutras algumas que carregavam escondidamente, junto daquelle porto, ate que o feitor se proveo de toda a que era necessaria: O que feito se fez a vela na entrada de Septembro, correndo a costa do Malabar, ate a chegada de Lopo Soares a India, no qual tempo tomou algumas naos, que com a carga entregou ao mesmo feitor Antonio de Sa, com ser tam temido, que nenhum Rei, nem senhor de toda aquella provincia ousava fazer cousa, em que cuidasse que o podia anojár.

### CAPITULO CXIII

*De como el Rei mandou dom Francisco Dalmeida a India, e da obediencia que enviou ao Papa, e vinda do Padre frei Mauro Hispano a este regno.*

**H**A primeira cousa notavel que se neste anno de M. D. v. em que agora entramos, fez neste regno foi a armada em que el Rei mandou dom Francisco Dalmeida por governador a India de que tratarei no anno de M. D. vi. no qual anno M. D. v. mandou el Rei obediencia ao Papa Iulio terceiro, per dom Diogo de Sousa Bispo do Porto, e com elle o doctor Diogo Pacheco, e assi lhe mandou requerer confirmaçam da ordem de Christus, de que os Reis de Portugal per dispensaçam Apostolica sam perpetuos administradores, allem do que lhe mandou pedir cruzada, e indulto pera ajuda das des-

pesas que fazia em Africa na guerra dos mouros, o qual Bispo do Porto o Papa confirmou no Arcebis-pado de Braga per apresentaçam, e supplicação del Rei, o que feito, e impetrados os negocios a que fora, se tornou ao Regno neste mesmo anno, do que se ao diante dira, no qual no mes de Junho, estando el Rei em Lisboa, veo a elle hum frade per nome frei Mauro Hispano, guardiam do monte Sion, com cartas do Papa Iulio, per que lhe mandava pedir conselho, e parecer do que responderia ao Soldam de Babilonia, sobre quixumes, e agravos que lhe screvia delle, e del Rei dom Fernando, e da Rainha donna Isabel, Reis de Castella, Aragam, e Sicilia, per caso da continua guerra que faziam aos mouros, pelo qual frade mandou o treslado da carta que lhe o Soldam por elle screvera, de que o theor de verbo a verbo he o seguinte.

*Carta do Soldam de Babilonia ao Papa Iulio terceiro.*

**A** Sanctidade do Papa excellentissimo, sanctissimo, spiritual, temente a Deos, bem feitor dos Romanos na seita antiga dos Christãos, entre os fieis de Iesu, Rei dos Reis nazarenos, ou Christãos, conservador dos mares, e enseadas maritimas, pai dos Patriarchas, e dos Bispos, e sabedor pelos que lem os Evangelhos na sua seita, das cousas licitas, e inlicitas, agradavel aos Reis, e principes, e possuidor do regno Romano, Deos accrecente sua gloria, e lhe de muita saude. O maior Rei, senhor dos senhores, nobre, excelente, sabedor, justo, conquistador, Victoriouso, Rei dos reis, espada do mundo, principe da fé de Maphamede, e dos que o seguem, virificador

da justiça, herdeiro dos regnos em todo mundo, Rei de Arabia, e da Persia, e Turquia, sombra de Deos na terra, obra das boas obras de Deos assi por elle mandadas, como nam mandadas, aquelle que agora neste tempo he como outro Alexandre de quem muitos bens procedem, Rei dos que se assentam em throno, e cadeira Real, conservador dos que trazem coroa na cabeça, dador de climas, e cidades, perseguidor dos reveis herejes, e infieis, conservador de dous lugares dos perigrinos, summo sacerdote de dous templos sagrados, ajuntador, e conservador da fé de Maphamede, defendedor da justiça, e bondade, senhor dos Reis deste tempo, sacerdote dos que temem a Deos, e esplendor de fé, pai da verdade, causa de toda cousa fermosa, e elegante. Faça Deos seu imperio perpetuo, e seu exercito victorioso, e Deos o ajude, e levante sua cadeira sobre o planeta de Geminis. E pera que vossa Sanctidade seja certo do que vos quero fazer saber vos mando esta carta, pela qual sabereis, que todos os Christãos, e frades que vem a nosso famoso regno, religiosos, e perigrinos, ou quaesquer outros, todos sam guardados, e conservados de nossa excellente justiça, e sei certo que sabendo vos isto, sabeis bem que o rei dos Catelães faz guerra no regno Dandaluzia, senhoreando a dita provincia, matando muitos Mouros, trazendoos a duro, e aspero captiveiro, constringendo alguns delles per força a serem Christãos, e entrar na Fé nazarena, o que nam he licito, nem na sua fé, nem em outra alguma, e disto sei que vos fezerão muitos mouros do Ocidente queixume, procurando remedio do vosso excellente tribunal, e piedade, a que nam destes nenhum remedio. E com a mortificação destas cousas fomos postos grandemente em huma subita ira, com proposito de destruirmos o nobre Sepulchro de Hieru-

salem, e o mosteiro do monte Siom, e todas as egrejas que estão postas debaixo de nosso senhorio, de maneira que não ficasse pedra sobre pedra, e das pedras dellas se fizesse cal, e porem sobrestivemos na execuçam deste proposito a rogo, e por intercessam do magnífico, e grande Principe Cartalago, e doutros principes, e do nosso gram secretario, e do interprete Tangibarde, ate vos enviar esta carta, e aver vossa reposta pera sobrisso fazermos fundamento, pera effecto do qual mandamos agora a vossa presença o frade Mauro, guardiam do monte Siom. e por isso considere vossa Sanctidade sobrestas cousas, e veja se he licito o que faz na Andaluzia o Rei dos Catelães, que sobre seguro, e fé dada, mata cada dia muitos Mouros, e per força os faz tornar Christãos. E se isto vos parece bem, e lho concede vossa Sanctidade, saiba certo que nos faremos outro tanto, porque não ficara em nosso regno nenhum Christão, que nam mande matar, ou captivar, allem do que mandarei destruir o Sepulchro, mosteiros, e egrejas de Hierusalem. E o que vos dizemos do Rei dos Catelães, isso mesmo vos dizemos do Rei de Portugal, de quem recebemos outro tamanho damno, e offensa, o qual vos peço que façais que totalmente desista da navegação da India do que recebemos muito damno em nossas rendas, e muita mingoa, e quebra de nossa Fé, e de tudo vos peço que nos façaes certos, segundo vossa intenção, e Deos desporá estas cousas em melhor. Escripta a xxij. dias de Setembro.

*Carta que el Rei enviou ao Papa em resposta de huma que lhe screveo sobre a do Soldam de Babilonia, a qual a qui nampus, porque da resposta desta del Rei se pode ver a substancia de outra.*

MUITO bemaventurado Padre, por frei Mauro Hispauo, guardiam do monte Siom recebi um breve de vossa Sanctidade, e assi a copia de huma carta que per elle o Soldão de Bibilonia lhe enviara, na qual principalmente se queixava do mui serenissimo rei nosso mui amado pai, dizendo que tomando o regno de Granada, usara dalgumas sem razões contra os moradores, infieis deste regno sc. derribandolhes; e destroindo deshonoradamente suas mesquitas, e tornando per força alguns mouros Christãos, e assi para mostrar mais seu modo, que verdadeiro queixume que tenha de nós, segundo vimos, tambem se mostra de nós agravado, e offendido, dizendo que em grande damno de seu senhorio, e perda sem estima de seu estado com nossas armadas, e gentes descobrimos pelo mar Oceano ate a India, e outras provincias da Asia, as quaes nunca per nenhuns Reis, nem Principes nossos antecessores, nem doutras gentes estrangeiras foram descubertas, nem navegadas, suplicando a vossa santidade que lhe dê nestas cousas o remedio que deseja, ameaçando com sua grande soberba que se nisto lhe não satisfazem segundo seu desejo, que não sómente destruirá a triste cidade de Hierusalem, e o Sancto sepulchro de nosso Senhor JESU CHRISTO, mas ainda pera mais vingança das injurias, e perda dos Mouros promete que vira subitamente contra a republica Christãa com exercitos de guerra, e sobre isto nos encomenda vossa Sanctidade que lhe declaremos o que sobre isso

sentimos o que faremos de mui boa vontade. E deixando o que a vossa Sanctidade, e a real alteza del Rei meu muito amado pai toqua, e pertence, no que cremos que cada hum per conservação da Fé, considerando a conveniencia das cousas dividamente, e com muita prudencia respondera, e quanto ao que nos neste caso toca brevemente lhe declaramos nossa tenção. E o de que primeiramente muito bemaventurado Padre, mais nojo recebemos, he os damnos, e agravos de que o Soldam se aqueixa a vossa Sanctidade contra nós, não serem maiores pera sua queda, e as causas disso não serem de mais efficacia, e porem confessamos que os começos das cousas que com ajuda de Deos proseguimos, pera effecto de sua destruição, de que parece que tem receo, serem assas grandes, e aptos pera isso, pola privação das inercadorias, e trato das cousas da India. E quando nossos exercitos (o que cremos que per misericordia de Deos será mui cedo) chegarem á sua casa de Meca, e onde esta o seu falso profeta, e tomarem por força darmas, e destroirem tudo, então não será sem razão ameaçar o dito Soldão com a destruição do Sepulchro Sancto, e então mais justamente se pode aqueixar, e lamentar, e isto muito Sancto Padre não são cousas vãs, nem de muita dificuldade, oulhando bem em quam pouco tempo com ajuda do senhor Deos se fezerão tão grandes, e prosperas cousas. E conhecida bem a disposição da India, e assi da condição, e infidelidade da gente barbara em que nam se deve temer nenhuma força, nem nenhuma resistencia. E porem muito clemente Padre pera que o Soldam nos agravos de que por parte dos infieis se queixa del Rei nosso pai, nos tenha tambem por participantes, saiba vossa Sanctidade, que quando se contratou casamento entre nós, e ha Rainha nossa muito

amada mulher nisto principalmente insistimos, e ouvemos por mais bemaventurado dote, pedirmos ao dito Rei nosso pai que não somente todas as mandasse destrahir, mas que ainda os seus filhos pequenos, e de pequena idade fossem tirados de seus pais, e se baptizassem, e os tornassem Christãos. A qual cousa, assi como foi prometida, assi com louvor de Deos se acabou, e comprio, no que recebemos grande prazer, e beneficio. E quanto as ameaças, e vingança que o dito Soldam publica com pa'avras de muita soberba contra o Sepulchro de Iesu Christo, isso nam podemos deixar de sentir com muita dor, e tristeza, nem he sem razão, quando o Soldam escreve a vossa Sanctidade, que temos por verdadeira cabeça de nossa Fé, não tendo receo de dizer cousas de deshonra, e abatimento da mesma Fé. Nem he de crer que esta ousadia de infieis proceda senam da muita negligencia, e descuido dos Principes Christãos, que occupados em cousas humanas, e de seu proveito se nam alembam das injurias, que recebem dos inimigos de Deos. E finalmente não cremos muito sancto Padre que o dito Soldão seja tão sem siso que em publico desprezo dos Christãos queira destruir a casa Sancta segundo o promete, porque fazendo isso (que Deos não queira) seria incitar contra sim muitos damnos, armas, e muitos perigos, porque não ha duvida que por tão piadosa, e tão devida vingança, todolos christãos, e assi mancebos, como velhos, sem alguma exceção de idade, nem de estado, acodirão a isso, com suas riquezas, offerecendo a isso as vidas, e os corpos. E isto que aqui pontamos a vossa Sanctidade se disso tem vontade como cremos, tudo esta em sua mão, compoendo os odios, dissensões, e discordias dos Reis, e Principes Christãos, com doçura

damor, e paz, o que empredeio o Papa Alexandre vosso antecessor, amoestando pera isso alguns Principes Christãos, dos quaes eu fui hum, mas isso não ouve effecto, nem cremos que fosse por outra causa somente pera Deos guardar esta obra tão sancta, e tão piadosa pera vosso tempo. E pois em cousa de tanto louvor, e tão necessaria se offerece tanta occasiam, nam a deixe vossa Sanctidade, antes com a bandeira da Cruz prosiga esta empresa, e saiba segundo nos parece, que nenhuma cousa de tanta graça, e louvor se pôde fazer na terra. E ao que vossa Sanctidade por derradeiro nos encomenda, que lhe sinifiquemos o que deve responder segundo nosso conselho ao Soldão, isso lhe temos muito em merce, e o avemos por excusado, porque avendo nelle, e no mui sagrado Collegio dos Cardeaes tanta Sanctidade, e tanta prudencia, bem cremos, que nesta cousa, e em outra de mais substancia, e peso dignamente saiba prover, e aconselhar. Ao mais não ha que dizer, somente rogarmos com muita humildade a Deos todo poderoso, que acenda com lume de graça o entendimento de vossa Sanctidade, pera que proveja nas cousas que tocam á Republica Christãa. Nosso Senhor conserve sua vida, e estado como deseja. Dada na nossa cidade de Lisboa a doze dias do mes de Junho, de mil, e quinhentos, e cinco annos.

## CAPITULO XCIV.

*Dalgumas cousas que nestano de mil e quinhentos, e cinco mais passaram no regno.*

**E**L Rei dom Emanuel foi naturalmente amator de honra, e desejoso de deixar de sim memoria, e boas leis, e fôros a seus sugeitos, e vassallos, do que movido, começou neste anno de mil, e quinhentos, e cinco hum negocio de muito trabalho, que foi mandar reformar as leis, e ordenações antigas do regno, e acrecentar nellas algumas cousas que lhe pareceram necessarias, e assi fez por serviço de Deos huma obra digna de muito louvor, a qual se começou neste mesmo anno que foi mandar que se fizessem os tombos de todas as capellas, spritaes, albergarias, instituições, e gafarias destes regnos, pera o que se fizeram grandes diligencias em tirar inquirições, pera se saber disso ha verdade. Os quaes exames feitos, e acabados com muita diligencia, mandou logo screver os tombos autenticos de todas as propriedades, foros, rendas, e obrigações, que se tinham a estas casas, e capellas, de que mandou fazer de cada hum dous livros, hum pera ficar nos cartoreos das mesmas casas, e outro pera se lançar na Torre do tombo do regno, mas destes mui poucos se trouxeram a ella, o que seria per negligencia, e culpa das pessoas a que elle encomendou, e encarregou que o fizessem. Neste anno no mes de Junho por algumas suspectas, que el Rei teve da excellente senhora donna Ioanna, Rainha, que fora de Castella, e Leaõ, se querer tornar secretamente pera os ditos regnos, ordenou que se viesse de Sanctarem, onde então estava, pera Lisboa, e por

as informações que sobre isso deram a el Rei nam serem de calidade pera se lhe dar fé, e el Rei achar depois ser tudo falso, tenho por muito excusado fazer disso mais declaraçam, da qual senhora, e de seus infortunios tenho tratado assas per extenso na Chronica do Principe dom Ioam, Rei que foi destes regnos, segundo do nome. Neste mesmo auno de M. D. V. per consentimento, e vontade del Rei fez Ioam Lopes de Sequeira huma fortaleza em Guadanabar do cabo de Guer pera dentro, contra Aguiló, a que pos nome de Sancta Cruz, a qual fortaleza elle depois soltou a el Rei pola não poder soster, e el Rei lhe fez por isso merce. Neste anno como atras fica scrito mandou el Rei a Roma dom Diogo de Sousa, Bispo do Porto, o qual depois de ter negociado as cousas que levava a cargo, e ser Arcebispo de Braga, se tornou ao regno per mar, depois da chegada do qual a Lisboa, que foi no mes Doctubro, se ateou logo peste tam brava na cidade, de huma nao que vinha em sua companhia tocada sem o elle saber, que foi necessario irse el Rei com toda sua casa pera Almeirim, a qual pestilença se espalhou per todo o regno, e foi huma das mais bravas, e cruel, que em muitos tempos se acha, que ouvesse em nenhuma outra parte da Hispanha.

CAPITULO XCV

*De como Francisco Pereira pestana foi sobre huma aldeia, e do que lhe aconteceo.*

**F**RANCISCO Pereira pestana foi nestes regnos hum honrado fidalgo, e muito bom cavalleiro, grande dizedor, e cortezão, de quem el Rei dom Emanuel, e el Rei dom Ioam seu filho fizeram muita conta por seus serviços, e cavallaria, no qual exercicio deu sempre boa conta de sim assi em Italia, onde a exercitou com muito louvor, como em Africa, e na India, e na tomada da cidade de Tunes em companhia do Infante dom Luis quando o Emperador Carlos quinto a ganhou aos mouros. A este esforçado cavalleiro estando em Arzilla servindo a Deos, e seu Rei na guerra, deu dom Ioam de Meneses neste anno de M. D. v. setenta de cavallo pera correr a huma aldeia que esta dentro na serra que se chama cahara, a qual chegou em amanhecendo, pondosse em cilada, ate que os mouros lançaram o gado fora, o qual lhe tomou todo, ao que elles acodirão, apertando com Francisco Pereira, sem o deixarem ate tres legoas Darzilla, tendoo já seguido duas, as voltas, com tanto esforço que lhe conveo poer a gente em corpo sobre hum outeiro, com determinaçam de pelejar, mas os mouros parecendolhe que poderia ser cilada, se começaram de recolher a outro outeiro, o que elle vendo voltou sobrelles, que seriam entre de pe, e de cavallo duzentos, e os desbaratou, e matou oitenta, e captivou trinta, e cinco, dos Christãos forão muitos feridos, mas nam morreo nenhum. Avida esta vitoria, Francisco Pereira caminhou com a cavalgada, e foi rece-

bido em Arzilla do capitão, e dos mais que estavam na villa com muito prazer. Nesta companhia se achou hum muito esforçado cavalleiro per nome Diogo Viegas, da criação de dom João Mascaranhas capitão dos genetes, que por em monte mór o novo matar em desafio hum criado do mesmo dom João se foi Arzilla. O qual depois de se Francisco Pereira recolher ao outeiro, lhe dixe que voltasse sobellos mouros que estavam no outro, ao que Francisco Pereira, que de sua condição era assomado, respondeo, olhai que conselho de homem vestido em caçote de canhamação. Diogo Viegas como era cavalleiro, rindosse lhe dixe, assi Francisco Pereira, eu vos prometo que este caçote vos a hoje de parecer arnes de milão, ao que Francisco Pereira respondeo, pois tu es tão valente, volta, o que todos fizeram com tanto esforço, que desbaratarão os mouros do modo arriba dito. Diogo Viegas fez nesta volta tão assinaladas cousas que Francisco Pereira, depois do negocio acabado, se lhe lançou aos pes, dizendolhe que o espancasse, pois lhe respondera sem saber a quem falava, que com seis taes como elle se atrevia a ir prender o gram Turquo dentro da cidade de Costantinopla.

## CAPITULO XCVI

*De como el Rei mandou a India treze naos, de que foi por capitam Lopo Soares Dalvarenga.*

**A**TRAS fica dito como no anno de mil e quinhentos, e quatro, como el Rei mandou huma armada a India de que deu a capitania a Lopo Soares Dalvarenga, da qual farei relação neste anno de mil, e quinhentos, e cinco, em que tornou, segun-

do a ordem que com as outras ate qui nisso tive. Esta armada era de treze naos grossas, em que hiam mil e duzentos soldados, e muitas munições de guerra, por quanto el Rei tinha a guerra de Calecut por certa pellas informações que lhe o Almirante dom Vasquo da Gama deu, quando de lá tornou a segunda vez. Os outros capitães que hiam debaixo da bandeira de Lopo soares eram Pero de Mendonça, Lionel Coutinho, Tristão da Silva, Lopo mendes da Vasco gonzellos, Emanuel teles barreto, Lopo dabreu, Phelipe de castro, Afonso lopes da costa, Pero Afonso daguiar, Vasquo da sylveira, Vasquo carvalho, e Pero Diniz de Setuval, com os quaes partio do porto de Bethalem xxij. dias Dabril do dito anno de mil, e quinhentos, e quatro. E seguindo sua viagem chegou a Moçambique aos xxv. dias de Julho, em dia do Apostolo Sanctiago, onde o Xequo o recebeo como amigo, mandandolhe refresco da terra em presente, e huma carta que Pero Dataide screvera antes que morresse, em que avisava qualquer capitão que alli viesse ter dos negocios da India, pelo que vendo Lopo soares que sua chegada era necessaria a Cochim, mandou concertar, e prover a armada com tanta diligencia, que ao primeiro dia Dagasto partio pera Melinde, onde o el Rei em chegando mandou visitar com refrescos per hum mouro honrado per nome Debucar, e com elle dezaseis Portugueses, que se alli deixaram ficar, dos que se salvarão da nao de Pero Dataide. Neste porto de Melinde nam se deteve Lopo Soarez mais que dous dias, acabo dos quaes, depois de se ver com el Rei, partio perá India, navegando com bom tempo ate a ilha de Anchediva, onde achou Antonio de Saldanha, e Rui Lourenço, que como atras fica dito, alli vierão ter, e por caso do inverno nam poderão passar a diante. Isto era já no fim Da-

gosto, em que começa o verão naquellas partes, pelo que se fez dalli á vela caminho de Cananor, onde chegou ao primeiro de Setembro, e soube, assi del Rei com quem se vio em terra, como do feitor Gonçalo Gil Barbosa, o que Duarte Pacheco fizera nas guerras del Rei de Calecut. O que sabido, e dado a el Rei de Cananor hum presente, que el Rei dom Emanuel mandava, se partio pera Calecut: ha causa lá ir (posto que estivesse de guerra com nosco) foi esta. Ao dia seguinte que chegou a Cananor veo ter com elle hum Mouro de Calecut, com um moço Portuguez, que lhe trazia uma carta dos Portuguezes, que ficaram captivos, do tempo de Peáralvrez Cabral, os quaes Navegadorim principe de Calecut levava de Cranganor, com Rodrigo Reinel, quando per mandado de Francisco Albuquerque alli fora receber pimenta, como atras fica dito, na qual carta lhe scrivião que el Rei de Calecut ficara tão quebrado da guerra que tivera com Duarte Pacheco, que os governadores da cidade, sabendo que el Rei acceptaria a paz se lha dessem posto que aquelle tempo não estivesse na cidade, lhes mandaram que lhe screvessem, pera saberem delle se seria sua vontade fazella, o que lhe pediam que quisessem, a huma porque a todollos Portuguezes viria disso proveito, e a outra pera com ella sairem do captiveiro em que avia tanto tempo que estavam. Lida a carta Lopo soarez quisera mandar o Mouro com a reposta, e reter o moço, o que elle nam quis fazer, dizendo que se ficasse, que a todolos outros que estavam em Calecut cortarião as cabeças, ou pelo menos os tratariam mal, do que movido o deixou tornar sem responder, senão de palavra, dizendolhe que quanto a paz que elle se hiria dali a Calecut por esse só respeito, pola taubem desejar. Isto lhe dixee perante o Mouro, e a parte que lhes dixesse, que tanto que sur-

gisse diante do porto, trabalhassem por fogir de noite perás naos, que elle os mandaria esperar com os bateis a praia. Despedido o moço se fez Lopo soares a vela, e a hum sabado sete de Septembro de M. D. iiij, surgio diante da barra de Calecut, onde logo os governadores da Cidade o mandarão visitar per hum Mouro honrado, em cuja companhia vinha o mesmo moço Portugues, per quem lhe mandaram hum presente de refreaco da terra, e dizer que se quizesse dar seguro a Cojebequij que lhe iria fallar sobre concerto, de paz, pera o que já tinha commissão del Rei de Calecut. Lopo soares nam quis tomar o presente respondendo que ate nam terem assentada paz tivessem por excusado mandar-lhe cousa nenhuma. E quanto a Cojebequij que podia vir fallar com elle livremente, o que assi fez, acompanhado de dous dos nossos que estavam captivos na cidade, trazendo recado de parte dos regedores, que el Rei seria na cidade dentro de quatro dias, pera fallar nestas pazes, que desejava muito com el Rei de Portugal, ao que lhes respondeo que antes de se fazer nenhum concerto lhe aviam de dar os Portuguezes que tinham captivos, e os dous Lombardos Milaneses, ao que os de Calecut nam responderam, por caso da entrega dos Milaneses que quanto aos nossos, estavam resolutos em os entregar como se depois soube: pelo que mandou logo esbombardear a cidade, no que se continuou hum dia, e meo, o que feito se partio pera Cochim, onde chegou a hum sabado catorze dias do mesmo mes de Septembro.

## CAPITULO XCVII

*Do que Lopo Soares fez depois que chegou a Cochim, e de como Duarte Pacheco se veo parelle, e forão sobre Cranganor.*

**O** dia em que Lopo Soares chegou ao porto de Cochim o vieram ver á nao os nossos, e ao outro dia desembarcou, e se foi á foraleza, á porta da qual o estava sperando el Rei de Cochim, e dalli entrarão pera huma salla grande, onde estava hum estrado, em que se el Rei lançou sobre almofadas, e Lopo Soares se assentou em huma cadeira despaldas fora do estrado, e assi estiveram ambos falando per um bom pedaço, dandolhe logo Lopo Soares um presente, que lhe el Rei dom Emanuel mandava. Isto feito dahi a poucos dias mandou a Pero de Mendonça, e a Vasquo Carvalho que sahisse com as suas naos a guardar a costa dalli ate Calecut, e Afonso Lopes da Costa, Pedrafonso Daguiar, Lionel Coutinho, e Rui Dabreu que fossem tomar carga a Coulam, por saber que tinha o feitor Antonio de Sá junta muita speciaria por industria, trabalho, e ardis de Duarte Pacheco, o qual depois destas quatro naos chegarem ao porto de Coulão, se partio pera Cochim, onde Lopo Soares o recebeo como a homem a que todo cavalleiro tinha obrigação de fazer muita cortezia, misturada com desejo de alcançar alguma parte de tanta honra, e gloria, quanta elle tinha ganhada nas victorias que ouvera contra o Çamorij Rei de Calecut. Feita a carga das naos que ficaraõ em Cochim, e vindas as que foram a Coulam, Lopo Soares foi avisado que em Cranganor, cidade que sem-

pre tivera a parte del Rei de Calecut, estava hum seu capitão per nome Maimame, com oitenta paraos, e cinco naos, e em terra o principe Naubeadarim, e que cada dia se ajuntava muita gente a outra muita que ja alli tinha, isto pera que como partisse a nossa armada darem de subito nas terras del Rei de Cochim, e continuarem de novo na guerra que tinhão com Lopo Soares. Sobristo teve elle conselho com o mesmo Rei, e capitães da frota, pelos quaes todos se assentou, que dessem de subito em Cranganor, o que concludo partio de Cochim huma noite com quinze bateis e vintacinco paraos, e huma caravella, todos bem equipados, em que averia mil homens Portugueses, e mil Naires del Rei de Cochim. Em amanhecendo chegou a Pali, porto onde o principe de Cochim o estava esperando com oito centos Naires. Daqui partiram per mar, e per terra caminho de Cranganor, dando Lopo Soares a dianteira desta frota do mar a Tristão da Silva, Antonio de Saldanha, Pedrafonso Daguiar, Afonso da Costa, e Vasquo Carvalho. O capitão del Rei de Calecut tinha duas naos em que elle estava com dous seus filhos, encadeadas huma na outra, bem equipadas dartelharia, e todas as munições necessarias, com muita gente de guerra, frecheiros, lanceiros, e alguns espingardeiros, e as ilhargas dellas tinha postos os paraos com muita gente, e artelharia, os nossos cinco capitães em chegando abalroarão as naos, as quaes entraraõ (posto que com muito trabalho) matando alguns dos imigos, entre os quaes foi o mesmo capitão, e seus filhos que morrerão como homens esforçados, a outra gente toda vendo as naos entradas se lançou ao mar, os outro capitães, com os Naires de Cochim cometeram os paraos de Calecut, que se logo poseram em fugida, sem nenhuma resistencia. Desbaratada esta frota, Lopo Soarez fez desembarcar

os nossos, dando a dianteira aos cinco capitães, os quaes juntos com o Principe de Cochim, que veo per terra, e a outra nossa gente derão na de Naubeadarim Principe de Calecut, os quaes depois de se defenderem hum bom pedaço deixaram o campo, e entrando per uma porta da cidade saíram pela outra, indolhe os nossos no alcance ate os lançarem fora. Duarte Pacheco, e Diogo Fernandes Correa, que per ordenança de Lopo Soares desembarcaram com alguns capitães afastados dos outros, vendo ir os inimigos de vencida, sem os poderem alcançar, entraram tambem pela cidade, a qual logo poseram fogo, que em se começando datear, sahiram das casas alguns Christãos dos que alli moravão, pedindolhes que o apagassem, por nam queimarem as egrejas de nossa Senhora, e dos Apostolos que na cidade avia, e assi suas proprias casas que tinham mesturadas com as dos Mouros, gentios, e judeus. Destes alguns correrão a praia onde Lopo Soares estava com a gente que com elle ficou pera guarda da frota, a pedir-lhe o mesmo, ao que logo mandou acodir, mas nam pode ser com tanta diligencia, que se nam queimassem muitas casas, por serem de madeira, cubertas dola, ao modo do Malabar. As dos mouros, gentios, e judeus que senam queimaram foram saqueadas em que ouve grande despojo. As duas naos que estavam encadeadas, e tres que estavam encalhadas em terra, com muitos paraos, que os inimigos desempararam, mandou Lopo Soares queimar, e recolher a nossa frota as armas, e artelharía que nellas acharam, o qual (fazendosse esta obra) entrou na cidade, pera em huma das egrejas dos Christãos armar alguns cavalleiros, o que feito se tornou pera Cochim. onde foi bem recebido, assi del Rei, como de todollos da cidade.

## CAPITULO XCVIII

*Em que se declara donde estes christãos de Cranganor trazem seu principio, e dos costumes, e modo de religiam que tem, e do sitio da cidade.*

**E**STA Cidade de Cranganor he grande, situada na terra do Malabar, quatro legoas de Cochim, contra Calecut, de longo da qual passa hum rio que a cerca por algumas partes. Abitam nella gentios, mouros, judeus, e Christãos, he de grande trato, e de que todo o regno toma nome. Vem a ella mercadores, de Suria, Egypto, Persia, e Arabia por caso da muita pimenta que nella ha. Quando os nossos vieram a India, era esta cidade governada per os mesmos da terra a modo de Republica, com tudo estava a obediencia do Çamorij rei de Calecut: mas depois que os governadores della virão suas cousas em declinaçam por caso da guerra que faziamos a el Rei, elles se lhe rebelarão, sem lhe mais quererem obedecer. Tem o gentio deste regno os mesmos costumes, e crença que tem todollos outros do Malabar. Os Christãos que nella moram tem egrejas como as nossas, e nos altares, e paredes pintadas cruces, como os de Coulão, sem nenhuma outras imagens, nem sinos. Ajuntasse o povo nas egrejas aos domingos, onde ouvem suas pregações, e os officios divinos. Ao seu Papa chamam catholico. Tem sua residencia em Caldea com doze cardeaes, dous Patriarchas, Arcebispos, Bispos, e outros prelados. Os sacerdotes trazem a tonsura em cruz, e consagram o corpo do Senhor em pão asmo, e com vinho de passas, por na terra não aver outro Os seculares comungão separadamente o

pão, e vinho consagrado, como os sacerdotes. Baptizão os mininos aos quarenta dias, se nam sucede perigo de morte. Confessam se antes de tomar o Sacramento, e em lugar da extrema Unção, que nam usam, benze o sacerdote o enfermo. Quando entrão nas egrejas lanção agoa benta sobre sim: enterrão os mortos, ao modo da egreja Romana. Os parentes e amigos em lembrança do morto, comem todos juntos oito dias continuos, dizendo sempre muitas orações pela alma do defunto, depois dos quaes lhe fazem o saimento: nam fazendo testamento o que morre, succede na fazenda o parente mais chegado. As molheres dos defuntos tiram seu dote, o qual per lei, e costume que tem perdem, se se casam antes de hum anno depois da morte do marido. Tem os mesmos livros da lei velha, e nova que sam recebidos no Canone da egreja Romana, scriptos em lingua Hebræa, e Caldeã, os quaes os seus doctores (de que a alguns bem doctos na lei) lhes lem em scollas publicas, principalmente os Prophetas. Iejuam o advento, e a quaresma no mesmo tempo que nós. Nam comem cousa nenhuma, nem bebem da vespora da pascoa ate o dia. Tem pregadores que ordinariamente per todo o discurso do anno lhes pregão. Tem livros de doctores que lhes expoem a lei em que estudão. Guardam com muita devação o dia da Pascoa com duas octavas, e o dia da Pascoella, com muita solemnidade, por naquelle dia São Thome meter a mão no lado de nosso Senhor Iesu Christo. Guardam com a mesma solemnidade os dias da Ascençam, Penthecoste, Trindade, e Asumpçam de nossa Senhora, o do nascimento, e Purificaçam, o do Natal, Epiphania, todolos dias dos Apostolos, e domingos de todo o anno. Tem dia entercalar pera conta dos annos como os latinos. Os Christãos, e gentios daquelle regno fazem grandes

festas no primeiro dia de Julho, a honra do bemaventurado Apostolo São Thome. Tem mosteiros de monjes que se vestem de panos pretos, e da mesma ordem os ai de freiras, que vivem com muita observancia, honestidade, castidade, e pobreza, assi huns, como os outros. Os sacerdotes guardão castidade conjugal, morta a primeira molher nam casam mais, no matrimonio não pode antrelles aver apartamento per nenhum caso, senam per falecimento do marido, ou da molher, bem ou mal ham de viver juntos ate morte. Os quaes costumes, e crença tem todolos Christãos que a desde Cranganor ate Charmandel, e Mailapur, onde jaz enterrado o Apostolo São Thome, o qual Apostolo pregou a palavra de nosso senhor Iesu Christo a estes de Cranganor, e aos de Coulam, e primeiro que a estes aos da ilha de Çocotorá como elles tem per suas lendas, e livros autenticos. Pera mor certeza do que farei aqui mençam do que Pero de sequeira (homem a que se pode dar credito) me dixe acerca da verificação deste sancto Apostolo, ser o primeiro que pregou a nossa fe catholica naquellas partes, que foi assi. Servindo elle no anno de M. D. XLIII. o officio de thesoureiro do deposito em Cochim, veo ter aquella cidade hum Bispo de Cranganor, per nome Iacobo, Caldeo de naçam, o qual per sua dignidade, e honestidade pousava no mosteiro de Sancto Antonio, da ordem de São Francisco, onde adoeceo denfirmidade, de que veo a falecer, o qual Pero de Sequeira, por ter com elle alguma amizade, hia visitar muitas vezes. Este bom homem vendosse no extremo ponto da vida, com muita vergonha lhe rogou, que se Deos fosse servido o levar para sim, quisesse usar huma esmola, e charidade com elle, e com todolos Christãos da cidade de Cranganor, a qual era, que elle por necessidade, e ser pobre em-

penhara a hum certo homem que morava na serra duas taboas de cobre, em que estavam talhados ao boril privilegios que os senhores daquella cidade deram ao bemaventurado Apostolo São Thome, para os Christãos, que elle ja entam tinha convertidos, e pera todolos que depois o fossem, e estas taboas empenhara por vinte cruzados, avia ja alguns annos, sem sua pobreza lhe dar lugar pera as poder remir, que lhe pedia que pera consolaçam de sua alma mandasse logo por ellas, e as guardasse, porque se Deos lhe desse vida elle lhe pagaria os vinte cruzados, e morrendo o fariam os Christãos de Cranganor, pelo muito que lhes importava. Pero de Sequeira movido destas palavras, mandou hum seu criado com o dinheiro, em companhia de hum sacerdote, dos que acompanharam o Bispo, que conhecia o homem que tinha as taboas, as quaes lhe trouxeram antes do Bispo falecer de que levou muita consolaçam. Morto o Bispo Pero de Sequeira mostrou estas taboas ao governador da India, que entam era Martim Afonso de Sousa, que logo mandou buscar quem lesse o conteudo nellas, mas nam se achou quem as entendesse pola antiguidade da scriptura, e differenças das lingoajens, do que ja desesperado, lhe vieram a enculcar hum judeu que tambem vivia na serra homem docto em muitas lingoajens, e experto na antiguidade dellas ao qual mandou as taboas com cartas del Rei de Cochim, per que lhe mandava que declarasse o que se nellas continha, o que o judeu fez, com muito trabalho, porque a scriptura era de tres lingoajens, Caldeu, Malabar, e Arabio, e o estilo muito antigo, mas a substancia dos privilegios nam se continha em cada huma destas lingoajens por sim, senam em todas tres juntas, pondo huma palavra, ou adiçam Caldea, e outra Malabar, e outra Arabia. E nestas tres lingoajens estavam as

taboas scriptas o que o judeu mandou declarado em lingua Malabar, da qual se tresladou na Portuguesa. Estas taboas sam de metal fino, de palmo, e meo cada huma de comprido, e quatro dedos de largo, scriptas dambalas bandas, e infiadas, pela banda de cima com hum fio darame grosso. O que se nellas conthem he que o Rei que então regnava dava de sua livre vontade ao Apostolo São Thome, que então residia em Cranganor pera edificar hum templo naquella cidade, tantos covados Dalephante de terra em redondeza, medida que faz dez palmos, que he huma braça de craveira. A qual casa o Apostolo edificou no lugar que lhe aquelle Rei deu, que he no sitio onde agora está a nossa fortaleza declarando mais que todos os Christãos que naquella redondeza edificassem casas, não pagassem nenhum tributo aos Reis daquelle regno. E assi mais que para entretenimento do templo lhe fazia doaçam do quinto das mercadorias que trouxessem os mesmos Christãos aquella cidade, pela baia do porto della, que então era de grande trato, o qual privilegio se lhes ategora guarda. Estas taboas forão carregadas em receita sobello mesmo Pero de Sequeira, e depois sobello thesoureiro que o succedeo, onde ao presente devem ainda destar, o treslado das quaes mandou Pero de Sequeira em linguaagem Portuguesa, a el Rei dom Ioam terceiro, que sancta gloria aja, e lhe foi dado: mas o que se delle fez nam pude saber, nem se acha na torre do Tombo, onde per razam o deveram de lançar, como cousa digna de memoria.

## CAPITULO XCIX

*Do que Lopo Soarez Dalvarenga fez depois da victoria que ouve em Cranganor ate se partir da India, e chegar ao regno.*

**H**UM dos Reis que ajudaram na guerra ao Çamorij Rei de Calecut, foi o de Tanor seu vizinho, com o qual o mesmo Çamorij depois de sair do Turcol, por causas que se entrelles moveram, começou de ter debates, de que se seguiu guerra, do que movido o Rei de Tanor, no mesmo tempo em que Lopo Soarez foi sobre Cranganor, sabendo que o de Calecut hia socorrer a cidade, ae lançou em cilada, em hum lugar estreito per onde avia de passar, em que o desbaratou, e matou mais de dous mil homens. Polo que temendo que se nam aiasse com os nossos, que el Rei de Calecut buscaria todos modos que podesse pera o destruir, mandou seus embaixadores a Lopo Soarez, dando-lhe conta do que passava, e serviço que fezera a el Rei de Portugal, pedindo lhe ajuda contra seu imigo. E por lhe estes embaixadores dizerem que o Çamorij estava ja prestes pera vir sobre el Rei, com uma grande armada, mandou em socorro Pero Raphael com soldados Portuguezes, delles besteiros, e espingardeiros, que chegou a Tanor no mesmo dia em que o Çamorij, com ajuda dos nossos foi desbaratado do que ficou tam abatido que os mais dos mouros de Calecut se foram viver a outras partes pera estarem seguros, e fazerem melhor seus negocios, dos quaes alguns fretaram dezasete naos grossas bem esquipadas, e artilhadas pera se irem pera Mequa, em que logo começarão de carre-

gar a fazenda, e mercadorias, que tinham em Calecut, e outros lugares. Lopo Soarez que se fazia prestes perá torna viagem, sabendo o que passava se apressou quanto pode, pera de caminho dar em Pandarane, onde estas dezasete naos estavam, pera as mandar queimar, antes de sairem do porto. Polo que deixando por capitam de quatro velas a Emanuel Telez Barreto de que os outros capitães que ficavão debaixo da sua bandeira, eram Christovão Iusarte, Pero Raphael, e Diogo Pirez, se fez a vela aos xxvj. dias de Dezembro, e sendo tanto avante como Pandarane, lhe saíram vnte paraos dos que estavam em guarda das dezasete naos, nos quaes vinha muita, e boa gente de guerra, que com grande grita vierão cometer as caravellas de Pero Raphael, e Diogo Pirez, os quaes per mandado de Lopo Soares hião diante hum bom pedaço, de longo da costa, com vento calma. Estes paraos em chegando, começarão de servir os nossos de frechadas, espingardadas, e bombardadas, do que se defendião com muito trabalho, o que vendo os da frota lhe acodiram, seguindo os paraos ate os fazerem recolher pera onde estavam as naos, das quaes como Lopo Soares ouve vista fez amainar, e avido conselho do modo que as cometeria, se acordou que nos bateis, e com as caravellas, por estarem de tras de hum arrecife, que as nossas naos não podião chegar, por irem muito carregadas, pera o que mandou armar quinze bateis, e fazer voga pera terra, levando as caravellas a toa, ate as meter no arrecife, por o vento ser calma: na boca do qual estavão duas bombardas assentadas em hum bastilhão, de que os nossos foram maltratados ao entrar. As naos estavam juntas humas com as outras, as popas em terra, e diante das proas por repario os lemes atravessados, e encadeados huns com os outros ao lume dagoa. A

gente que tinham pera se defender era muita, e boa artelheria, com tudo os nossos propondo a honra ao perigo, entrarão no arrecife, e forão cometer as naos per meo de muitas frechadas, e bombardadas, do que forão bem servidos, e de bombas de fogo, depois que as abalroaram, dos quaes foi o primeiro Tristam da Sylva, que aferrou a mor dellas, que estava a entrada do arrecife, e porque nesta avia muita mais gente que nas outras, de que recebia muito damno, foi aferar outra em que entrou posto que lho os de dentro defendessem com muito animo: com tudo os que escaparam do ferro se lançaram ao mar, e a nao ficou despejada. No mesmo tempo aferrou Afonso Lopes da Costa outra de que era capitam hum Turquo, homem mui esforçado, a qual entrou com muito trabalho, os primeiros que sobiram foram o mestre da nao, Afonso Lopes, e Alvaro Lopes, criado del Rei, que depois foi scrivão da camara de Santarem. Neste tempo Lionel Coutinho, Duarte Pacheco, Pedrafonso Daguiar, Vasquo Carvalho, Antonio de Saldanha, Rui Lourenço, e os demais o fizeram como esforçados cavalleiros, e assi Pero Raphael, e Diogo Pirez com as caravellas, porque Pero Raphael foi cair com a corrente da maré na gorita de huma das naos, donde pola entrar, e por se defender sahio com tres homens mortos, e todos feridos sem ficar nenhum. Diogo Pirez encaminhando peras naos, de huma bombarda lhe mataram o mestre, que hia governando, pelo que antes de se poder acodir ao leme, foi dar sobre huns penedos, donde a tiraram a toa. Esta pejeja foi brava, e durou muito, mas em fim os imigos desemparrão as naos, por caso do fogo que lhe os nossos poserão, em que arderão muitas mercadorias, que ja nellas estavam carregadas, sem se salvar cousa nenhuma tudo a vista dos nossos, e dos da terra,

que da praia estavam pasmados, olhando como se tão de subito abrasavão dezasete naos grossas, com muitos paraos que estavam apar dellas, em que os mais delles vião perecer suas fazendas, sem lhe poderem dar remedio. Avida esta victoria Lopo Soares se recolheo as naos, com lhe matarem xv homens Portugueses, e ferirem cento, e vintasete. Dos imigos, como se soube em Cananor (pera onde se Lopo Soarez dalli partio ao primeiro dia de Janeiro de M. D. v.) morrerão mil, e setecentos. Tomada a carga em Cananor que ainda era necessaria pera as naos se despedio del Rei, e dos Portuguezes que estavam na cidade, e encomendando muito a Emanuel Telles, Christovão Iusarte, Pero Raphael, e Diogo Pirez, a guarda da costa do Malabar, e cousas del Rei de Cochim, seguio sua viagem com mais duas naos, das com que partira de Portugal, carregadas de muita speciaría, e outras mercadõrias, com que chegou a Melinde o primeiro dia de Fevereiro, onde foi bem festejado del Rei. Recolhida a fazenda que alli deixara Antonio de Saldanha, das presas que fezera no cabo de Guardafum, indo pera India foi ter a Quiloa, com tençam de receber as pareas que el Rei era obrigado pagar cadanno, do que desenganado se fez a vela aos dez dias de Fevereiro pera Moçambique. Alli esteve doze dias provendosse das cousas necessarias perá viagem, donde dous dias depois de sua chegada despedio pera o regno (com novas do que tinha feito) Pero de Mendoça, e Lopo Dabreu, dos quaes Pero de Mendoça, se perdeu no caminho sem se saber onde, e Lopo Dabreu veio a Lisboa, nove dias antes que Lopo Soarez, o qual com toda a frota junta chegou a Lisboa aos xxij. dias de Julho do mesmo anno de M. D. v. a quem el Rei fez muita honra. E porque nam pareça esque-

cimento farei aqui relaçam de Diogo Fernandez Peteira capitão da nao de Setuval que partio do regno, na capitania de Antonio de Saldanha, como atras fica dito, o qual chegou a Cochim, estando ja Lopo Soarez pera partir, pelo que nam pode aver carga, senão depois das outras naos acabarem de a tomar, com que entrou no porto de Lisboa, poucos dias depois de Lopo Soarez. E este anno foi o em que ate agora mais speciaras, e outras riquezas vieram da India a estes regnos, porque Lopo Soarez partio de Lisboa com treze naos, e entrou com quatorze, e a de Diogo Fernandes Peteira foram quinze, com o qual Lopo Soarez veo Duarte Pacheco muito contra vontade del Rei de Cochim, que lhe pedio per muitas vezes que lho deixasse pera segurança de sua pessoa, e regno.

## CAPITULO C

*Em que per hum Padram de blasam darmas, e insignias que el Rei de Cochim deu a Duarte Pacheco Pereira se aprovão, e confirmão na verdade, os notaveis festos que fez na India contra o Çamorij Rei de Calecut, e assi pela honra que lhe el Rei dom Emanuel fez em chegando a este regno.*

**P**ORQUE as victorias que Deus deu a Duarte Pacheco Pereira, contra o Çamorij rei de Calecut, sam de calidade que pelo tempo adiante se poderiam julgar por fabulosas, tratarei neste capitulo do testemunho que disse da a honra que lhe el Rei dom Emanuel fez depois de ser neste regno, e a que recebeo del Rei de Cochim antes que partisse da In-

dia, e quanto á del Rei de Cochim o negocio passa desta maneira. Avida as grandes victorias de que ja tratei el Rei de Cochim quis gratificar a este valeroso cavalleiro os serviços que lhe fezera com merces, e assi de dinheiro como de joias, e terras, que lhe dava no seu regno, do que nam quis tomar nada, dizendo que o serviço que fezera fora a el Rei dom Emanuel, e que delle sperava o galardam, o que vendo el Rei de Cochim, e sabendo o modo, que se entre os Christãos da Europa tem, acerca dos blasons darmas que lhes os Emperadores, e Reis dam, em testemunho de seus serviços, lhe mandou hum padrão darmas de que somente porei aqui o mais substancial no modo que se segue. Itirà.mà marnetim, Quiluniramá, Coul, Trimumpate, Rei de Cochim, senhor de Vaipil, de Arraul, de Chirivaipil, e Narungante, Bramana mór, mediante os deoses Tilaram, Pagode, aos que esta minha carta virem, faço saber, que no anno de mil, e quinhentos, e quatro, (conta dos Christãos) no mes de março, el Rei de Calecut veo sobre minha terra, com toda a força, e poder do Malabar, pera me destruir, por eu acolher, e favorecer os Portuguezes, que ao meu porto arribavão, pelo qual respeito os mais dos Reis, Nãbeadaris, Caimães, e outros senhores do Malabar me foram contrarios, no qual tempo nam tive outro socorro, que huma armada de Portuguezes, de que era capitão Duarte Pacheco Pereira, fidalgo da casa del Rei de Portugal meu senhor, e irmão, o qual me assegurou minhas terras, com muitos trabalhos, e fadigas, e pelejas, em que sempre venceo a el Rei de Calecut, e os que com elle contra mi erão. Pelo que avendo respecto aos muitos serviços que me fez, sem porisso nunca de mi querer tomar nada, de meu proprio moto, e livre vontade, e poder absoluto, por memo-

ria, e sinal de seus feitos, e dos trabalhos que por mi passou nesta guerra, e por honra de sua pessoa, e dos que d'elle descenderem, lhe dou por insignias, e signaes de seus feitos, e honra que nisso ganhou, hum scudo vermelho, por sinal de muito sangue que dos de Calecut derramou nesta guerra, e dentro nelle lhe dou cinco coroas douro em quina, por sinal de cinco Reis que nella desbaratou, e a bordadura deste scudo lhe dou branca com ondas azues, e oito castellos nella, de madeira verdes, armados nagoa sobre dous navios rasos cada castello, por duas vezes que o combateram com estes oito castellos, e dambas os desbaratou, doulhe sete bandeiras de ponta, ao derredor deste scudo, tres vermelhas, e duas brancas, e duas azues, por sete combates que lhe el Rei de Calecut deu em pessoa, e em todos sete o desbaratou, e por sete bandeiras que lhe tomou das mesmas cores, e feição, e doulhe hum Elmo de prata aberto guarnecido douro, e o Paquife douro, e vermelho, e por Timbre hum castello do mesmo theor, e nelle huma bandeira vermelha de ponta. As quaes insignias, e armas elle podera trazer, misturadas com as armas de sua linhagem, ou sem ellas como elle quizer com a dita bordadura, ou sem ella, como lhe melhor parecer, porque eu de meu proprio moto, e livre vontade, e poder absoluto lhas dou como dito tenho, a elle, e a todos os que d'elle descenderem, pelos mui grandes, e assignados serviços que me tem feito, como arriba he declarado, e por sua guarda, e minha lembrança, lhe mandei ser feita esta carta per mim assinada, Chiricandá scrivão de sua fazenda a fez em Cochim, aos dous dias do mes Dagosto, de mil, e quinhentos, e quatro conta dos Christãos. Foi este padrão d'armas tresladado de lingoa Malabar na Portuguesa, per Alvaro Vaz scrivão da feitoria de Co-

chim, e concertada com o mesmo Chiricandá. O que toca a grande honra que lhe el Rei dom Emanuel fez em chegando a este regno, he o seguinte. A quinta feira depois da armada de Lopo Soarez surgir no porto de Lisboa mandou fazer huma porçissam solemne, do modo, que fazem as do Corpo de Deos, em que foi da Se, ate o mosteiro de S. Domingos, levando Duarte Pacheco a sua ilharga, junto consigo, onde o Bispo de Viseu dom Diogo Ortiz fez huma pregação, em que relatou tudo o que lhe acontecera na India, e o mesmo mandou fazer per todo o regno, e o screveo aos mais dos Reis, e Principes christãos. Mas o fim destas honras, em galardam de tantos serviços, e doutros que Dnarte Pacheco depois fez a el Rei, como se ao diante dira, foi de calidade, que se pode delle tomar exemplo pera os homens se guardarem dos reveses dos Reis, e Principes, e da pouca lembrança que muitas vezes tem daquelles a que sam em obrigação, porque a mor merce que Duarte Pacheco alcançou pelo premio dos taes serviços, foi a capitania da cidade de São George da mina, donde por capitulos que delle deram o mandou el Rei trazer ao regno em ferros, e sem lhos tirarem dos pés esteve muito tempo preso na cadeia, ate que por se saber serem parte das culpas que lhe punham falsas, e as outras tão leves, que em hum tal homem não podião ter nome de culpas, o soltarão, tão pobre, como o era quando foi perá mina. E assi viveo todo o mais do discurso de sua vida, com muito desgosto, e em tanta pobreza, que seu filho, unico, ligitimo, Ioam Fernandez Pacheco, e sua mãe, que ao presente vivem, por lhe elle nam deixar fazenda pera se poderem manter como devem, passam tão estreita vida, que são constrangidos a viver, elle nam como os seus proprios serviços (allem dos de seu pai) merecem, e

ella de pouco que lhe elle pode dar, e esmolas que lhe fazem pessoas honradas. Este foi o galardam que Duarte Pacheco ouve em satisfaçam de tão grandes, e memoraveis serviços como forão os que fez a Coroa destes regnos.

## CAPITULO CI

*Do nascimento do Infante dom Luiz, e das calidades de sua real pessoa.*

A TRAS fica dito como por caso da peste que no mes Doctubro, de mil, e quinhentos, e cinco, se ateara na cidade de Lisboa se fora el Rei a Almeirim. E porque começou de dar rebates no mesmo lugar, e em Santarem, de que ja eram mortas algumas pessoas, el Rei se foi aforrado Abrantes, onde a Rainha pario hum filho aos tres dias do mes de Março do anno de mil, e quinhentos, e seis, a que poseram nome dom Luiz, o qual foi tão ornado de virtudes, que pera natureza de todo cumprir com os dotes que lhe deu, lhe ouvera de conceder ocasiã para poder conquistar mores regnos, e senhores do que o fez a Alexandre, porque para a execuçam disso lhe sobejou o animo, e pera o fazer lhe não faltou mais que não nascer Rei, ou o ser de algum grande regno. Foi muito catholico Christão, de pura, e boa consciencia, emparo de religiosos, pobres viuvas, e orphãos, a cujas necessidades supria com muitas esmolas, e merces. Amou muito seus criados, e os agasalhou todos, partindo com elles de seus bens, segundo a calidade de suas pessoas, e serviços: no exercicio das armas, assi a pe, como a ca-

vallo era tam manhoso, que nenhum outro homem lhe fez nunca aventajem. Nas artes liberaes teve por mestre o doctor Pero Nunez Portugues de naçam que foi neilas hum dos doctos homens de seu tempo, nas quaes este Principe foi tambem doctinado, que se as quisera ler publicamente, o fezera sem lhe faltar auditorio, e nellas compes hum livro de modos, porporções, e medidas. Foi homem de meã estatura, louro, e de bom parecer, bem disposto, e prazenteiro, no fallar galante, no vestir, e bom cortesão em todas as canas, touros, justas, e torneos em que se achou, de nenhum saio sem ganhar alguns dos preços, e muitas vezes os maiores assi de galante, como de esforçado, e bom mantenedor, ou aventureiro, pelos quaes dotes, e virtudes que nelle, desde sua mocidade começaram a dar sinal de quem avia de ser, e pela muia obediencia que sempre teve a el Rei seu pai, e a Rainha sua mãe, elles lhe foram em quanto viverão mui afeiçoados a qual obediencia, e na mesma igualdade teve depois a el Rei dom Ioam terceiro seu irmão, ate a hora de sua morte, e em tanto que não deixou de ser tachado, e aconselhado dalguns que tivesse nisso outro modo. Pelo qual acatamento, e devida obediencia o teve el Rei seu irmão sempre em muita conta, tanto que nenhuma cousa fez, nem tratou, das que tocavam aos negocios da guerra, e da paz, como do governo do regno, e de sua fazenda que não fosse por seu conselho, e parecer nem tão somente era presente a todos estes negocios, mas ainda aos despachos dos officios, honras, e merces que el Rei dava, e fazia a todos seus moradores, e vassallos no que todos eram delle tão favorecidos, que igualmente lhe davão por isso as graças, e lhe beljavão a mão, como a mesma pessoa del Rei. E se algum desgosto ouve antre elle, e el

Rei seu irmão que se sentisse, foi polo não querer deixar passar em Africa a fazer guerra aos Mouros, nem a India tendo assentado com os do seu conselho que pera esta viagem lhe armassem sessenta naos, o apercebimento das quaes se começou de fazer com muita diligencia: mas per alguns respectos se não acabou de poer em obra este tão honroso negocio, nos quaes requerimentos trabalhou muito, e por muitas vezes, sem lho el Rei querer conceder. Esta vontade de fazer guerra aos infieis foi sempre nelle tam firme em quanto viveo, que no anno de mil, e quinhentos, e trinta, e dous, sabendo que o Emperador dom Carlos quinto do nome, seu cunhado casado com a Infante dona Isabel sua irmã se apercebia pera fazer guerra ao Turco, que com gram poder vinha sobello regno de Hungria, se fez secretamente prestes pera o acompanhar nesta honrosa viagem, o que sabendo el Rei, per respectos que o a isso moveram, lhe tomou à menajem que o nam fizesse. Mas como este desejo juntamente com a idade se fosse nelle de dia em dia acrecentando, determinou de nam preder outra tal occasiam, pelo que querendo o mesmo Emperador, no anno de M. D. XXXV. passar em Africa, a conquistar o regno de Tunes, depois da partida de huma armada que lhe el Rei mandou pera ajuda desta empresa, este valeroso Principe se foi huma noite secretamente da corte que então estava em Evora com proposito de per nenhum modo tornar ao regno sem se achar neste negocio com o Emperador seu cunhado, do que el Rei ficou descontente pola perda que recebia de sua ausencia, e por não ir com o aparato que convinha a sua real pessoa. Como se na corte, e pelo regno soube da partida do Infante, alguns senhores, e fidalgos o seguirão sem dedirem licença a el Rei, e outros lha vie-

rão pedir, dos quaes foi hum dom João de Lancastre, Duque Daveiro, que de Setuval se veo pela posta a Evora, mas por muito que nisso insistisse el Rei lha não quis dar, apontandolhe razões mui efficazes, com que o divertio do pensamento com que vinha. Dos que se foram sem licença foi o Duque de Bragança, dom Theodosio, o qual ou que o Infante tivesse communicado com elle esta sua ida, ou com desejo que teria de se achar em hum tal, e tão honroso feito de guerra, se partio de madrugada Devora, seguindo a via que o Infante levava, o qual achou em Aronches. El Rei na mesma hora que soube da ida do Infante, e do Duque, despachou dom Antonio Dataide primeiro conde da Castanheira, pelo qual, avendo respeito a quantas vezes negara ao Infante o effecto de seus altos, e valerosos pensamentos, lhe mandou licença pera proseguir no que tinha começado, e credito pera tomar de mercadores cem mil cruzados, offerecendo-lhe allem disto tudo o que lhe delle, e de seu regno mais comprisse mandando logo alguns fidalgos que se fossem pera elle, e o acompanhassem, e a alguns dos que pera isso pediram licença a deu, com a todos fazer merce pera ajuda do caminho. E a Antonio de saldanha, que hia por capitão da armada, que mandava ao Emperador, screveo que toda aquella viagem onde quer que o Infante seu irmão estivesse, em todo, e por todo lhe obedecesse como a elle mesmo se presente fosse, e fezesse tudo o que lhe mandasse, na qual viagem este magnanimo Principe ganhou nome de bom capitão, e esforçado cavalleiro, como se dira na Chronica del Rei dom João seu irmão, onde per extenso, como em seu proprio lugar se deve tratar o successo desta viagem na qual elle foi causa unica de o Emperador ir sobre Tunes, como o tinha determinado porque depois de ter ga-

nhada de caminho a Goleta, o parecer de todo seu conselho, por se chegar o inverno, foi que se devia de tornar pera Castella, o que se não fez por o Infante o contrariar per cujo conselho o Emperador passou adiante. E tornando ao negocio a que foi o conde da Castanheira, el Rei lhe deu huma carta de crença pera o Duque de Bragança, e lhe mandou por elle dizer que não passasse adiante, do que o Duque ficou bem agastado, e screveo huma carta a el Rei, na qual lhe mandava mui a fincadamente pedir licença pera acompanhar o Infante, e o servir nesta viagem, a esta carta respondeo el Rei com outra scripta de sua propria mão de que o theor de verbo ad verbum he o seguinte. Honrado Duque sobrinho, amigo que muito amo, e prezo, se me não parecera muito meu serviço mandarvos tornar, por vos tirar da grande pena que sei que com isso recebereis, folgara de vos dar a licença que me pedis, mas porque me ei por mais servido de vós em vos tornardes, vos rogo muito que vos desagasteis, e folgueis de vos tornar pois que eu o ei por melhor, porque certo he que sempre aveis de aver por mor vossa honra, e ter mor contentamento do que virdes, que ei por mais meu serviço, nem eu me posso aver por servido de vós, se não do que mais nossa honra for, e por isso vos encomendo, e mando, que logo vos torneis: de minha mão, Devora aos xv. de Maio M. D. XXXV. Tanto que o Duque recebeu esta carta sem mais replicar a vontade del Rei mandou a seus officiaes que quinze mil cruzados com que se então alli achava offerecessem aos fidalgos, e cavalleiros, que hiam com o Infante, e dessem a cada hum segundo a calidade de sua pessoa, o que alguns aceptaram, e elle se foi a Villa Viçosa, e dahi a Evora onde lhe el Rei fez bom gasalhado, e mostrou levar muito contentamen-

to de sua tornada, e lhe deu particularmente muitas razões perque se movera ao nam deixar ir com o Infante, de que o Duque se teve por satisfeito, e lhe beijou por isso a mão, recebendo a boa vontade, e amor que lhe el Rei tinha por huma grande merce. E porque acrecente mais aos louvores do Infante direi aqui o que sobre sua real pessoa per minhas mãos passou. El Rei dom João terceiro seu irmão, que sancta gloria haja, estando eu servindo em Anvers no duquado de Brabante me mandou no anno de mil, e quinhentos, e vinta nove as partes de Hostelanda a negocios de seu serviço, e dahi a corte del Rei de Polonia, Sigismundo primeiro do nome, que neste tempo estava em Vilna, cidade metropoli, e principal no ducado de Lituania, donde depois de ter acabados os negocios a que hia tornei a cidade de Danzique em Prussia (donde partira) a tomar conclusam nas cousas que naquellas partes ainda tinha que fazer, e dalli me fui a Cracovia cidade principal, e metropoli da Polonia minor. Nesta cidade de Cracovia achei Christopharo Schelovisco, que então era Vice-rei dambalas Polonias, por el Rei ser absente, e Ioam Tarnovio capitam da cidade, e frõteiro mor dos confins dentre Polonia, e tartaria, homem de muita authoridade, a quem el Rei dom Emanuel armou cavalleiro com outros dous gentis homens Polonos, no anno de M. D. xvi. em Lisboa, na egreja de Sam Giam, como se dirá em seu lugar, do qual por esta razão fui eu bem festejado por alguns dias. Estes dous senhores (entre outras praticas que tivemos) me deram a entender que el Rei Segismundo seu senhor (se pera isso fosse cometido) daria de boa vontade huma só filha que tinha per nome donna Hedvige, de sua primeira mulher donna Barbara, irmã del Rei Ioam sceposiense de Hungria, ao Infante dom

Luis por molher, e com ella tal dote qual hum tal Principe como elle merecia, e isto per palavras de que eu pude bem entender, terem elles comissam del Rei pera me fallarem nisso. A qual senhora Infante eu vi, e lhe fallei na mesma cidade de Cracovia onde então estava com sua casa, e estado, em hum fermoso Castello que na cidade ha, molher muito discreta, e de bom parecer. Da qual pratica depois de ser na cidade de Anvers avisei el Rei per minhas cartas, dizendolhe nellas que deste casamento poderia resultar vir o Infante dom Luiz a ser Rei de Polonia, porquanto el Rei não tinha senam hum só filho, da Rainha sua segunda molher, per nome donna Bona, filha de Galeaço esforcia Duque de Milão, a qual e assi o filho nam eram bemquistos do povo, nem dos nobres do regno, e porque o regno era de eleição poderia ser que depois de sua morte elegessem o Infante por Rei de hum tal regno como o aquelle he, do que ouve resposta, dandome sua alteza as graças do aviso que lhe dera, o que quiz poer aqui por memoria, e lembrança deste tam illustre Principe. E pera se saber quam conhecido, e estimado foi dos Reis, e Principes que em seu tempo viveram, o qual no mes de Ianeiro de mil, e quinhentos, e sessenta, em que isto se screveo faz quatro annos, e trinta, e cinco dias que faleceo, em idade de quarenta, e nove annos, e nove meses, com muita dor, e tristeza de todos aquelles que o conheceram, e conversarão sua Real pessoa, e virtuosos costumes. Faleceo junto de Lisboa em Emxobregas, nas casas de dom Antonio de Noronha, Conde de Linhares, que estam de longo do Tejo, allem do mosteiro de S. Bento da ordem de S. Ião Evangelista dos azues. Acompanharão-no per mandado del Rei dom Ião terceiro seu irmão (ate que spirou) dom Antonio Da-

taide conde da Castanheira, e Pero Dalcaçova Carneiro secretario del Rei, e do seu conselho. Não foi casado, deixou hum filho, per nome dom Antonio, que ouve de huma donzella. O qual ao presente he Prior da ordem de Sam Ioam, homem mui affabil, cortes, e bem instituido nas artes liberaes, e tam magnifico, e liberal que totalas riquezas do mundo se poderião ter nelle por bem empregadas.

## CAPITULO CII

*De como el Rei mandou Tristão da Cunha a India por capitam de huma armada, e do alevantamento que se em Lisboa fez contra os christãos novos.*

**A**NTES que el Rei fosse de Lisboa pera Alneirim, ordenou de mandar Tristam da Cunha a India por capitam de huma armada, da qual, e do que nesta viagem fez se dirá adiante, no anno de mil, e quinhentos, e oito, em que tornou. Pelo que nestes dous capitulos, que sam os derradeiros desta primeira parte tratarei de hum tumulto, e alevantamento, que se aos dez e nove dias de Abril, deste anno de mil, e quinhentos, e seis, em Domingo da Pascoella fez em Lisboa contra os Christãos novos, que foi pela maneira seguinte. No mosteiro de São Domingos da dita cidade está huma capella a que chamão de IESU, e nella hum Crucifixo, em que foi entam visto hum sinal, a que davam cor de milagre, com quanto os que se na egreja acharão julgavão ser o contrario, dos quaes hum christão novo dixe que lhe parecia huma candeia acesa que estava posta no lado da imagem de IESU, o que ouvindo alguns ho-

mens baixos o tirarão pelos cabellos arrasto fora da egreja, e o matarão, e queimarão logo o corpo no resio. Ao qual alvoroço oodio muito povo, a quem hum frade fez huma pregação convocando contra os christãos novos, apos o que sairão dous frades do mosteiro, com hum Crucifixo nas mãos bradando, heresia, heresia, o que imprimio tanto em muita gente estrangeira, popular, marinheiros de naos, que então vierão de Holanda, Zelanda, Hoestelanda, e outras partes, assi homens da terra, da mesma condição, e pouca calidade, que juntos mais de quinhentos, começaram a matar todollos christãos novos que achavão pelas ruas, e os corpos mortos, e meos vivos lançavam, e queimavão em fogueiras que tinham feitas na ribeira, e no resio ao qual negocio lhes servião escravos, e moços, que com muita diligencia acarretavão lenha, e outros materiaes pera acender o fogo, no qual domingo da Pascoella matarão mais de quinhentas pessoas. A esta turma de maos homens, e dos frades, que sem temor de Deos andavam pelas ruas concitando o povo a esta tamanha crueldade, se ajuntarão mais de mil homens da terra, da calidade dos outros, que todos juntos a segunda feira continuarão nesta maldade com mor crueza, e por ja nas ruas não acharem nenhuns christãos novos, forão cometer com vaivens, e escadas, as casas em que viviam, ou onde sabiam que estavam, e tirandoos dellas arrasto pelas ruas, com seus filhos, molheres, e filhas, os lançavam de mistura vivos, e mortos nas fogueiras, sem nenhuma piedade, e era tamanha a crueza que ate nos mininos, e nas crianças que estavam no berço a executavão, tomandoos pelas pernas fendendoos em pedaços, e esborrachandoos darremesso nas paredes. Nas quaes cruezas se não esquecião de lhes meter a sacco as casas,

e roubar todo o ouro, prata, e enxovaes que nellas achavão, vindo o negocio a tanta dissolução que das egrejas tiravão muitos homens, molheres, moços, moças, destes innocentes, desapegando-os dos Sacrarios, e das imagens de nosso Senhor, e de Nossa Senhora, e outros Sanctos, com que o medo da morte os tinha abraçados, e dalli os tiravam, matando, e queimando misticamente sem nenhum temor de Deos assi a ellas como a elles. Neste dia perecerão mais de mil almas sem aver na cidade quem ousasse de resistir, pola pouca gente de sorte que nella avia por estarem os mais dos honrados fora, por caso da peste. E se os alcaides, e outras justiças querião acodir a tamanho mal, achavão tanta resistencia, que erão forçados a se recolher a parte onde estivessem seguros, de lhes não acontecer o mesmo que aos christãos novos. Avia entre os Portugueses, que andavão encarniçados neste tão feo, e inhumano trato taes, que por se vingarem do odio, e mal querença que tinham com alguns Christãos lindos, davam a entender aos estrangeiros que erão christãos novos, e nas ruas, ou em suas casas onde os hião saltar os matavão, sem em tamanha desaventura se poder poer ordem. Passado este dia, que era o segundo desta perseguição, tornarão a terça feira estes damnados homens a proseguir em sua crueza, mas não tanto como nos outros dias porque ja não achavão quem matar, por todolos christãos novos que escaparam desta tamanha furia, serem postos em salvo por pessoas honrradas, e piadosas que nisso trabalharão tudo o que nelles foi, e o tempo, e desordem delles lhes pode conceder, sem poderem evitar que não perezessem neste tumulto mais de mil, e novecentas almas, que tanto se achou per conta que mataram estes máos, e perversos homens, no que passaram a mor parte daquelle dia no qual a tarde

acodiram a cidade Aires da sylva Regedor, e dom Alvaro de castro governador, com a gente que poderão ajuntar de suas valias sendo ja quasi acabado, e pacifico o furor desta gente, cansada de matar, e desesperada de poder fazer mais roubos, dos que ja tinham feitos. Esta nova deram a el Rei na villa de Avis, indo Dabrantés visitar a Infante donna Beatriz sua mãe, que estava em Beja de que foi muito triste, e anojado, pelo que pera se prover em tamanha desordem logo dalli mandou o Prior do Crato, e dom Diogo Lobo, baram Dalvito com poderes, pera castigarem os que achassem culpados, dos quaes muitos forão presos e enforcados per justiça, principalmente dos naturaes, porque os estrangeiros com os roubos, e despojo que levavão se acolherão a suas naos, e se foram nellas cada hum pera donde era. Aos dous frades, que andarão com o Crucifixo pela cidade tirarão as ordens, e per sentença forão queimados. E el Rei mandou proceder por seu procurador contra os da cidade, e termo, e officiaes della de que muitos perderão os officios, e as fazendas, e contra a cidade, e termo foi dada sentença, a qual me pareceo de substancia pera se poer de verbo a verbo no capitulo seguinte.

## CAPITULO CIII

*Em que se relata a sentença que sobreste desastrado caso deu contra a cidade de Lisboa, e seu termo, e o demais que el Rei sobre isso fez.*

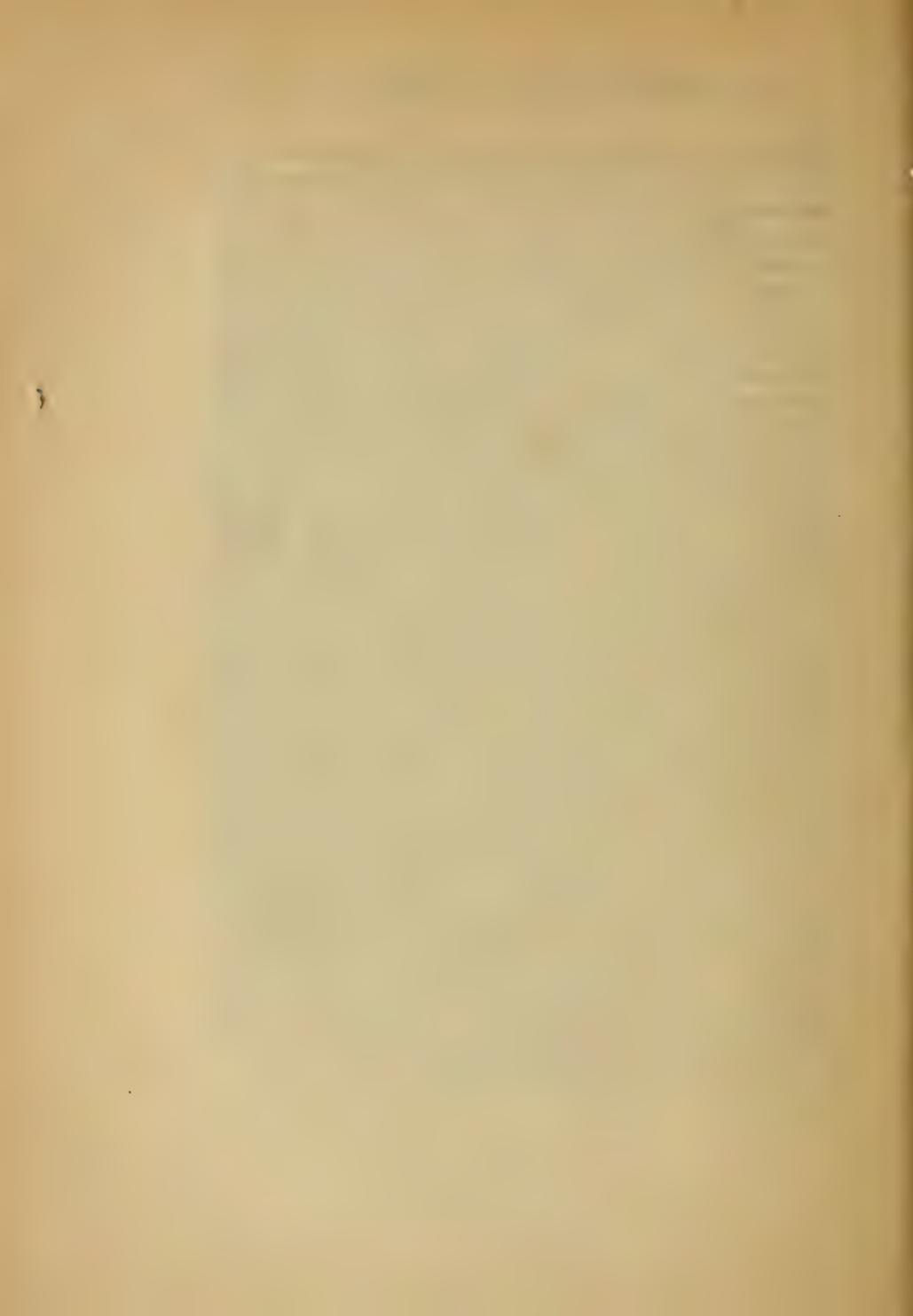
SABIDA por el Rei a uniam que se fezera em Lisboa determinou de dar logo sobrisso castigo aos culpados. Polo que em chegando a Beja se despedio com brevidade da Infante dona Beatriz sua mãi que de ahi a poucos dias faleceo na mesma cidade, e se veo a Evora pera alli sperar recado, e certeza do que passava em Lisboa, o que sabido, por a cidade estar impedida de peste se veo a Setuval, pera de mais perto, e com mor brevidade prover neste caso, donde por informações que teve de muita negligencia, que Aires da Sylva Regedor da casa da Supplicação, e dom Alvaro de Castro Governador da casa do civel de Lisbon, neste caso usarão, e assi os vereadores, lhes estranhou per suas cartas a todos o erro que em hum tal, e tão grave negocio cometerão, sobelo que el Rei logo mandou proceder, e se deu huma sentença, de que o theor he o seguinte.

Dom Emanuel pela graça de Deos, Rei de Portugal, &c. Fazemos saber, que oulhando nós os muitos insultos, e danos que em a nossa cidade de Lisboa, e seus termos forão cometidos, e feitos de muitas mortes de christãos novos, e queimamento de suas pessoas, e assi outros muitos males sem temor de nossas justicas, nem receo das penas em que cometendo os taes maleficios ençorriam, nam esguardando quanto era contra serviço de Deos, e nosso, e contra ho bem, e assossego da dita cidade, visto como a culpa de tão

inormes danos, e maleficios, não tão somente carregava sobre aquelles que o fezerão, e cometerão, mas carrega isso mesmo muita parte sobre os outros moradores, e povo da dita cidade, e termo della, em que os ditos maleficios forão feitos, porque os que na dita cidade, e lugares estavam se não ajuntarão com muita diligencia, e cuidado com nossas justiçaes, pera resistirem aos ditos malfeitores, o mal, e damno que assi andavam fazendo, e os prenderem pera averem aquelles castigos, que por tão grande desobediencia as nossas justiçaes merecião, e que todos os moradores da dita cidade, e lugares do termo em que forão feitos deverão, e erão obrigados fazer, e por assi não fazerem, e os ditos malfeitores não acharem quem lho impedisse, creceo mais a ousadia, e foi causa de muito mal se fazer, e ainda alguns deixavam andar seus criados, filhos, e servos nos taes ajuntamentos sem disso os tirarem e castigarem como theudos erão. E porque as taes cousas não devem passar sem grave punição, e castigo segundo a differença, e calidade das culpas que huns, e outros nisso tem. Determinamos, e mandamos sobre ello com o parecer de alguns do nosso conselho, e desembargo, que todas, e quaesquer pessoas, assi dos moradores da dita cidade, como defora della que forem culpados em as ditas mortes, e roubos, assi os que per sim matarão, e roubarão, como os que pera as ditas mortes, e roubos deram ajuda, ou conselho, allem das penas corporaes, que por suas culpas merecem, percão todos seus bens, e fazendas assi movens como de raiz, e lhes sejam todos confiscados perá coroa de nossos regnos, e todos os outros moradores, e povos da dita cidade, e termos della, onde os taes maleficios forão cometidos que na dita cidade, e nos taes lugares presentes eram, e em os ditos ajuntamentos, não andarão, nem comete-

rão, nem ajudarão a cometer nenhum dos ditos maleficios, nem derão a isso ajuda, nem favor, e porem forão remissos, e negligentes em não resistirem aos ditos malfeitosores, nem se ajuntarão com suas armas com nossas justiçaes, e poerem suas forças pera contrariarem os ditos males, e damnos, como se fazer devera, perção pera nós a quinta parte de todos seus bens, e fazendas, movens, e de raiz, posto que suas molheres em ellas partes tenham, a qual quinta parte será também confiscada perá coroa de nossos regnos. Outro si determinamos, e avemos por bem (visto o que dito he) que da publicação desta em diante não aja mais na dita cidade eleição dos vinte quatro dos mesteres; nem isso mesmo os quatro procuradores delles, que na camara da dita cidade soham destar pera entenderem no regimento, e segurança della, com os vereadores da dita cidade, e os nam aja mais, nem estem na dita camara, sem embargo de quaesquer privilegios, ou sentenças que tenham pera o poderem fazer, e bem assi polas cousas sobreditas devassamos em quanto nossa merce for o povo da dita cidade, pera apouentarem com elles, como se faz geralmente em todolos lugares de nossos regnos, ficando porem a renda da imposiçam pera se arrecadar, como ategora se faz, per officiaes que nós pera isso ordenamos, para fazermos della o que houvermos por bem, e nosso serviço. Porem mandamos ao nosso corregedor da dita cidade, e a todolos outros corregedores, juizes, e justiçaes a que pertence, e aos vereadores da dita cidade, e ao nosso apouentador mor, que assi o cumpram, e guardem em todo sem duvida, nem embargo que a isso ponhão, porque assi he nossa merce. Dada em Setuval a xxij. dias de Maio de mil quinhentos e seis annos.

Fim da Primeira Parte da Chronica do Felicissimo Rei dom Emanuel





SEGUNDA PARTE  
DA CHRONICA  
DO  
FELICISSIMO REY  
D. EMANUEL  
DA GLORIOSA MEMORIA,

A qual por mandado do Serenissimo Principe, ho  
Infante Dom Henrique seu Filho, ho Cardeal de  
Portugal, do Titulo dos Santos Quatro  
Coroados

DAMIAM DE GOES

Collegio & compoz de novo.

CAPITULO I

*Do Regimento que el Rei deu a dom Francisco dalmeida antes que partisse perá India.*

**N**o anno de M. D. V. como ja fica dito, ordenou el Rei de mandar dom Francisco dalmeida por governador a India, por Tristão da cunha a quem ja tinha provido deste cargo, adoe-

cer de doença de que por entam ficou cego, pera o qual negocio mandou el Rei chamar dom Francisco a Coimbra onde aquelle tempo estava com seu irmão dom George Bispo da mesma cidade, filhos de dom Lopo Dalmeida primeiro Conde Dabrantés. E porque el Rei dos negocios que ja erão passados na India entendia bem, que pera segurança della lhe era necessario mandar mor armada, e mais gente do que o ate então fizera, e capitão geral que naquellas partes residisse, ordenou que nesta fossem mil, e quinhentos soldados em dezaseis naos, e seis caravelas de que os capitães das naos erão o mesmo dom Francisco, dom Fernando de Sa, Fernão soares, Rui freire, Vasco dabreu, João da nova, Pero danhaia, Sebastião de sousa, Diogo correa, Pero ferreira fogaça, Lopo sanches, Phelipe rodrigues, Lopo de Deos capitão, e Piloto, João serrão, Antão gonçalves alcaide de Cezimbra, e Fernão bermudez castelhano, filho de Christovam bermudez, que foi preso no desbarato de dom Garcia de meneses Bispo devora, e degolado na villa de lobom em Castella, por ter a parte Portuguesa como na Chronica do Principe dom João, o trato per extenço. Das caravelas erão capitães Gonçalo vaz de goes, Gonçalo de paiva, Lucas da fonseca, Lopo chanoca, João homem, e Antão vaz. A dom Francisco dalmeida fez el Rei muitas merces, por aceitar este cargo sem nisso fazer duvidas, nem mostrar agravos polo ter dado a Tristão da cunha primeiro que a elle, e o mesmo fez a dom Lourenço dalmeida seu filho que comsigo levou a India. Poucos dias antes que esta armada partisse, deu el Rei regimento a dom Francisco do que avia de fazer, assi no discurso da viagem, como depois de ser na India, das forças do qual (por ser o primeiro que se deu a Governador, e Vicerei da India) farei aqui hum breve sumario. Primeiramente

lhe mandou entre outras cousas, que de caminho trabalhasse por fazer huma fortaleza em Çofala, de que tinha dado a capitania a Pero danhaia, que com elle mandava com navios, e gente que pera isso ordenara, no fazer da qual fortaleza usaria com o Xequé da terra toda a amizade, e bem querença que lhe fosse possivel, deixando-o livremente usar, e gozar dos direitos, que acostumava receber dos mercadores que aquelle seu porto vinhão, e que quantos mouros alli achasse resgatando captivasse, e lhes tomasse o ouro que tivessem resgatado, e que se o Xequé disso se queixasse, lhe dicesse que o fazia por elles terem continua guerra com os Christãos, e lhes tomarem seus bens, e os captivarem onde quer que o podiam fazer, pelo que licitamente lhes podia fazer a mesma guerra. E que como a fortaleza fosse posta em altura que se podesse defender, partisse pera Quiloa, onde ordenava, que se fizesse outra fortaleza, ao qual lugar, em chegando, mandaria pedir a el Rei as pareas que devia, e que dando-lhas, o tratasse como amigo, e querendo fazer resistencia lhe fizesse guerra, como a imigo, e per força fizesse a fortaleza de que tinha provido da capitania Pero Ferreira Fogaça, e dalcaidaria mór Duarte de Mello, na qual deixaria a gente que fosse necessaria, e huma caravella, e hum bargantim pera guarda da costa, e que com a mór brevidade que lhe fosse possivel partisse dalli pera chegar á India a tempo que podesse dar carga ás naos que avião de tornar pera o regno: e que antes de partir, ou depois, per qualquer navio da terra, mandasse a el Rei de Melinde per hum dos degradados que com elle hião, as cartas que lhe levava, e lhe screvesse o que passara em Quiloa, e de sua parte lhe fizesse muitos offerecimentos, como a bom amigo. Allem disto que como partisse de Quiloa,

mandasse dous bargantis, que sem entrar no estreito do mar de Arabia corressem toda a costa, ate o cabo de Guardafum, pera lhe trazerem novas a Anchediva de tudo o que achassem naquella costa, na qual ilha lhe mandava que fizesse huma fortaleza, de que hia provido por capitão Emanuel Paçanha, onde da madeira que levava, mandaria fazer as galés do modo que lho dera per regimento: e pera provedor desta obra ficasse alli João Serrão. O que feito, e a fortaleza posta em altura que lhe parecesse defensavel se partisse pera Cochim, deixando a Emanuel paçanha duas caravellas das que levava, e se lhe parecesse necessario deixar-lhe mais alguns navios o fizesse, e que de Anchediva fosse sempre de longo da costa ate Cochim, pera ver se podia tomar algumas naos de Calecut, ao qual rei faria sempre crua guerra, polo ter por imigo capital, mas que aos de Cochim, e de Cananor favorecesse sempre como amigos, aos quaes daria suas cartas, e presentes que lhe levava, com os offercimentos que lhe parecesse necessarios: o que feito trabalharia de despachar as naos que avião de tornar pera o regno, de que serião capitães, Rui Freire, Fernão Soarez, e Sebastião de Sousa. E que sabida a carga que podia aver em Cochim pera as naos, se passasse logo a Coulam com as outras naos, pera as lá fazer carregar, e as cartas que levava pera o Rei da terra lhas desse, estando elle ahi, e que sobre tudo trabalhasse por aver licença del Rei pera ahi fazer huma fortaleza. E que em qualquer lugar destes que as naos tomassem carga, que tanto que tres fossem prestes lhes daria capitães, e as despacharia sem mais esperarem pelas outras, o que trabalharia que fosse sempre de todas no mes de Janeiro, e que despachadas aquellas que no Janeiro seguinte avia de mandar com carga pera o regno, se

fosse ao mar de Arabia, deixando providas as fortalezas de Cochim e Anchediva, e que na boca delle, onde lhe milhor parecesse fezesse huma fortaleza pera impedir a navegação aos mouros de Meca pera a India, na qual acabada deixaria por capitão Emanuel paçanha, que consigo levaria de Anchediva, e por alcaide mor Fernam sanchez, aos quais deixaria todas as munições de guerra, e navios que lhe fossem necessarios, segundo a calidade do lugar: lembrando-lhe quam longe ficavam de socorro: o que tudo feito se tornaria pera a India, onde como chegasse mandaria fazer a fortaleza de Coulam (se pera isso podesse aver licença do Rei) na qual ficaria por capitão Lourenço de britto. E que quanto a el Rei de Calecut, que se lhe mandasse commeter paz que lha outrogasse sendo el Rei de Cochim disso muito contente, mas que fazendosse a tal paz seria com condiçam, que todos os mouros de Meca se saíssem da cidade, dando el Rei de Calecut pera firmeza da tal paz, todos os arrefens, e seguranças necessarias, e que quando tornasse do mar de Arabia pera a India, fezesse da sua armada as frotas que lhe parecesse, mandando com ellas correr as costas de Chaul, Dabaul, Cambaia, e Ormuz. E que com todos os Reis, que quisessem com elle paz a fezesse, pondo-lhe os tributos que honestamente podessem pagar, e que lhe encomendava, que tratasse muito bem todos os Christãos, que em aquellas partes ouvesse, e assí mesmo aos que se convertessem a Fé, de qualquer lei, e seita que fossem. E que se lhe parecesse bem dar alguns assentamentos aos senhores, e pessoas principaes daquellas provincias o fezesse, segundo a calidade de cada hum delles: e que sobre tudo, pela grande confiança que delle tinha lhe dava poder pera prover, assi nas cousas da justiça, como nas da sua fazenda,

o que lhe encomendava que fizesse de maneira, que fosse inteiramente guardado seu serviço, e a justiça conservada, e feita a todos geralmente: o que cumprindo, alem do que era obrigado, pelo cargo que tinha, lhe faria nisso mui grande serviço.

## CAPITULO II

*Do que dom Francisco Dalmeida passou do dia que partio do porto de Bethalem, ate chegar a Quiloa, e o que ahi fez.*

**P**RESTES a armada, sendo el Rei presente, partio dom Francisco Dalmeida do porto de Bethalem aos xxv. dias do mes de Março de mil, e quinhentos, e cinco, sem a nao de Pero Danhaia, por quanto se perdeu no mesmo porto com tormenta. Pela qual razam na fim do regimento que el Rei deu a dom Francisco lhe mandou que nam toquasse em Çofala, mas que rota batida se fosse a Quiloa fazer a fortaleza, que lhe ahi mandava que fizesse. Partida a armada, com mui bom tempo chegou dom Francisco ao porto Dale, na costa de Guine, onde se deteve nove dias, fazendo augoada, e foi alli bem festejado do Rei da terra. O que acabado se fez a vela aos xxv. dias do mes de Abril, e sendo ja quasi junto da linha Equinocial lhe sobrevierão calmarias que duraram catorze dias. Andando assi neste trabalho per conselho, e parecer dos outros capitães, porque algumas destas velas erão zorzeiras, e não podião ter com as outras partio a frota em duas capitancias, tomando pera a sua treze naos, e a caravella de Gonçalo de paiva, e das naos de Lopo Sanches, e de Se-

bastião de Sousa com as cinco caravellas deu a capitania a Emanuel paçanha sogro de Sebastião de Sousa, em cuja nao hia provido da fortaleza que se avia de fazer em Anchediva. Separadas estas capitánias, passarão todos juntos a linha, aos vintanove dias do mes de Abril na qual derrota depois das frotas serem ja apartadas huma da outra, a nao de Pero ferreira fogaça, com calmarias, e vanzear, por ser muito velha, fez duas vezes agoa de que na derradeira se foi ao fundo, sem della se salvar mais que a gente, e huma arca de prata da capella de dom Francisco dalmeida. Passada esta calmaria, seguindo sua viagem, os pilotos per ma navegação com medo do cabo de boa Sperança, se poseram em altura de quarenta graos, da banda do Sul, onde por ja ser neste tempo Inverno naquellas partes, acharão os dias mui pequenos, com tantos frios, e neves que as pas a lançavam fora das naos, com o qual trabalho dobrou o cabo aos xxvi. dias do mes de Junho, cento, e setenta, e cinco legoas a la mar, e chegandosse o mais que pode a terra, lhe deo aos dous dias de Julho huma tão iorte trovoadá, que rompeo as velas da sua nao, e as de Diogo correa, da qual nao de Diogo correa cairão tres homens ao mar, de hum dos quaes que se salvou porei aqui hum caso espantoso, pera exemplo de todo o Principe, Rei, e senhor, por grande que seja, fazer que seus filhos saibam a arte, e exercio do nadar, com o qual muitos se salvaram de grandes perigos, e outros polo não saberem se afogaram em pequenos vaos. Este homem se chamava Fernam lourenço, que como cahio da nao, em surdindo arriba dagoa, alevantou hum braço pera que o vissem, e dixee a alta voz, que mandassem ter tento nelle ate pela manhã, porque ate entam se atrevia nadar, o que o capitão fez, e foi ao outro dia toma-

do. Nesta tormenta se perdeu da frota a nao de loam Ferrão, per cujo respeito dom Francisco andou ao paio alguns dias, mas vendo que não apparecia, mandou seguir viagem, e aos xviii. dias do mes de Julho virão as ilhas primeiras, donde logo despedio Gonçalo de Paiva pera Moçambique a saber se as armadas de Francisco Dalbuquerque, e Afonso Dalbuquerque, e Lopo Soarez passarão pera o regno, e o que lhes em suas viajens acontecera. O que feito se partito rota abatida pera Quiloa, onde chegou aos xxij. dias de Julho, e porque a nao de Gonçalo de Paiva lhe ficava a ré, sendo dom Francisco ja a vista de Moçambique, mandou ao mesmo negocio Fernão Bermudez. Surta a armada na barra de Quiloa, dom Francisco mandou visitar el Rei por João da nova, mas elle com receo dos erros que tinha cometido contra os nossos depois da visitação se sahio da cidade, o mais secretamente que pode, ficando nella Mahamed anconij, de quem fiz menção, quando o Almirante dom Vasco da Gama alli veo ter. Com este Mahamed anconij fezerão corpo os que ficarão na cidade, em que averia mil, e quinhentos homens de peleja, com tenção de se defenderem. Dom Francisco vendo que el Rei lhe não vinha fallar como lhe mandara dizer per cinco mouros, que com receo do que ja suspeitava não quis deixar tornar a terra, ao outro dia pela manhã vinta tres dias de Julho, vespóra do dia do Apostolo Sanctiago deu na cidade com trezentos homens, e dom Lourenço seu filho com duzentos desembarcando elle na parte que estava defronte da frota, e dom Lourenço defronte das casás del Rei, chegarão a praia a tempo que batia a agua nas casás, por ser preamar onde logo dom Francisco sahio primeiro que todos em terra, com a bandeira Real que lavava Pero Cã, que servia dalferes, e apos

elle os outros capitães, sem acharem resistencia, o que parecendo cilada mandou que mui atento entrassem pela cidade, na ordem que lhes pera isso deu na qual acharão ainda alguma gente tão desordenada, que sem nenhum perigo chegaram a humas casas del Rei, que estão no cabo della, onde dom Francisco achou já seu filho dom Lourenço, que ate alli viera sem achar quem lho estorvasse. Mahamed anconij como sua tenção era não pelejar com os nossos na mesma hora que desembarcarão se sahio da cidade com a mais gente de guerra que nella avia. Em dom Francisco chegando ás casas del Rei mandou logo quebrar as portas que estavam fechadas, e cuidando que estivesse el Rei nellas dixeu a dom Lourenço que entrasse dentro, e o prendesse, e lho trouxesse vivo, mas dom Lourenço o nam achou nos paços, e dalguns mouros que se alli acolherão, que pera sua salvação poserão huma bandeira das quinas em huma torre dos paços, soube que era fogido. Acabado este negocio dom Francisco se foi aposentar em huma das milhores casas da cidade, que estavam sobelo mar, dando logo licença á gente que a fosse saquear, defendendo-lhe que com tudo nam possesse fogo a cousa nenhuma, e que tudo quanto achassem de preço metessem em humas casas junto das suas, pera se depois repartir per todos, o que se assi fez de muitas mercadorias, e algumas cousas douro, e prata, tomando dom Francisco pera si huma só frecha, dizendo que pera elle aquillo abastava. Avida esta pacifica victoria, armou dom Francisco Dalmeida alguns cavalleiros, de que hum foi Fernam Perez Dandrade, pessoa que depois na India, e em outras partes fez assinados serviços a estes regnos. E logo ao outro dia começou a fortaleza nas mesmas casas em que pousava, por estarem em lugar proprio pera o

tal edificio, por a agoa bater nellas, pera segurança do que mandou derribar tantas casas vezinhas a esta, quantas lhe pareceo necessario, de modo que fez hum mui espaçoso terreiro, por onde a artelharia podia varejar huma boa parte da cidade, e per honra do bemaventurado Apostolo Santiago, em cujo dia esta fortaleza começou lhe pos o nome da sua avocaçam. Neste mesmo dia, sabendo dom Francisco que Mahamed anconij estava com a gente, que se com elle sahira perto da cidade, lhe mandou dizer per João da Nova, que sua tençam era fazel-o Rei de Quiloa, que se podia tornar, e de sua parte dizer o mesmo a todos que fugirão, que elle lhes dava pera isso licença, e os teria, e manteria em justiça como a vassallos del Rei de Portugal seu senhor, a cuja obediencia aviam de ficar, com muitas mais liberdades, e privilegios do que tinham em poder do tyranno que era fugido, com o qual recado se tornaram todos pera cidade em dia de Sancta Anna, vinta seis dias do mes de Julho, vindo Mahamed anconij em hum fermoso cavalo, que lhe dom Francisco mandou concertar a gineta, com jaezes douro, e prata, e todos outros a pé, indo diante Gaspar, dizendo a alta voz em lingua Arabiga, este he o vosso Rei a elle aveis de obedecer em nome del Rei dom Emanuel de Portugal nosso Senhor, cujos vassallos todos sois. E desta maneira andou per todas as ruas principaes da cidade ate chegar as casas onde se fazia a fortaleza, porque alli o estava sperando dom Francisco Dalmeida no terreiro, em hum cadafalso emparamentado de panos douro, e de seda, no qual lugar a vista de todo o povo, e de mais da nobreza daquella cidade, pondolhe huma coroa de ouro na cabeça, que levava para el Rei de Cochim, o alevantou por Rei de regno de Quiloa, e elle jurou em sua lei de ser leal aos Reis

de Portugal, e de ser seu vassallo, com o trebutto que ja era posto aos reis daquelle regno de Quiloa, o que assi solemnizado, dom Francisco o corooou, e lhe entregou o regno, do que mandou fazer estromentos publicos em lingua Arabia, e Portuguesa, que mandou a estes regnos assinados por el Rei, e polos principais da terra, que a este auto foram presentes, e por elle, e por todos os capitães da frota, e pessoas nobres que nella hião, os quaes devem ser perdidos como o sam outras muitas cousas dignas de memoria por se nam lançarem na torre do tombo como em seu proprio, e ordenado lugar. Feito este auto dom Francisco Dalmeida levou el Rei Mahamed anconij aos paços, onde o deixou com muito contentamento dos da cidade, e dos nossos, pollo elle mesmo merecer, e pelas boas partes que nelle avia. Estando os negocios neste termo chegaram de Moçambique Gonçalo de Paiva, e Fernão Bermudez com novas de estar a terra pacifica, e cartas que lhe o Xequo dera de Francisco Dalbuquerque, e de Lopo Soarez, em que davam aviso aos capitães que per alli pssassem do termo, e estado que deixavam as cousas da India. E logo dahi a poucos dias, que foi aos tres dias do mes Dagoito chegou a Quiloa Ioam Ferrão capitão da naobota fogo, que com tormenta se perdera desta armada, como atras fica dito. Iuntas estas naos, e procedendo a obra da fortaleza, el Rei Mahamed anconij veo visitar dom Francisco, e lhe pediu os mouros que na entrada da cidade foram captivos, os quaes lhe dom Francisco Dalmeida mandou dar todos allem do que lhe dixee, que elle fora tamanho amigo del Rei Alfudail, que o tyranno Abrahemo matara, que se ainda fora vivo lhe dera o regno de sua propria, e livre vontade, com as condições que o recebera, mas ja que era morto lhe quisesse conceder, que per mor-

te delle Mahamed anconij, ficasse o regno a hum filho do dito Rei defunto, posto que elle mesmo tivesse filhos que podiam soceder, e que antes que se dalli o fosse o fizesse jurar por Principe, pera o que o mandaria logo vir, e o teria consigo como a proprio filho. Dom Francisco lhe concedeo o que pedia espantado, assi elle, como todolos da frota, e os da terra, de huma tamanha, e tam desacostumada virtude. Polo que mandou logo Ioam da Nova por este filho del Rei Alfudail que estava terra firme, mea legoa da ilha, e o fez jurar por Principe herdeiro do regno de Quiloa, por falecimento del Rei Mahamed anconij, que a este tempo seria homem de setenta annos. O que tudo acabado, e a cidade pacifica, ficando ja a fortaleza em altura que se podia mui bem defender, Dom Francisco Dalmeida partio de Quiloa vespóra do bemaventurado São Lourenço, nove dias do mes Dagosto, para ir sobre Mombaça, deixando regimento a Pero Ferreira Fogaça, que hia provido da capitania desta fortaleza do que avia de fazer, e cartas pera Emanuel Paçanha capitam da frota que na viagem se separara da sua em que lhe mandava que tanto que alli viesse partisse logo pera Mombaça, e que se o ahi não achasse se fosse perá India, ou pera Melinde, sabendo que estava ahi, e que por guarda daquella costa deixasse em Quiloa Gonçalo Vaz de Goes na sua caravela, e hum bargantim que se depois avia de armar.

## CAPITULO III

*Do que dom Francisco Dalmeida fez em Mombaça, e como depois de a tomar, e queimar, partio pera Melinde, e dahi pera a India.*

QUATRO dias depois de se dom Francisco Dalmeida fazer a vela de Quiloa chegou a boca da barra de Mombaça, donde como surgio mandou logo Gonçalo de Paiva que a fosse sondar com dous mouros pilotos que troxera de Quiloa, e indo sondando chegarão a hum baluarte, do qual lhe tiraram duas bombardadas, de que a huma lhe passou o costado da caravella, ao que respondendo com a sua artelheria, tratou o baluarte de maneira que o fogo se acendeo nelle, e os que o guardavam fugiram perá cidade, o que feito se tornou com recado a dom Francisco que podia entrar sem perigo por a barra ter fundo pera isso. Surto diante da cidade, mandou per hum dos pilotos mouros recado a el Rei de Mombaça que sua vinda era alli, não pera lhe fazer guerra senam pera o poer a obediencia del Rei de Portugal seu senhor, cuja amizade se quisesse seria tratado com a mesma honra, e favor que o eram muitos reis, e senhores Dafrica, e da India seus vassallos, e amigos, os quaes acostumava favorecer e defender, e fazer guerra a todos os que lha a elles faziam. Este piloto mandou dom Francisco Dalmeida a Ioam da Nova que levasse no seu batel, o qual antes de chegar a terra falou em sua lingua com alguns mouros dos que estavam na praia, dizendo-lhe que levava recado de paz, que se lhe el Rei desse licença, lhe iria fallar, ao que lhe responderam que se

saisse em terra o fariam em pedaços, que dicesse ao capitão, que avia muita diferença dos cavaleiros de Mombaça ás galinhas de Quiloa, e que em tempo estava pera o experimentar, cada vez que quisesse sair com sua gente em terra. Dado este recado, mandou dom Francisco de noite Ioam da Nova no seu batel, e outro capitão pera lhe tomarem lingoa, como tomarão, e acertou de ser hum criado del Rei continuo de sua casa, ao qual dom Francisco prometeo liberdade se lhe dicesse a verdade do que el Rei determinava, e se achasse o contrario, o mandaria enforcar. O mouro se lhe lançou aos pés, e dixe que el Rei de Mombaça, como soubera as novas da tomada de Quiloa, se começara de aperceber, e que pera isso tinha ja na cidade quatro mil soldados, e muita artelharia assentada no muro, e torres, e que alem desta gente esperava ainda dous mil homens. Com esta nova, e com a resposta que da praia deram ao piloto mouro, teve dom Francisco a guerra por certa. Polo que logo ao outro dia, que era vespora da Assumpção de nossa Senhora, per conselho de Fernam Soarez, mandou poer fogo a cidade per duas partes, de que arderão algumas casas posto que sua determinaçam fosse de a cometer per assalto, antes de lhe poerem fogo, do que foi contrariado dos mais dos capitães da frota, porque a cidade era mui grande, e nella avia muita gente de peleja. O fogo se ateou de longo da praia, de maneira que dom Lourenço, e Fernam Soarez que o foram poer nam poderam sperar nella, e se recolheram aos bateis, e de ahi as naos. Antes que o fogo se posesse ouve assaz de resistencia da parte dos imigos, em que morrerão delles mais de setenta, e dos nossos morrerão hum criado de dom Francisco, per nome Francisco Serrão, e hum bombardeiro, e foram muitos feridos. No

mesmo dia que se pos o fogo a cidade assentou dom Francisco de acometer ao outro, polo que duas horas ante manhã sahio defronte donde estava surto, e com elle dom Francisco de Sá, e Lourenço de Brito, Rui Freire, Gonçalo de Paiva, Phelipe Rodriguez, Fernão Bermudez, Antam Gonçalvez, e a gente da nao de Ioam Serram, por quanto elle estava ferido. Na outra parte da cidade desembarcou dom Lourenço, e com elle Fernam Soarez, Diogo Correa, e Ioam da Nova, e posto que tão cedo fosse poderam enxergar dos bateis com a claridade do fogo, que ainda durava, que não havia gente na praia: com tudo receando-se dom Francisco que fosse cilada não quiz desembarcar senão em amanhecendo, então sahio em torra com a bandeira Real que levava Pero Cão. Dom Lourenço pojou na parte que lhe era assinada, e entrando pelas ruas, por serem muito estreitas recebião grande damno de pedras, zagunchos, e lanças darremesso que lhe lançavão homens, e molheres das janelas, e terrados das casas, tanta quantidade que foram forçados se acolherem debaixo das sacadas, sem se poderem servir a sua vontade das bestas, e espinhardas que levavam, com tudo debaixo destas sacadas tiravão aos que estavam nas janelas, e terrados, mas nem por isso deixavam de lançar de riba tantas pedras, e penedos, que nenhum dos nossos ousava dandar pelo descuberto das ruas, do que constangidos determinaram de cometer a porta de huma casa donde duas molheres Cafras de nasçam, e alguns mouros com ellas lhes faziãc muito damno, a qual porta arrombada, sobiram a casa com assaz perigo, mas quis Deos que com huma seta atravessou hum besteiro a garganta de huma destas Cafras, de que logo cahio morta do que espantados os outros começaram a fugir per cima dos terrados, seguindo-lhes

aquelles, que dos nossos sobirão o alcance, ate os lançarem fora do lanço daquella rua. Pelo que os que estavam debaixo das sacadas, começaram de caminhar adiante, mas em chegando ao começo doutra rua, sendo ja passado adiante dom Lourenço antre elle, e o esquadram de Ioam da Nova derribaram os mouros huma parede velha, que lhes tomou o passo da rua, pelo que o Guião de Ioão da Nova per nome Vaqueiro, se deteve, o que assi fizeram todolos que vinham atras, vendo sobrestar o Guião, na qual detença foram tambem servidos de tiros darremesso, e pedras dos terrados, e janelas das casas que se muito estiveram não podera ser sem grande perigo. O que vendo o contramestre da nao de Ioão da Nova determinou de sobir arriba as casas com dous seus companheiros, hum chamado Rui Fernandez que depois foi seleiro del Rei, e outro Ioam Lopes que foi seleiro do Cardeal dom Afonso seu filho, os quaes todos tres quebrando a porta de huma dellas sobiram arriba, e ao sobir da escada por serem poucos acharam assas de resistencia, e foram mui maltratados, se tras elles nam sobiram Fernão Perez Dandrade, e o feitor, e scrivão da nao de Ioam da Nova, e Duarte Fernandes que depois foi thesoureiro do thesouro del Rei, e outros que fizeram fogir os mouros deterrado em terrado, ate de todo despejarem a rua. O que feito passaram adiante, onde os dom Lourenço encontrou, que sabendo o perigo em que estavam, tornara atras a socorrellos, e assi todos juntos chegaram aos paços del Rei que ja era fogido nos quaes acharam Fernam Bermudes, que bradando de hum terrado, Portugal, Portugal, dixе a dom Lourenço que dom Francisco seu pai era passado adiante, e o mesmo lhe dixе Rui Freire que achou a porta dos mesmos paços, e lhe amostrou a rua per onde fora, o qual dom Francisco

antes disso guiado pelo mouro que João da Nova tomara chegou quasi ate os paços del Rei sem achar resistencia, mas dalli por diante achou alguma, com tudo chegou a elles sem dos seus ser ferido nenhum, onde ja nam achou el Rei, por que sabendo como a cidade era entrada, e que os nossos eram ja jntos as ruas vezinhas aos paços, se sahio delles, fogindo pera huns palmares, onde se fez forte. Pelo que vendo dom Francisco como os paços erão despejados, deixou per guarda delles Fernão Bermudez, Rodrigo Rabelo, e Rui Freire, com a gente de suas capitãias. E passando adiante em busca de seu pai o achou bem travado com os imigos, com cuja vinda, e socorro foi mui ledo, dando logo Santiago nos mouros, com tanto esforço, que forão constrangidos deixar a rua, e acolherem-se pera huns palmares, onde el Rei estava. O que feito dom Francisco mandou a dom Lourenço que se fosse pera os paços, e possesse guarda no que nelles avia, e pera lhe mostrar as casas, e lugares onde el Rei tinha seus thesouros, e recamera mandou com elle o mesmo mouro que tomara Ioam da Nova, que por ser criado del Rei sabia mui bem onde todas estas cousas estavão, e elle se foi com sua gente dar huma vista á cidade, e vendo que de todo era despejada se tornou aos paços del Rei, onde ja estava dom Lourenço, sem nelles achar o thesouro que cuidava, nem cousa que fosse destima. Isto seria ao meo dia, a qual hora estavam ja alli todolos capitães, aos quaes depois de comerem, e tomarem hum pouco de repouso, mandou dom Francisco que fossem saquear a cidade, e que o despojo se levasse as naos, para se depois partir per todos, o que se assi fez. El Rei de Mombaça, vendo o erro em que cairá, em se dom Francisco recolhendo pera cidade, lhe mandou pedir paz, a qual nam ouve efeito, posto

sobrisso fossem, e viessem alguns recados. Na cidade forão achadas muitas bombardas de ferro, e outras munições de guerra, que levarão a frota, com todo o mais despojo. Morrerão dos da cidade mais de mil, e quinhentas pessoas como se depois soube. E ficarão captivos duzentos, em que entravão molheres muito alvas, e fermosas, e estes todos escolhidos, entre mais de dous mil que captivarão, porque aos outros deu dom Francisco liberdade, e entre os captivos foram os senhorios de tres naos de Cambaia que estavam varadas diante da cidade. Dos nossos morreram cinco homens da companhia de dom Lourenço, e foram muitos feridos, dos quaes hum foi dom Fernando de Sa, de huma frechada no dedo polegar do pe direito, que lho passou, da qual ferida por a seta ser ervada morreo dahi a poucos dias. Depois da cidade ser saqueada, em se dom Francisco recolhendo lhe mandou poer outra vez o fogo, de que ardeu toda, e por o vento lhe ser contrario mandou toda a frota á toa, fora do porto, em que se deteve sete dias, no qual tempo chegou alli Vasquo Gomes Dabreu, que se esgarrara da armada. Postas as naos de largo, dom Francisco tomou sua derrota pera Melinde, mas não pode tomar a cidade: porque a corrente o levou a huma angra que esta abaixo oito legoas, per nome de S. Helena, na qual achou as caravelas de Ioam Homem, e Lopo Chanoca, que eram da armada que se apartara da sua, como fica dito, de que dera a capitania a Emanuel Paçanha. Mas Ioam Homem, nem Lopo Chanoca nam achou, porque eram idos por terra a Melinde buscar mantimentos, e dos que achou nas caravellas soube que com tormenta se apartarão da outra armada, e que João Homem descobrira antes de chegar ao cabo da boa Sperança tres Ilhas, dez legoas huma da outra, a que posera nome a hu-

ma sancta Maria da graça, e a outra S. George, e a terceira sam Ioam, muito frescas, e de muitas agoas, e arvoredos, onde fezera augoada, e tomara muito pescado, lobos marinhos, e aves pera provisão da viagem, de que então tinha muita necessidade, e que daquella ilha viera ter a de Zamzibar, onde lhe o Rei fezera muita honra, e outros muitos offerecimentos, e lhe mandara muitas fruitas, e refrescos da terra, vacuas, carneiros, e galinhas em presente, mostrandosse muito grande servidor del Rei dom Emanuel. Dom Francisco posto que muito desejasse de se ver com el Rei de Melinde, o não pode fazer, por lhe o vento nam servir, pera poder chegar com a frota a cidade, e por não poder sperar mais, porque se lhe passava o tempo, mandou dalli Fernão Soarez, e Diogo Correia visitar el Rei com um presente que lhe maddava el Rei dom Emanuel, com os quaes se tornaram Ioam Homem, e Lopo Chanoca, e com elles veo hum irmão del Rei, por quem mandava visitar dom Francisco com refrescos da terra, e outros presentes. Desta angra quisera dom Francisco ir a cidade de Magadaxo, para a destruir, mas per conselho, e parecer dos capitães, e pilotos o nam fez, porque era fora de seu caminho, e podera por esse respeito pasarselhe o tempo da navegação da India, pelo que se partio desta angra aos xxvij. dias Dagoſto, no qual dia faleceo dom Fernando de Sa da setada que lhe deram em Mombaça, pelo que deu a capitania de sua nao a Rodrigo Rabello, e seguindo viagem com tempo galerno, chegou a Ilha de Anche-diva, aos treze dias de Setembro, do mesmo anno de M. D. V. em que partira de Portugal, onde achou cartas de Gonçalo Gil Barbosa feitor de Cananor que lhe deu hum messageiro Indio, a que os da terra chamam Patamares, porque avisava qualquer capitam

que alli chegasse, como tinha muita speciaría prestes para a carga das naos, e que se alli podessem esperar todo o mes de Septembro lhe viriam dar nas mãos tres naos de Meca muito ricas, e bem armadas que vinham pera Calecut. Dom Francisco despachou logo Ioam homem pera Cananor, Cochim, e Coulam a dar novas de sua chegada, e aviso das naos que avia de mandar pera o regno pera lhe terem a carga prestes, e a Lopo Chanoca, e Gonçalo de paiva mandou que vigiassem a costa de maneira que estas tres naos nam passassem. O que feito começou logo de edificar a fortaleza sobre alicerces de hum antigo edificio que achou na ilha junto do mar, e a par delles algumas cruces pintadas de preto, e vermelho em paredes, que pareciam serem em outro tempo de alguma ermida, ou igreja de Christãos. Na qual obra, assi nobres, como populares, trabalhavam todos cada hum per seu giro, pera ajuda do qual negocio lhes veo a preposito a chegada de Sebastiam de Sousa, em cuja nao vinha Emanuel paçanha por capitão da armada que dom Francisco apartou da sua antes de passar o cabo, como fica dito, e com elle Antam Vaz, porque Gonçalo vaz de goes ficara em Quiloa, polo assi deixar mandado dom Francisco, e de Lucas da Fonseca, nem de Lopo Sanches nam souberam dar novas, mas antes segundo os temporaes que passaram os tinham por perdidos. Com tudo Lucas Dafonseca invernou em Moçambique, e veo depois ter a India, mas Lopo Sanchez se perdeu entre o cabo das correntes, e a augoada da boa paz, onde morreo afogado, com todos que com elle hiam, salvo cinco homens que Pero Barreto, hum dos capitães da armada de Pero Danhaia, de que adiante tratarei, indo de longo da terra, tomou quasi meos mortos de fome. Per Emanuel paçanha soube dom Francisco como

Habrahemio Rei que fora de Quiloa, vendosse despossado do regno, tanto que elle partira ordenara per treição matar el Rei Mahamed anconij, pera o que mandou hum homem mui esforçado, o qual pondo em obra com muito animo o a que viera, ferira o Rei Mahamed anconij no bucho de hum braço, com huma agomia, de que nam perigou, mas o treidor foi logo preso, e esquartejado per justiça, com pregões ao modo deste regno, de que o Rei Mahamed ficou mui satisfeito, e os da terra mui timorizados.

#### CAPITULO IV

*De como el Rei de Onor, e Timoja, e o Alcaide de Cintacora mandarão pedir paz a dom Francisco dalmeida, e lha concedeo, e ae como o Rei de Onor a quebrou, e foi desbaratado.*

**D**ous dias depois da vinda de Sebastiam de Sousa, chegaram Lopo Chanoca, e Gonçalo de paiva com huma presa de zâmbuquos de mouros, em que traziam muitos captivos, e com elles entrou hum catur do Malabar, em que vinha hum portugues, com recado de Gonçalo gil barbosa, feitor de Cananor pera dom Francisco, de como das tres naos de Meca que speravam era chegada huma a Calecut, em que vinham quatro Venezeanos mestres dartelharia, que el Rei de Calecut mandara pedir ao Soldam de Babilonia, e que se fazia prestes pera a guerra, de que se arreceava por caso de sua vinda, e que em Cananor, Cochim, e Coulam averia vinte mil qintaes despecearia. Sabendo dom Francisco, como a nao de Meca era passada, tornou logo a mandar Lopo Chanoca, e Gonçalo de paiva a vigiar

as outras duas que esperavam. E com os mouros que tomaram nos zambucos povoou huma gale real, de duas que trazia lavradas de Portugal, de que deu a capitania a Ioam Ferram, por vir provido della per el Rei, encomendando lhe a guarda da costa com dous bargantis que se fizeram para andarem em sua companhia, de que eram capitães, Simão Martins, e Iacome dias. Neste tempo lhe veo recado de Merlao Rei de Onor, huma cidade que esta dalli oito legoas, situada ao longo de hum rio que se mete abaixo della no mar huma legoa, e mea, povoada de muitos mercadores mouros, e gentios. Este Merlao pagava pareas a el Rei de Narsinga, e consentia acolherse no porto desta Cidade hum armador gentio chamado Timoja, cossairo de toda a roupa de que atras falei, porque lhe pagava cadanno quatro mil pardaos de pareas das presas que fazia: os quaes sabendo como dom Francisco estava em Anchediva, lhe mandaram pedir paz com hum bom presente de mantimentos, que lhes logo concedeo. Deste messageiro soube dom Francisco que huma legoa dalli na entrada de hum rio estava huma fortaleza de mouros, chamada Cintacora, do regno de Dacam, em que averia mais de mil homens de pe, e de cavallo, e que o Alcaide desta fortaleza era vassallo do Cabaio senhor de Goz que tinha as vezes guerra com el Rei de Onor. Pello que partio o messageiro, mandou per Dom Lourenço sondar a barra deste rio, e com elle Sebastiam de Sousa, Ioam da nova, e Antam vaz, todos em bateis com bandeira de paz. Os quaes chegados ao rio acharão que na foz tinha tres braças da altura, e dentro cinco, e viram da entrada da barra a fortaleza sobre hum outeiro, de que logo deceram mouros a praia, que segundo o corpo que faziam seriam mil homens todos gente limpa, e bem armada a pe, salvo

oito que vinham em cavallos a bastarda muito fermosos, dos quaes o alcaide era hum, que vendo como os nossos hiam com bandeira de paz, foi receber dom Lourenço a praia onde logo a assentou com elle: a qual feita, o alcaide se recolheo a fortaleza, sem saber quem era dom Lourenço, mandando logo hum presente a dom Francisco de refresco, da terra, e dalli a nove dias mandou hum embaixador, pera confirmar esta paz, com dous zambuquos carregados darroz, e trigo, e outros mantimentos, a qual lhe dom Francisco confirmou, e deu seguro para poder tratar, e navegar pera onde quisesse. Alli naquella ilha Danchediva, antes que a frota sespalhasse, mandou dom Francisco vender em Leilam o despojo de Mombaça, e repartir per todos segundo a calidade de cada hum o que feito estando ja pera partir, viram os nossos atravessar huma nao a vista da ilha a que logo saíram alguns capitães nos bateis, com medo dos quaes os que hiam nella (que eram mouros) por se salvar poseram a proa em terra ja perto do riode Onor. Na qual os nossos acharam dezanove cavallos que quiseram levar nos bateis, por nam poderem desencalhar a nao, no que occupados, se alevantou subitamente tamanha tempestade, com que se ouveram os bateis de perder. Polo que contentandosse os nossos com nove que tinham ja embarcados se alargarão da nao, mas foi tanta a furia do mar, que os lançaram dos bateis para se salvarem em terra, onde ja acodiam alguns mouros de huma povoação que esta perto dalli a quem os capitães rogaram, que como vassallos del Rei de Onor cuja aquella terra era, e com quem o Governador estava de paz, lhes guardassem aquelles cavallos, e por o tempo lhes nam dar lugar pera mais, se acolherão a Anchediva, donde depois tornaram a buscar os cavallos mas os

Mouros lhe dixeram que el Rei de Onor mandara por elles. O que sabendo dom Francisco, se lhe aqueixou por ter com elle paz, a qual quebraria se os não tornasse, ao que el Rei respondeo, que pagaria os cavallos. Mas não comprindo com o que dezia, determinou dom Francisco de ir sobrelle, porque tinha ja pouco que fazer na fortaleza, a qual por estar de maneira que se podia defender entregou a Emanuel paçanha, e lhe deu artelharia, mantimentos, e oitenta homens Portugueses, e officiaes para a acabar. O que feito se partio para Onor, huma quinta feira xvj. Doutubro, e no mesmo dia a noite chegou a foz do rio, e a sesta pela manhã mandou a Fernão soarez que fosse no seu batel sondar o rio, no qual achou que nam podiam entrar senam caravellas, e outros navios pequenos, e dixe a dom Francisco que vira muitas naos varadas, e dellas tamanhas como as nossas, e que alguns mouros mercadores lhe pediram que as não queimasse, porque queriam paz com elle, e fariam com el Rei que pagasse os cavallos, com o qual recado esperou dom Francisco todo aquelle dia. Mas vendo que eram palavras o que os mouros dezia, mandou logo embarcar nos hateis, e esquifes, e em huma caravella seis centos homens, e com o luar que fazia foi ter ante manhã sobela cidade, da qual os moradores nam fizeram toda a noite senão despejar molheres, filhos, e fazenda pera se salvarem em huma serra perto do lugar: e bem quizeram todos que el Rei pagara os cavallos, o que elle não fez por ser mui cubiçoso; com tudo ao outro dia em amanhecendo foram dous mouros fallar a dom Francisco, dizendo-lhe da parte dos mercadores que queriam paz, e que fariam com el Rei que pagasse os cavallos, ao que respondeo que posto que lhos pagasse, que as naos que estavam no porto aviam de ser quei-

madras, porque sabia certo que estavam alli algumas de Calecut, o que os Mouros negaram, e se foram sem tornarem mais. Polo que mandou a dom Lourenço, que entre tanto que senão tomava concurião no que os Mouros deziã, saísse em terra com alguma gente, e queimasse as naos, como fez. O que vendo el Rei da serra donde estava, mandou a mor parte da gente que consigo tinha, que fosse ajuntar com os que ja mandara a cidade, pera a defenderem, os quaes todos faziam mostra de quatro mil homens, de que os mais eram frecheiros. Dom Francisco vendo que o corpo da gente dos imigos crecia, mandou da sua a dom Lourenço, pera que os fosse commetter, deixando-se estar nos bateis pera defender que não apagassem os imigos o fogo das naos, nem o que andava na cidade. Dom Lourenço achou os imigos em mui boa ordem, porque os adargados estavam diante emparando os frecheiros, e dalli tiravam a seu salvo, ferindo alguns dos nossos, o que vendo dom Lourenço, os esforçou, apertando tão rijo com os imigos, que os fez retirar para a fralda da serra. Dom Francisco que estava nos bateis, vendo que os imigos fugiam, temendosse que os nossos os seguissem mais do necessario, mandou dizer a dom Lourenço que se recolhesse, os imigos cuidando que era com medo tornaram sobrelles e andaram tanto as voltas ate que chegaram todos de mistura ao rio, onde os nossos acharam os bateis metidos pera dentro por nam ficarem em seco, que vazava a mare, o que foi causa de se embarcarem pela agoa. Com tudo dom Lourenço, com toda a mais companhia, se recolheu nos bateis a seu salvo, onde achou seu pai ferido de huma frechada que lhe deram ao recolher dos nossos no dedo polegar esquerdo. Isto acabado se tornou peras naos, deixando queimadas xiiij. das dos imigos, e

mortos xxij. e muitos feridos, e queimada grande parte da cidade, sem lhe matarem mais que hum só homem. E assi recolhido dom Francisco afrota, no mesmo dia a tarde lhe mandou el Rei dizer per Timoeja, e per dous mouros, que elle estava muito arrependido do que fezera, que queria pagar os cavallos, e fazerse vassallo del Rei de Portugal, do que elles mesmos ficarão por arrefens, dom Francisco lhes respondeo, que por então não podia assentar com elle paz, porque tinha muito que fazer a diante que depois que fosse em Cochim, mandaria seu filho, com quem a assentaria, e que pera segurança lhe deixava huma bandeira com as armas de Portugal, pera que a nossa armada lhe nam fizesse dâno, com aquil os messageiros se tornaram mui contentes pera cidade. O que feito dom Francisco partio para Cananor no mesmo dia, onde chegou a huma quarta feira xxij. dias Doutubro.

## CAPITULO V

*Do que João homem fez a huns mouros de Calecut que estavam em Couião e do que mais lhe aconteceu, e de como o governador dom Francisco dalmeida chegou a Cananor, e se chamou Vicerei.*

**D**A ilha danchediva mandou o Governador João homem a dar recado de sua vinda aos feitores de Cananor, Cochim, e Couião, como ja dixe, os quaes dados em Cananor e Cochim se foi a Coulam, onde soube do feitor Antonio de Sa, que avia na terra muita pimenta, e que ja fora carregada em trinta, e quatro naos de mouros de Calecut que alli estavam, se elle disse nam aqueixara a el Rei

mas parecendo a João homem que isto não abastava, como era cavaleiro, e mal sofrido lhe pareceo melhor outro conselho, que foi mandar tomar os lemes, e velas as naos dos mouros. O feitor sem cuidar no que se dalli podia recrecer, consentio no que Ioam homem fez o que poseram em obra com ajuda de Pero Raphael que ahi estava com a sua caravela, sem os mouros ousarem de lhe resistir com medo, que lhes metessem as naos no fundo. Tomadas as velas, e os lemes, João homem entregou tudo ao feitor, com que elle foi mui ledo, crendo que ficava seguro com penhores que lhe depois custaram a vida, como direi adiante. Isto feito Ioam homem se partio para Cochim em busca do Governador, a darlhe conta do que fizera, oqual nam achando ahi seguio avante, e na parajem de Cananor tomou duas naos pequenas de Mouros em que depois de os meter debaixo dacoberta pos em cada huma tres Portugueses, pera com este aparato ir receber o Governador que topou antes de dobrar o monte Deli, o qual vendo de subito as tres velas cuidou que eram imigos, porque sabia que não fora diante, mais que a caravella de João homem. O qual foi tam mofino, que em avendo vista do Governador se soltarão os mouros de huma das naos que hia afastada delle alamar, e mataram os tres Portugueses e se foram sem os poderem tomar, do que o Governador foi tam anojado, que logo lhe quisera tirar a capitania da caravela se não foram muitos fidalgos, que por elle rogaram, mas com tudo nunca João homem entrou mais em sua graça. Neste mesmo dia, que foi huma quarta feira xxij. dias Doubro, como fica dito, chegou o Governador ao porto de Cananor com determinaçam de deixar hi por feitor Lopo Cabreira, que para isso vinha provido de Portugal, e irse a Cochim carregar as naos que avia

de mandar pera Portugal. O que sabido polo feitor Gonçalo gil barbosa, lhe dixe que nam erão os mouros de Cananor homens para ahi ficarem Portuguezes sem fortaleza, porque por serem muito ricos, e poderosos tinhão tam pouca conta com el Rei, que lhe certificava que muitas vezes estiveram pera o matar, pelo medo que tinhão que os aviamos de lançar fora da India, e que em todos estes perigos nunca el Rei de Cananor lhe podera valer, e que pera isso tinha ja começados os alicerces, fazendo crer a el Rei, que eram para huma casa de feitoria, que fosse forte em que se podesse defender dos mouros. Estas razoens de Gonçalo gil barbosa pareceram bem ao Governador. Pelo que mudou o proposito que levava, de ir primeiro a Cochim, e fazer a fortaleza, e depois em Cananor, e em Coulam, o que assentado determinou de receber na sua nao hum embaixador del Rei de Narsinga que o alli esteve esperando alguns dias. Pela qual razam foi acordado por todos, que pois aquelle embaixador era de hum tamanho, e tam poderoso Rei e o Governador representava a pessoa del Rei de Portugal, que pera mor authoridade lhe chamassem dalli por diante Vicerei, e lhe falassem por senhoria, posto que pelo regimento que levava nam podesse usar desta dignidade, ate nam fazer fortalezas em Cochim, e Cananor, e Coulam, em lugar das quaes podiam suprir as de Quiloa, Anchediva, e Cananor, no que dom Francisco consentio por lhe parecer que compria assi a serviço del Rei. O que assentado mandou a Gonçalo Gil Barbosa, que trouxesse ao outro dia o embaixador a nao. Do estado, e poder do qual Rei antes que diga ao que mandou este embaixador, tratarei particularmente algumas cousas no capitulo seguinte.







# OBRAS PUBLICADAS

- I — HISTORIA DO CERCO DE DIU, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume (esgotada).....
- II — HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume (esgotada).....
- III — ETHIOPIA ORIENTAL, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes (esgotada).....
- IV — O INFANTE D. PEDRO, chronica inédita por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes.....
- V — CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I, (O CRU OU JUSTICEIRO) por *Fernão Lopes*, 1 volume.....
- VI — CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO, por *Fernão Lopes*, 3 volumes.....
- VII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes.....
- VIII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, VOL. I, II E III (VIII, IX E X).
- IX — DOIS CAPITÃES DA INDIA, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume.....
- X — ARTE DA CAÇA DE ALTENARIA, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes.....
- XI — APOLOGOS DIALOGAES, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 3 volumes.....
- XII — CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....
- XIII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO V, por *Ruy de Pina*, 3 volumes.....
- XIV — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II, por *Garcia de Resende*, 3 volumes.....
- XV — VIDA DE D. PAULO DE LIMA PEREIRA, por *Diogo do Couto*, 1 volume.....
- XVI — CHRONICA D'EL-REI D. SEBASTIÃO, por *Fr. Bernardo da Cruz*, 2 volumes.. ..
- XVII — JORNADA DE AFRICA, por *Feronymo de Mendonça*, 2 volumes.....
- XVIII — HISTORIA TRAGICO-MARITIMA, por *Bernardo Gomes de Brito*, VOL. I A XII.....
- XIX — JORNADA DE ANTONIO D'ALBUQUERQUE COELHO, por *João Tavares de Vellez Guerreiro*, 1 volume..
- XX — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO HENRIQUES, por *Duarte Galvão*, 1 volume.....
- XXI — CHRONICA D'EL-REI D. SANCHO I, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....
- XXII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO II E DE EL-REI D. SANCHO II, por *Ruy de Pina*, 1 volume....
- XXIII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO III, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....
- XXIV — CHRONICA D'EL-REI D. DINIZ, por *Ruy de Pina*, 2 volumes.....
- XXV — CHRONICA D'EL-REI D. MANUEL, por *Damião de Goes*, VOL. I A III. ....

## EM PUBLICAÇÃO

CHRONICA D'EL-REI D. MANUEL, por *Damião de Goes*, VOL. IV

phi.6.67

DP  
604  
G6  
1909  
v.3

Goes, Damião de  
Chronica d'el-rei  
D. Manuel

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

